

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

GABRIELA COSTA ARAUJO

**(RE)ENCONTRANDO O *DIÁLOGO DE BONECAS*:
O BAJUBÁ EM UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA**

Uberlândia
2018

GABRIELA COSTA ARAUJO

**(RE)ENCONTRANDO O *DIÁLOGO DE BONECAS*:
O BAJUBÁ EM UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidades, Educação e Sociabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Chaves Abdala.

Coorientadora: Profa. Dra. Flávia do Bonsucesso Teixeira.

Uberlândia
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A663r
2018 Araujo, Gabriela Costa, 1992-
 (Re)encontrando o *Diálogo de Bonecas*: o bajubá em uma
 perspectiva antropológica / Gabriela Costa Araujo. - 2018.
 180 f. : il.

Orientadora: Mônica Chaves Abdala.
Coorientadora: Flávia do Bonsucesso Teixeira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1312>
Inclui bibliografia.

1. Ciências sociais - Teses. 2. Travestis - Teses. 3. Etnologia - Teses.
4. Línguas africanas - Teses. I. Abdala, Mônica Chaves. II. Teixeira,
Flávia do Bonsucesso. III. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. IV. Título.

CDU: 316

GABRIELA COSTA ARAUJO

(RE)ENCONTRANDO O *DIÁLOGO DE BONECAS*:
O BAJUBÁ EM UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

Dissertação para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (MG), pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 05 de Março de 2018.

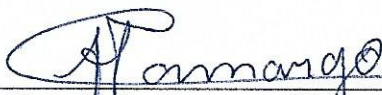
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Mônica Chaves Abdala, Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Prof. Dra. Flávia do Bonsucesso Teixeira, Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo, Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Dedico este trabalho à minha mãe, Vilma Costa.
Por ser a minha maior inspiração de força e generosidade.

Agradecimentos

À minha mãe pelo seu amor, cuidado e afeto incondicionais. Sem ela nada disso seria possível.

Aos meus familiares: meu irmão Rafael e minha sobrinha Kyara, que com sete anos me ensina tanto sobre empatia. Ao meu amado avô Jovino Tomás da Costa (*in memoriam*). Ao meu pai. As minhas tias, especialmente a Maria Rosa, que incentivou os meus estudos. Aos meus primos/as, sobretudo a Karine Costa, por ter sido na minha adolescência uma das minhas maiores influências. E a “casa do vô”, onde construí uma infância feliz, entre sucatas e fogão à lenha.

Ao Gustavo Palma pelo seu companheirismo, tão importante para mim. Quando nos encontramos minha vida mudou, hoje eu já não sei mais dizer o que em mim é parte dele.

Às minhas orientadoras: Mônica Chaves Abdala e Flávia Teixeira, pelo cuidado, dedicação, disposição e entrega. Sem elas esta dissertação não teria os mesmos contornos. Sou e serei eternamente grata por terem acreditado no trabalho, com elas eu aprendi muito.

Aos professores Fábio Figueiredo Camargo e Márcio Ferreira de Souza, que compuseram a banca de qualificação dando sugestões valiosas para o trabalho. E ao professor Marco Aurélio Máximo Prado, por compor a banca de defesa e incitar reflexões e proposições sobre a pesquisa, algumas incluídas nas considerações finais.

Ao Diego Carvalho, por ter tido paciência nos momentos em que os descaminhos foram muitos e pela ajuda quando eu mais precisei. Sua presença e cuidado foram muito importantes para a conclusão desta etapa.

À Tamires Barbosa, pelo incentivo em diversos momentos da minha trajetória e pela sugestão teórico-metodológica e indicações de leitura, algumas delas se tornaram parte desta dissertação.

À Laura Resende, por compartilhar comigo as dores e alegrias dessa existência. Temos “o sangue e seiva da caminhada bruta”.

À Ana Carla Oliveira, “presentinho nos meus dias”. Com quem construí uma amizade e um espaço que hoje chamamos de casa.

À Célia Santos e Thiago Santos, por terem me acolhido.

À Carol Kazi, que fez com que meus olhos também se voltassem para dentro.

Aos/as amigos/as: Bruna Rufato, Treva, Maraísa Bisinoto, Letícia Rodrigues, Carine Costa e Natã Borges, por se fazerem presentes de alguma forma durante este processo, quando nem sabiam do que se tratava a pesquisa foram caís em meio ao caos. E a todas as pessoas que contribuíram e acompanharam este processo.

À página do Facebook “Acervo Bajubá” e a Anália Ribeiro, por cederem uma cópia de dois dos documentos utilizados no trabalho. E a Cristina Florentino, que através da professora Flávia Teixeira cedeu às cópias do dicionário *Diálogo de Bonecas*.

Às interlocutoras da pesquisa: Keila Simpson, por quem nutro uma enorme admiração. Jovanna Baby, por sua alegria e força inspiradoras. E Amara Moira, com quem tive a oportunidade de dividir um momento de muito aprendizado e encanto.

Às alunas do Transpondo ENEM, por sua resistência e por me ensinarem tanto sobre a docência.

Ao teatro, por ser quem eu sou.

À FAPEMIG pelo financiamento da pesquisa.

E a todas/os aquelas/es que cotidianamente resistem.

Resumo

A presente dissertação é um estudo sobre a linguagem LGBT, especialmente o bajubá, dentro do universo das travestis. Através da questão: o bajubá circula, é apropriado e permanece no universo das travestis acionando quais significados? Partimos da revisão bibliográfica, onde constatamos que esse dialeto foi registrado em diversos trabalhos e etnografias. Subjacente a isso, foi analisado cinco documentos que sistematizaram as palavras e expressões dessa linguagem (BABY, 1995; SANTOS JÚNIOR, 1996; SILVA, 2005; VIP; LIBI, 2006; PELÚCIO, 2009). A análise teve como objeto primeiro compreender as palavras e expressões em diferentes espaços e tempos e as classificações atribuídas no universo, bem como aprofundar a discussão em torno do primeiro documento produzido pelas travestis sobre essa linguagem, intitulado *Diálogo de Bonecas*. Tal discussão proporcionou perceber a relação entre o bajubá, as políticas de prevenção da aids e o surgimento do movimento de travestis no Brasil. O trabalho de campo, ancorado na etnografia multissituada, resultou em três entrevistas com militantes do movimento de travestis, nas quais se buscou compreender a circulação da linguagem, sua permanência, popularização e os significados acionados pelas travestis por meio do bajubá. Gênero, raça, etnicidade, geração e classe se interseccionam na origem e nos trânsitos desse dialeto.

Palavras-chave: bajubá, pajubá, travestis, *Diálogo de Bonecas*, linguagem, dialeto

Abstract

This dissertation is an essay about the role of lgbt languages, specially the one called bajubá, inside the transgender universe. Throughout the issue about through what meanings bajubá circulates, keeps itself and get appropriated within the transgender universe, we begin with a bibliographic research, from which we have found out that this dialect has been documented on plenty of ethnographic works. Among these, there are five that systematize its words and expressions (BABY, 1995; SANTOS JÚNIOR, 1996; SILVA, 2005; VIP; LIBI, 2006; PELÚCIO, 2009). The analysis concerns firstly the understanding of these words and expressions on different spaces and times, and the classifications assigned in that universe, as long as deepening of the discussion concerning the first document about this dialect produced by transgender people themselves, called *Diálogo de Bonecas*. This discussion allowed us to note the relation between bajuba, aids prevention policies and the rise of the transgender movement in Brazil. The fieldwork, underpinned on a multilocated ethnography, resulted in three interviews with the transgender movement militants, through which we searched to understand the circulation of the language, its permanence and popularization, as well as the meanings triggered by transgender people through bajubá. Gender, race, ethnicity, generation and class issues intersect on the roots and the transit of this dialect.

Key words: bajubá, pajubá, transgender, *Diálogo de Bonecas*, language, dialect

“[...] os corpos se reconhecem a si mesmos
não como homens ou mulheres, e sim como corpos
falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes.”
(PRECIADO, 2014, p. 21)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABF Agência de Cooperação Internacional Sueca
- ABGLT Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
- ANTRA Associação Nacional de Travestis e Transexuais
- ASTRAL Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro
- CRT Centro de Referência e Treinamento
- DST Doenças Sexualmente Transmissíveis
- ENEM Exame Nacional do Ensino Médio
- ENTL Encontro Nacional de Travestis e Liberados
- ENTLAIDS Encontro Nacional de Travestis e Liberados
- FONATRANS Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros
- HIV Vírus da Imunodeficiência Adquirida (Human Immunodeficiency Virus)
- ISER Instituto de Estudos da Religião
- LGBT Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros
- ONG Organização Não Governamental
- PSOL Partido Socialismo e Liberdade
- PUC Pontifícia Universidade Católica de Campinas
- REDE TRANS Rede Nacional de Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans do Brasil
- UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
- UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Palavras e expressões contidas nos documentos <i>Diálogo de Bonecas</i> , <i>Bichonário</i> e <i>Aurélia</i> relacionadas à velhice	59
QUADRO 2 – Palavras comuns aos quatro documentos e seus significados.....	68
QUADRO 3 – Palavras e expressões encontradas em pelo menos dois dos documentos analisados e seus significados.....	72
QUADRO 4 – Palavras e expressões comuns aos documentos publicados nos anos 1990	87
QUADRO 5 – Palavras e expressões comuns aos documentos publicados nos anos 2000	89
QUADRO 6 – Palavras e expressões comuns aos documentos <i>Diálogo de Bonecas</i> e <i>Aurélia</i>	93
QUADRO 7 – Palavras e expressões comuns aos documentos <i>Diálogo de Bonecas</i> e glossário do livro <i>Abjeção e desejo</i>	95
QUADRO 8 – Palavras e expressões comuns aos documentos <i>Bichonário</i> e <i>Aurélia</i> ..	97
QUADRO 9 – Palavras e expressões comuns ao glossário de Silva, <i>Bichonário</i> e <i>Aurélia</i> , não encontradas no <i>Diálogo de bonecas</i> e no glossário do livro <i>Abjeção e desejo</i>	107
QUADRO 10 – Diferentes usos da palavra aqüendar no <i>Diálogo de Bonecas</i>	113
QUADRO 11 – Diferentes usos para a palavra desaqüendar no <i>Diálogo de Bonecas</i>	113
QUADRO 12 – Diferentes significados da palavra desaqüendar, presentes no <i>Diálogo de Bonecas</i>	113
QUADRO 13 – Exemplos de diferentes significados da palavra ilê quando acompanhada de outras palavras, presentes no <i>Diálogo de Bonecas</i>	114
QUADRO 14 – Exemplos de diferentes significados da palavra ocó quando acompanhada de adjetivos, presentes no <i>Diálogo de Bonecas</i>	114
QUADRO 15 – Exemplos de diferentes significados da palavra mona quando acompanhada de outras palavras ou adjetivos, presentes no <i>Diálogo de Bonecas</i>	114
QUADRO 16 – <i>Diálogo de Bonecas</i> - categoria (Des)controle das práticas sexuais .	115
QUADRO 17 – Dicas do <i>Diálogo de Bonecas</i> relacionadas à prevenção do HIV/Aids	115
QUADRO 18 – <i>Diálogo de Bonecas</i> categoria Violência por todos os lados.....	116
QUADRO 19 – Dicas do <i>Diálogo de Bonecas</i> relacionadas à proteção	118
QUADRO 20 – <i>Diálogo de Bonecas</i> - categoria (i)Lícitos: pouco se fala disso.....	119

QUADRO 21 – <i>Diálogo de Bonecas</i> - categoria Sujeitos em trânsito	121
---	-----

SUMÁRIO

Com quantas mãos se faz uma pesquisa? Breves reflexões sobre a investigação ...	14
Introdução	17
“Aqüendando um bajubá”: sobre a pesquisa.....	17
“É a língua das bicha”, “é o dialeto das mona”: escolhas teórico-metodológicas e estrutura da dissertação	19
1 O bajubá apresentado pelas pesquisas: uma revisão bibliográfica	25
1.1 Percorrendo os vestígios do bajubá: territórios e significados	25
2 A língua em (des)ordem: os dicionários e glossários e seus atravessamentos no universo das travestis	52
2.1 Diálogo de Bonecas	52
2.2 Bichonário: um dicionário gay	56
2.3 Aurélia, a dicionária da línguaafiada.....	63
2.4 Os glossários: “Homossexualismo em São Paulo” e “Abjeção e desejo”	66
2.5 As palavras em movimento	67
2.6 Diálogo(s) de Bonecas: performando corpos e saberes	112
3 “Nós existimos, temos até dialeto próprio”: entre disputas e convergências	123
3.1 Navalha na boca: o bajubá, “mil dispositivos”	125
3.2 Diálogo de Bonecas: políticas de prevenção da aids e a emergência do movimento de travestis	140
Desaqüendando o bajubá: considerações finais.....	147
APÊNDICE I.....	160
Quadro 1 – Palavras do glossário da monografia de José Fábio Barbosa da Silva, <i>Homossexualismo em São Paulo</i> , e seus respectivos significados.....	161
APÊNDICE II - Roteiro de entrevista	166
Anexo I.....	168
Anexo II	169

Com quantas mãos se faz uma pesquisa? Breves reflexões sobre a investigação

Escrever para não morrer, como dizia Blanchot, ou talvez mesmo falar para não morrer [...] As mais mortais decisões, inevitavelmente, ficam também suspensas no tempo de uma narrativa. (FOUCAULT, 2009, p. 47)

Dizem que antes mesmo de escrevermos algo aquilo já está em nós, inconscientemente produzindo devires. Talvez este trabalho seja representativo disso. Há anos, ainda na adolescência, conheci o bajubá, entre primos/as e amigos/as, lésbicas, homossexuais, bissexuais, entre sujeitos marginalizados, em circunstâncias em que a língua encontrava a sua comunhão e confronto. Naquele momento fiquei encantada com toda a potência dessa linguagem, sequer imaginava que este tema viria a ser objeto de estudo de uma pesquisa minha. Mais de dez anos separam aquela adolescente da pesquisadora que está se construindo hoje, o que antes era encanto se tornou atenção, disposição, investigação e fascínio.

O bajubá pode ser definido como uma linguagem utilizada pela comunidade LGBT¹, que tem origem na língua africana iorubá-nagô, indicativo da relação entre a comunidade e as religiões afro-brasileiras, baseado no léxico da língua portuguesa, com diferentes arranjos e significados (FLORENTINO, 1998; PELÚCIO, 2009). Essa linguagem também tem influência de outras línguas como o inglês, o francês e o italiano.

Nos percalços desta pesquisa os descaminhos foram muitos, ser pós-graduanda em Ciências Sociais, em uma universidade pública em um contexto de corte do orçamento para a educação, foi um grande desafio. Em um momento de retrocesso no qual o debate sobre escola sem partido e ideologia de gênero² faz do trabalho de investigação com a temática em gênero e sexualidade uma atividade melindrosa, quase

¹ Utilizamos a sigla LGBT que corresponde a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, aprovada na I Conferência GLBT (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 14), e usada nas conferências posteriores, tal como na formulação de políticas públicas.

² Richard Miskolci e Maximiliano Campana (2017) traçaram a genealogia da expressão “ideologia de gênero” na América Latina, com gênese na Igreja católica, e notaram uma estreita relação entre esse movimento e o projeto escola sem partido, dessa forma: “[...] não é apenas a Igreja Católica e as organizações pró-vida que se reúnem em torno de seus preceitos religiosos as únicas instituições que lideram essa cruzada [da luta contra a ‘ideologia de gênero’]. Organizações evangélicas se uniram à ‘causa’ e em vários países da região tiveram um enorme impacto para impedir o avanço dos direitos sexuais e reprodutivos. Somam-se a esses grupos, outros, os quais apoiam a batalha por razões não apenas religiosas, caso do Programa Escola sem Partido, no Brasil, criado em 2004 como reação às práticas educacionais que seus defensores definem ‘doutrinação política e ideológica na sala de aula’ e ‘usurpação do direito dos pais sobre a educação moral e religiosa de seus filhos.’” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 729-730).

criminalizada³. Sabemos que a universidade ainda não é para todos/as e no desenrolar de prazos, produção *versus* produtividade, disciplinas, problemas financeiros, saúde mental o/a pesquisador/a se desdobra em muitos/as para que a pesquisa possa ser concluída. Concomitante a isso, como diria Florestan Fernandes (1994, p. 123): “Eu nunca teria sido o sociólogo que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi através das duras lições da vida.” A semelhante origem de Florestan Fernandes, sua trajetória e experiências foram uma grande inspiração. Em sua biografia ele afirma:

Há pouco interesse em descrever a variedade de ocupações a que precisei dedicar-me ou as venturas e desventuras que pontilharam uma infância e uma adolescência tão marcadas pela necessidade de ganhar a vida, de buscar no trabalho — por vezes humilhante e degradante — um instrumento de relação com os outros e de pressão sublimadora. Fazendo o que me via forçado a fazer também era compelido a uma constante busca para vencer uma condição em que o *lumpen-proletário* (e não operário) definia os limites ou as fronteiras do que não era gente. Antes de estudar esse processo na pesquisa sobre o negro, vivi-o em todos os matizes e magnitudes. A fronteira que me era negada também era conhecida pela experiência concreta. (FERNANDES, 1994, p. 123-124).

É de experiências como essa, dos lugares fronteiriços e das “duras lições da vida” que muitas trajetórias e pesquisas são construídas, ainda que possam parecer insuficientes para uma academia centrada na produtividade.

Afinal, com quantas mãos se faz uma pesquisa? Eu só poderia afirmar que são muitas. O/a pesquisador/a não existe isolado nem de um contexto social, como já apresentado acima, nem da interação com os/as outros/as. Por mais solitário que seu trabalho possa parecer em diversos momentos, ele nasce da relação com os/as outros/as, com os/as outros/as impressos/as no texto, com os/as outros/as no trabalho de campo, nas relações afetivas que são ressignificadas ao longo da pesquisa, com os afetos construídos. Todos/as esses/as outros/as e esse nós fazem do ato de pesquisar um rizoma⁴.

³ A agressão sofrida pela pesquisadora Judith Butler em uma visita ao Brasil em 2017 para participar de um seminário sobre democracia, revela o atual contexto histórico e político que pesquisadores/as sobre a temática, e defensores dos direitos humanos, têm enfrentado. Em resposta aos ataques à filósofa escreveu um artigo onde explica brevemente parte de sua teoria e busca compreender o ódio aos ideais democráticos e aos direitos sexuais das mulheres e LGBTs. (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>)

⁴ “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega

Esta breve reflexão pretende tensionar o debate acerca de qual universidade e conhecimento estamos construindo, uma vez que se determinados grupos não participam do processo de construção do conhecimento, os saberes subalternos serão sempre excluídos, omitidos, silenciados e/ou ignorados. Como aponta Grosfoguel (2008, p. 136), precisamos:

[levar] a sério o lado subalterno da diferença colonial: o lado da periferia, dos trabalhadores, das mulheres, dos indivíduos racializados/colonizados, dos homossexuais/lésbicas [travestis, transexuais] e dos movimentos anti-sistêmicos que participam no processo de produção de conhecimento.

Se esta pesquisa começa suscitando o debate sobre os o pensamento de fronteira, é sobre esse conhecimento que esta dissertação versará. Uma pesquisa jamais é escrita por duas mãos, são muitas as mãos que se entrelaçam e tecem um trabalho de investigação. Este trabalho é fruto dessas inúmeras mãos que se misturaram quando no tempo de uma narrativa as palavras descortinaram sua historicidade. Portanto, agora a escrita deixa de ser minha e passa a ser nossa.

uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 36).

Introdução

“Aqüendando⁵ um bajubá”: sobre a pesquisa

As observações assistemáticas sobre o universo das travestis presentes nesta dissertação se iniciaram em 2016, quando fui professora voluntária do cursinho Transpondo Enem na cidade de Uberlândia, que tinha como objetivo formar travestis para a conclusão do ensino médio e/ou realização do ENEM. O cursinho foi oferecido por duas organizações não governamentais (ONGs) da cidade de Uberlândia: o “*Grupo União*” ligado à Rede Nacional de Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans do Brasil (Rede Trans) e a Associação de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro “*Triângulo Trans*”, filiada à Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). O Transpondo ENEM foi fruto das iniciativas de cursinhos preparatórios para a população trans e despontou de forma significativa no país desde 2015. Alguns desses cursinhos foram realizados com ajuda do poder público, como o Transcidadania em São Paulo, e outros tantos foram organizados de forma independente, por ONGs, coletivos, entre outras organizações: Grupo Transdiversidade em Niterói, RJ; Cursinho Popular Transformação em São Paulo, SP; Transpondo o Enem em Uberlândia, MG; Transviando O ENEM em Salvador, BA; Prepara Nem no Rio de Janeiro, RJ; TransVest e Transenem em Belo Horizonte, MG; Prepara Trans, GO, dentre outros. O que diferiu o Transpondo o ENEM da realidade de grande parte dos cursinhos foi o fato de as aulas terem sido realizadas na pensão onde as travestis moravam – ao passo que os demais ocorreram/ocorrem em locais específicos para realização das aulas – o que de alguma forma proporcionou mais comodidade, proteção, tranquilidade e aconchego a essas pessoas, que em sua maioria estavam afastadas dos estudos há anos. Foi essa proximidade com o universo das travestis que nos possibilitou olhar com maior sensibilidade e profundidade para questões até então não percebidas, entre as quais o bajubá foi a que mais nos chamou a atenção. A nossa convivência com as travestis e

⁵ Aqüendar é uma palavra polissêmica, seu significado aqui pode ser definido como falar. Manteremos o trema nas palavras do bajubá que eram grafadas dessa forma, antes das novas regras ortográficas, para que se possa compreender a entonação dessas palavras, já que o trema altera o som dos vocábulos. Por ser uma linguagem de tradição oral sua característica fonética se faz importante.

consequentemente com esse dialeto⁶ tão potente nos fez refletir sobre o seu significado nesse universo.

Outro momento relevante, que nos aproximou de debates significativos do e no universo, foi o VII Encontro Regional de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro, realizado na cidade de Uberlândia em 2016, que nos proporcionou pensar o objeto de estudo deste trabalho após observar situações de campo ao assistir as mesas redondas e falas de lideranças do movimento de travestis e transexuais no Brasil. Nesse sentido, algumas discussões da mesa redonda “Por que(m) lutávamos em 1995? Do enfrentamento da epidemia da aids à reivindicação de um espaço na política institucional” foram significativas para a compreensão do nosso objeto. Quando houve referência à importância da alfabetização de travestis na década de 1990, questionamos se o bajubá auxiliou ou não nesse processo. Inúmeras questões a respeito dessa linguagem vieram à tona, como a circulação do dialeto, em que sentido ele serviu/serve de proteção ao grupo, a organização de um dicionário realizado por uma das componentes da mesa redonda, Jovanna Baby, que relatou a importância do dicionário no auxílio a outras travestis, sendo sua “apropriação” percebida como prejudicial.

Nas encruzilhadas de pensar o objeto de estudo deste trabalho, que pudesse ser mais expressivo para as pesquisas sobre o tema, decidimos direcionar nossos esforços para pensar como a linguagem LGBT, especificamente dentro do universo das travestis, conhecida como bajubá, pajubá ou bate-bate⁷, foi abordada ao longo das pesquisas acadêmicas sobre travestis no país e os significados que circulam entre as travestis através desse dialeto.

O bajubá é uma linguagem de tradição oral, portanto, são escassas as documentações sobre ela. Por se construir nas ruas, nas esquinas, nos territórios de prostituição está em constante mudança, se reinventando, absorvendo palavras e expressões de outras línguas e ressignificando os vocábulos de seu próprio repertório. Os limites entre o que faz parte ou não do bajubá são tênues e nos chegam demasiadamente confusos. Em nosso trabalho de campo buscamos identificar, a partir de documentos, dicionários e glossários que tínhamos em mãos, quais palavras

⁶ Neste trabalho optamos por utilizar dialeto para nos referirmos a essa linguagem, por se tratar de um termo êmico no campo dos estudos sobre gênero e sexualidade. No entanto, é importante considerar que o bajubá também pode ser entendido como um socioleto, linguagem falada por um grupo social ou subcultura (BARTHES, 2004, 2012).

⁷ Utilizaremos o termo bajubá, por ser este o termo mais usual nas pesquisas sobre este universo, como também por grande parte das travestis com quem tivemos contato. Sobre os outros nomes dados à linguagem trataremos no capítulo 3.

pertenciam ou não ao bajubá, mas as informações eram imprecisas, pois entre nossas interlocutoras não houve consenso sobre quais palavras pertencem ou não a esse dialeto, como veremos no último capítulo. E buscar essa “verdade”, ainda que provisória, não era o nosso objetivo. Os limites borrados entre o que é ou não parte dessa linguagem integram uma das suas principais características, evidenciando um processo de (des)construção contínua, plástica e performática da linguagem.

Optar por este tema foi um trabalho árduo, pois as pesquisas sobre a linguagem LGBT estão alocadas, quase em sua maioria, na área da linguística, e pensá-la por uma perspectiva antropológica foi um processo de contínua (re)construção do projeto. A escolha do objeto deveu-se à percepção de que não há pesquisas sobre o tema nas ciências sociais, notadamente na antropologia, embora essa linguagem esteja presente no cotidiano das travestis, conforme identificado na literatura da área. Tal tema é importante para pensarmos sua centralidade no universo das travestis e como isso se relaciona com os territórios/contextos em que estão inseridas.

“É a língua das bicha”, “é o dialeto das mona”: escolhas teórico-metodológicas e estrutura da dissertação

Iniciamos esta pesquisa com a revisão bibliográfica, identificando os principais trabalhos que enfatizaram a linguagem no universo das travestis. Desse modo, reunimos as pesquisas que abordaram a linguagem LGBT e o bajubá desde os anos 1930 até o presente. No primeiro capítulo interessava traçar um breve cenário para as pesquisas identificadas. Foram questões norteadoras: como esses autores/as apresentaram o tema? Como eram nomeados os sujeitos das pesquisas? Em que contexto essas pesquisas foram realizadas? A linguagem foi uma das formas de sociabilidade considerada nas investigações?

Na segunda parte da dissertação utilizamos a análise documental. A partir da revisão bibliográfica do primeiro capítulo encontramos alguns documentos que traziam as palavras do bajubá em dicionários e glossários ou faziam menção a eles. Foram analisados os seguintes documentos: o glossário da monografia de José Fábio Barbosa da Silva com o vocabulário homossexual dos anos 1950 e republicado em 2005 no livro *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*, organizado por James Green e Ronaldo Trindade; o *Diálogo de Bonecas*, produzido pelo Grupo ASTRAL do Rio de Janeiro (1995), citado no trabalho de Cristina Florentino (1998); o *Bichonário*,

proveniente da monografia de Orocil Santos Júnior, *Linguagens de gaytos: um estudo sobre o falar da comunidade homossexual baiana* [1995?], citado por Nilton Tadeu de Queiroz Alonso (2005); o dicionário *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, produzido pelo jornalista Victor Ângelo (2006), citado na pesquisa de Milton Ribeiro da Silva Filho (2010); e por fim, o glossário do livro de Larissa Pelúcio (2009) com o glossário das travestis, resultado da etnografia realizada no doutorado da autora (2007).

A análise documental é um processo de investigação no qual os documentos são analisados a partir do problema da pesquisa e com base nesse “garimpo” é possível montar um quebra-cabeça. De acordo com André Cellard (2008), esse processo tem como objetivo esmiuçar o material para que dele se possam descobrir relações, ligações, conexões, a fim de responder a alguma questão:

Definitivamente, como bem o argumenta Foucault, o pesquisador desconstrói, tritura seu material à vontade: depois procede a uma reconstrução, com vista a responder ao seu questionamento. Para chegar a isso, ele deve se empenhar em descobrir as ligações entre os fatos acumulados, entre os elementos de informação que parecem, imediatamente, estranhos uns aos outros, como o assinala Deslauriers (1991: 79). É esse encadeamento de ligações entre a problemática do pesquisador e as diversas observações extraídas de sua documentação, o que lhe possibilita formular explicações plausíveis, produzir interpretação coerente, e realizar uma reconstrução de um aspecto qualquer de uma dada sociedade, neste ou naquele momento. (CELLARD, 2008, p. 304)

Com base na investigação dos documentos foram coletados, sistematizados e analisados os dados da pesquisa de campo. O campo foi realizado através de entrevistas semiestruturadas, observação participante em eventos e em espaços informais de circulação das travestis.

Optamos por entrevistar militantes reconhecidas no movimento trans que historicamente participaram da construção do movimento de travestis e transexuais no Brasil, Keila Simpson e Jovanna Baby, que também foi a organizadora do documento referência utilizado na nossa análise documental, o *Diálogo de Bonecas*. Também consideramos o ativismo das atuais gerações, aqui representadas pela militante e escritora Amara Moira. A escolha por não utilizar nomes fictícios deveu-se ao fato de que todas as interlocutoras desta pesquisa são figuras públicas e solicitaram serem identificadas, como estratégia política de visibilidade.

Tivemos como questionamento norteador deste trabalho o seguinte problema: o bajubá circula, é apropriado e permanece no universo das travestis acionando quais significados? Nesse sentido, utilizamos como direcionamento teórico as discussões a

respeito das performances de gênero, a teoria *queer*⁸ e pesquisas e etnografias sobre o universo das travestis e o movimento de travestis e transexuais no país, bem como os estudos pós-coloniais⁹. Como referencial metodológico optamos pela etnografia multissituada, que tem como investigação a circulação dos significados, objetos e identidades. Segundo Marcus (2001, p. 111, tradução nossa):

A outra modalidade de investigação etnográfica, muito menos comum, incorpora-se conscientemente no sistema mundo, associado atualmente com a onda de capital intelectual denominado pós-moderno, e sai dos lugares e situações locais da investigação etnográfica convencional ao examinar a circulação de significados, objetos e identidades culturais em um tempo-espaco difuso. Esta classe de investigação define para si um objeto de estudo que não pode ser abordado etnograficamente se permanecer centrado em uma só localidade intensamente investigada. Por outro lado, desenvolve uma estratégia de investigação que reconhece os conceitos teóricos sobre o macro e as narrativas sobre o sistema mundo, mas não depende deles para delinear a arquitetura contextual em que estão marcados os sujeitos.¹⁰

Essa perspectiva teórica e metodológica está situada no pós-estruturalismo. De acordo com Michael Peters (2000) as principais referências da primeira geração do pós-

⁸ De acordo com Richard Miskolci (2009, p. 169) a teoria *queer*: “Ao invés de priorizar investigações sobre a construção social de identidades, estudos empíricos sobre comportamentos sexuais que levem a classificá-los ou compreendê-los, os empreendimentos queer partem de uma desconfiança com relação aos sujeitos sexuais como estáveis e foca nos processos sociais classificatórios, hierarquizadores, em suma, nas estratégias sociais normalizadoras dos comportamentos. Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o queer revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares.”

⁹ Os estudos pós-coloniais se fundaram nas obras de Albert Memmi (1977), Aimé Césaire (2010), Frantz Fanon (2010) e também o livro *Orientalismo*, de Edward Said (2007). De acordo com Miglievich-Ribeiro, sua formação ocorre juntamente com as “[...] guerras de libertação em África e Ásia somadas à diáspora intelectual, na experiência dos trânsitos e do alargamento das fronteiras, ao mesmo tempo em que, na Europa, as narrativas canônicas, quer liberal, quer marxista, eram revistas e faziam nascer uma inusitada rede de crítica intelectual a partir das margens e de seus deslocamentos. Esta é fortalecida com os chamados estudos culturais britânicos, cuja paternidade é atribuída ao jamaicano Stuart Hall (2009), assim como pela revisão da historiografia indiana realizada pelo Grupo de Estudos Subalternos do Sul da Ásia.” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p. 67). No entender da autora, os estudos pós-coloniais buscam “[...] explicitar [a] dissonância entre teoria e prática sempre que, como pesquisadores [as], não realizamos a revisão do legado eurocêntrico na análise da realidade dos povos não-europeus e não-setentrionais. Nas distintas vertentes e peculiaridades, chamamos de pós-colonial o esforço de articulação das vozes subalternas em busca da condição de sujeitos de sua própria fala e história.” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p. 67).

¹⁰ Do original: “La outra modalidad de investigación etnográfica, mucho menos común, se incorpora conscientemente en el sistema mundo, asociado actualmente con la ola de capital intelectual denominado pos moderno, y sale de los lugares y situaciones locales de la investigación etnográfica convencional al examinar la circulación de significados, objetos e identidades cultural es en un tiempo-espaco difuso. Esta clase de investigación define para sí un objeto de estudio que no puede ser abordado etnograficamente si permanece centrado en una sola localidade intensamente investigada. En cambio, desarrolla una estrategia de investigación que reconcelos conceptos teóricos sobre lo macro y las narrativas sobre el sistema mundo pero no depende de ellos para delinear la arquitectura contextual em la que están en marcados los sujetos.” (MARCUS, 2011, p. 111).

estruturalismo foram os trabalhos de Jacques Derrida, Michel Foucault, Julia Kristeva, Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze, Luce Irigaray e Jean Baudrillard:

Os pensadores pós-estruturalistas desenvolveram formas peculiares e originais de análise (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise), com frequência dirigidas para a crítica de instituições específicas (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria filosofia) e para a teorização de uma ampla gama de diferentes meios (a “leitura”, a “escrita”, o ensino, a televisão, as artes visuais, as artes plásticas, o cinema, a comunicação eletrônica). (PETERS, 2000, p. 34).

O pós-estruturalismo, resposta filosófica ao estruturalismo, não pode ser reduzido a uma escola, ou a um conjunto de pressupostos, teorias ou métodos. Peters (2000, p. 29) sugere que a melhor maneira de se referir a ele é como um movimento de pensamento, “que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes”.

Congruente ao movimento pós-estruturalista, a etnografia multissituada encontra-se em uma abordagem conhecida como meta-etnografia, e está orientada em propor novas alternativas de escrita etnográfica, criticando recursos retóricos e “autoritários” (REYNOSO, 1991). De acordo com Marcus (2001), a “antropologia pós-moderna” está posicionada em múltiplos locais e a dimensão comparativa da pesquisa aparece na forma de justaposições que convencionalmente podem ser compreendidas como improváveis, desafiando as premissas tradicionais, direcionando-se para os processos móveis ou cambiantes de construção do conhecimento.

Tal metodologia visa seguir os discursos, caminhos, tramas e sinais desenhando a etnografia de acordo com as situações em mudança, onde o etnógrafo estabelece alguma forma de presença verificando as associações, conexões e reverberações nos diferentes relatos e situações. A proposta de uma etnografia multissituada proporciona ao/a pesquisador/a ser um/a “ativista circunstancial”. Ativismo não no sentido de filiação a um movimento social ou instituição, mas em relação às condições de se fazer a pesquisa em circunstâncias distintas, onde o/a pesquisador/a lida com as adversidades e mudanças em uma postura ativa, negociando identidades e posições com os sujeitos envolvidos (MARCUS, 2001).

Nessa perspectiva, as observações assistemáticas foram realizadas em dois espaços: o primeiro foi o cursinho Transpondo ENEM, onde nos aproximamos do universo das travestis. Foram seis meses atuando como voluntária em encontros que

variaram entre um e dois mensais. O segundo espaço foi o VII Encontro de travestis e transexuais do Triângulo Mineiro, no qual tivemos nosso primeiro contato com as interlocutoras da pesquisa. Das mesas redondas deste encontro resultaram cinco horas e meia de gravação que se constituíram em importantes documentos. Por fim, a pesquisa de campo culminou nas três entrevistas que compõem o último capítulo, realizadas no segundo semestre de 2017, que resultaram em quatro horas de gravação.

A conquista do diálogo com as interlocutoras foi complexa. A pesquisa sugeria para algumas delas que essa linguagem marginal estaria ainda mais vulnerável caso fosse investigada, o que se modificou a partir do momento em que o *Diálogo de Bonecas* tornou-se um dos eixos de discussão do trabalho, com a possibilidade de uma reedição proposta pela professora Flávia Teixeira. Essa resistência a nosso ver é compreensível, uma vez que as travestis e transexuais historicamente foram, e ainda são, sujeitos de inúmeras pesquisas que não proporcionam nenhum retorno para a comunidade, como apontou Jovanna Baby em uma das mesas redondas do VII Encontro de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro.

Se a princípio houve alguma relutância quanto à participação na investigação, depois do contato e durante as entrevistas os discursos acionados pelas interlocutoras mostraram como, em suas percepções, pesquisas em torno do bajubá poderiam ser importantes para a preservação do dialeto que se constitui como um elemento significativo da e na história das travestis brasileiras.

Por fim, destacamos a nossa opção em flexionar o gênero na escrita deste trabalho, contemplando diversas categorias identitárias e buscando contribuir para a construção de uma linguagem não sexista. Ainda que nossos esforços se voltem para uma escrita mais plural, sabemos que o uso dos artigos “a/o” não é suficiente para contemplar a gama de identidades e vivências possíveis. Existem outras maneiras de utilizar a língua portuguesa ao substituir tais artigos pelo “x” ou “@” por exemplo, porém entendemos que escrever uma dissertação utilizando esse recurso poderia carregar o texto, tornando a leitura difícil. Portanto, nossa opção em flexionar o gênero através dos artigos “a/o” é uma forma de buscar uma escrita múltipla, ainda que não seja exaustiva.

Esta dissertação encontra-se estruturada da seguinte forma: O primeiro capítulo, eminentemente bibliográfico, intitulado “O bajubá apresentado pelas pesquisas: uma revisão bibliográfica”, mostra como o bajubá foi percebido nas pesquisas acadêmicas.

Como os/as autores/as se referiram a esse dialeto no universo das travestis e como o bajubá foi apresentado por eles/as.

No segundo capítulo “A língua em (des)ordem: os dicionários e glossários e seus atravessamentos no universo das travestis”, analisamos as palavras contidas nos documentos, tendo como referência o dicionário *Diálogo de Bonecas*. Tomamos este documento como nossa referência, por seu significado histórico. É o único produzido com a participação direta do movimento das travestis, num momento inicial de sua construção no Brasil.

O terceiro capítulo “‘Nós existimos, temos até dialeto próprio’: entre disputas e convergências” objetiva analisar como as travestis entrevistadas percebem a circulação do bajubá, sua apropriação e permanência e quais significados acionados pelas travestis através deste dialeto. Como também compreender o contexto de publicação do *Diálogo de Bonecas*.

A última seção da dissertação é composta pelas considerações finais.

1 O bajubá apresentado pelas pesquisas: uma revisão bibliográfica

O presente capítulo, fundamentado em revisão bibliográfica, traz algumas pesquisas acadêmicas sobre o universo das travestis, que de alguma forma perceberam a linguagem LGBT, especialmente o bajubá, e como em cada um desses trabalhos este tema foi tratado. Este capítulo de uma só seção, *Percorrendo os vestígios do bajubá: territórios e significados*, busca traçar a construção de pesquisas sobre a comunidade LGBT em torno da linguagem.

Num primeiro momento foram abordadas as pesquisas que tratam de linguagem homossexual, situadas em um momento histórico em que as categorias travesti e transexual estavam se conformando nas ciências humanas, como também nas interações dos movimentos LGBTs, até as pesquisas e etnografias sobre o universo das travestis, que trouxeram a definição do bajubá e abordaram esse dialeto.

1.1 Percorrendo os vestígios do bajubá: territórios e significados

As técnicas de modificação do corpo como implante de silicone, hormonização, aplique ou uso de perucas, cuidado com os cabelos, uso de maquiagem, depilação, emprego de roupas, acessórios e sapatos são alguns dos elementos que fazem parte do processo de construção da identidade travesti¹¹ (BENEDETTI, 2005; SILVA, 2007; KULICK, 2008). Há ainda outros recursos utilizados como parte dessa construção, que figuram de forma mais ou menos central, a depender do contexto social vivenciado pelos sujeitos, como o dialeto utilizado pelas travestis, e é esse o enfoque deste trabalho. Conhecido como bajubá, pajubá ou bate-bate, esse dialeto parece ser um elemento significativo nesse processo de reconhecimento, sociabilidade e resistência do/no universo das travestis.

Ao remontar aos caminhos trilhados nas pesquisas sobre a linguagem da comunidade LGBT, e mais especificamente do universo das travestis, encontramos alguns documentos que trouxeram a linguagem homossexual como parte expressiva de seus trabalhos. Edmur de Aguiar Whitaker foi psiquiatra e professor de psicologia e psiquiatria jurídica do Instituto de Criminologia e realizou no final da década de 1930 uma pesquisa sobre a vida dos “pederastas passivos” em São Paulo, trazendo em sua

¹¹ Não afirmamos aqui que são os únicos recursos, ou que estes sejam os ideais, pois as travestilidades comportam inúmeras formas de serem vivenciadas.

investigação informações como costumes, apelidos e *gírias* utilizadas pelos sujeitos da sua pesquisa (WHITAKER, 1938; GREEN; TRINDADE, 2005). Em 1953, Jorge Jaime pesquisou a homossexualidade masculina. E dedicou parte de seu trabalho à relação entre *gíria* homossexual e o crime. Segundo este autor:

Para conhecimento mais perfeito de um determinado grupo social o estudo da *gíria* falada pelos indivíduos que o compõem é de suma importância. Ela traduz, no seu primitivismo, todos problemas, hábitos, e o índice de moralidade de uma classe. (JAIME, 1953, p. 29)

De acordo com Jaime (1953), algumas *gírias* eram de “uso corrente entre pederastas” na prática de delitos. As seguintes expressões e palavras constam no seu trabalho: “fazer tricot”, “fazer crochê”, “tricotar”, que significam masturbar homens em lugares com grandes aglomerações de pessoas; “meicar”, que é o mesmo que furtar pequenos objetos em lojas comerciais; “suar”, que significa roubar bens como dinheiro, joias, relógios dos homens que os homossexuais se relacionam; “fugir da titia Cleides”, que significa esconder-se dos carros da polícia; “babalu”, que é traduzido como “pederasta ativo que se entrega às práticas homossexuais mediante retribuição monetária” (JAIME, 1953, p. 29); e por fim, “fazer michê”, que na acepção dada pela pesquisa é o mesmo que “deixar-se sustentar por pederastas ativos.” (JAIME, 1953, p. 29).

Diferentemente das pesquisas relacionadas acima, o trabalho pioneiro de José Fábio Barbosa da Silva, segundo Peter Fry (2005), foi o primeiro estudo sobre a homossexualidade masculina ancorado em uma abordagem sociológica, o primeiro trabalho acadêmico brasileiro que não tinha uma perspectiva criminal ou médica sobre a homossexualidade. No prefácio do livro *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*, organizado por James N Green e Ronaldo Trindade, Fry (2005) afirma que a monografia de José Fábio Barbosa da Silva foi a primeira etnografia sobre a homossexualidade no Brasil, realizada no final dos anos 1950, intitulada *Homossexualismo em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário*¹². A monografia de Barbosa da Silva, que teve como orientador o sociólogo Florestan Fernandes, foi inovadora para o período. O autor, ao pesquisar sobre os homossexuais de São Paulo, na

¹² A respeito do uso da palavra homossexualismo, só em 1990 que a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade do rol de doenças mentais, do Código Internacional de Doenças. Eliminando também o uso do sufixo “ismo” que associava a orientação sexual a uma patologia (LEITE, 2008).

década de 1950, teve como objetivo analisar a homossexualidade masculina, compreendendo-a como um fenômeno social, divergindo da abordagem que a percebia sob a perspectiva do “problema social”. Neste trabalho, Barbosa da Silva realizou uma investigação da literatura existente até então sobre a homossexualidade, e analisou seus dados, que o próprio autor diz ser uma análise mais descritiva que interpretativa do “grupo minoritário” (SILVA, 2005). A monografia de José Fábio Barbosa da Silva foi retomada no livro *Homossexualismo em São Paulo*, onde o autor revisita seu trabalho atualizando algumas discussões e dialogando com o contexto da sociologia da época em que foi originalmente publicada. Segundo Silva (2005, p. 227), analisando seu trabalho décadas depois:

Meu trabalho de 1958 abriu o campo de estudos sobre a homossexualidade masculina com base numa perspectiva sociológica. Como um primeiro trabalho estudando cientificamente esse modo de vida, foi de escopo limitado, focado primeiramente nas perguntas “o que é?”, “onde toma lugar?” e “como procede?”. O trabalho nunca foi publicado na íntegra e ficou praticamente esquecido nos arquivos da universidade, exceto por um artigo intitulado “Homossexualidade em São Paulo”, publicado na época na *Revista de Sociologia* (um apanhado da tese feito por Florestan, pois eu já morava nos Estados Unidos). Nos últimos trinta anos, houve uma explosão na produção acadêmica sobre a homossexualidade e muitos outros estudos que contribuíram para dar ao assunto um tratamento científico surgiram.

O autor também ressalta que considerando seu trabalho depois de mais de 40 anos, e os seus informantes, sua monografia deveria ser intitulada *A elite homossexual masculina em São Paulo*, pois foram esses os sujeitos pesquisados e esse recorte seria importante para situar sua pesquisa. No entanto, outros marcadores não são percebidos pelo autor, como o de raça/etnia.

Em sua investigação, Barbosa da Silva percebeu o uso de uma linguagem própria pelos homossexuais. Através da observação participante o autor listou algumas palavras do grupo pesquisado e as condensou em um glossário com seus respectivos significados. De acordo com Silva (2005, p. 185):

Este vocabulário não tem como propósito ser completo e exaustivo, porém, é tão definitivo quanto nos foi possível conseguir em relação à experiência que tivemos durante o nosso trabalho de campo, principalmente por meio de observação e participação em reuniões do grupo minoritário. Tal como outros aspectos da cultura, a linguagem empregada pelos membros da minoria está sempre em um processo de transformação.

Para este autor, os grupos considerados marginais, através de uma cultura grupal, tendem a desenvolver um sistema simbólico próprio “[...] que, de um lado, facilita a comunicação entre os indivíduos do mesmo grupo e, de outro, dificulta o

entendimento por indivíduos que não participam da mesma cultura.” (SILVA, 2005, p. 145). Esse sistema de comunicação é tanto uma marca identificadora do grupo social, como também uma forma de preservação e continuidade do mesmo. Assim, essa linguagem pode ser jocosa, divertida e caricata, comportando atitudes e mímicas como parte da comunicação:

A sofisticação de atitudes e comportamentos, e mesmo a mímica, têm uma importância fundamental na comunicação e inclusão dos símbolos na sua linguagem. Nas relações intragrupais, existe uma verdadeira competição na vivacidade de linguagem pelo pitoresco, pelo bizarro, ou pelo obscuro, que muito contribui, dirigido pelo modismo, para o aparecimento e substituição de novos termos. (SILVA, 2005, p. 148)

As palavras e expressões de um grupo apresentam não só a capacidade dos grupos sociais se protegerem de possíveis ameaças, mas também a inventividade dos mesmos, constituindo assim um importante recurso expressivo. Nesse sentido, a linguagem de um grupo pode possuir marcadores de diferença que irão delinear importantes aspectos, como territorialidade, identidade, sociabilidade e legitimidade.

A partir do artigo de Edward MacRae, *Em defesa do gueto*, presente no livro citado acima, chegamos ao *Jornal Lâmpião da Esquina*¹³. Fundado em 1978, de circulação nacional, o *Lâmpião* era uma publicação voltada para a comunidade gay e seu estilo de vida, mas também “propunha ser mais do que um jornal gay” (MACRAE, 2005, p. 294), com pautas sobre travestis, lésbicas, mulheres, negros, índios, ecologia, etc. Algumas edições do jornal trouxeram referências sobre a linguagem LGBT¹⁴. A edição número 7¹⁵, de dezembro de 1978, já apontava o tema como interesse da academia: uma carta de uma leitora¹⁶, aluna do curso de letras de uma faculdade de São

¹³ Para mais informações sobre o *Jornal Lâmpião da Esquina* e seus desdobramentos ver a dissertação de Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso, defendida no programa de pós-graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia. Fonte: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16505/1/LampiaoEsquinaHomossexualidade.pdf>. Recomendamos também o documentário *Lâmpião da Esquina* (2016), dirigido por Livia Perez, que apresenta entrevistas com a equipe editorial e também com personalidades que figuraram como seus leitores.

¹⁴ Realizamos a pesquisa com o *Jornal Lâmpião da Esquina* com o objetivo de descobrir se em seu conteúdo houve alguma referência sobre o bajubá. Essa pesquisa foi feita com as trinta e oito edições do jornal, mais a edição zero. Todas as edições se encontram no site do Grupo Dignidade: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

¹⁵ *Lâmpião da esquina*, ano 1. n. 7. Dezembro de 1978. (FONTE: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/11-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-07-DEZEMBRO-1978.pdf>)

¹⁶ A seguir consta a reprodução da carta da leitora, a qual nos referimos, e a resposta da redação: “Caros amigos, no momento estou tentando resolver um problema, e creio que vocês poderiam me ajudar e muito. Sou estudante e estou cursando o 1º ano de letras da Fundação Santo André. Como se pode prever, este curso transmite conhecimentos fundamentais a respeito das línguas e dos fenômenos que elas contêm [sic]. Partindo daí, foi-nos dada como tarefa uma pesquisa a respeito das gírias que fazem parte da vida

Paulo, apresentava a intenção em pesquisar as gírias homossexuais para um trabalho da faculdade. A edição número 22¹⁷, de março de 1980, exibiu algumas palavras e expressões do dialeto¹⁸, no que eles chamaram de *dialeto das bonecas do subúrbio*, ou para os estudiosos, segundo o próprio jornal: *bichano* ou *bichês*. Tais edições¹⁹ do referido jornal revelam que o dialeto não passava despercebido naquele período.

A partir das entrevistas e observações nos territórios de prostituição, Nestor Perlongher (1987), em seu trabalho *O negócio do michê - prostituição viril em São Paulo*, percebeu o uso de algumas classificações presentes na linguagem. Palavras como maricona, bicha-boy, erê, boyzinho, bichas, constam em seu trabalho. Ainda que de forma preambular, o uso da linguagem dentro da comunidade LGBT, de algum modo,

cotidiana de um grupo social. A escolha deste grupo ficou a critério dos alunos, e eu resolvi que iria fazer um estudo da gíria usada entre os homossexuais. Para isso, comprei o nº 5 do LAMPIÃO da Esquina, publicado por vocês, com o propósito de encontrar palavras que servissem ao meu interesse. Acontece, porém, que não tendo eu nenhum amigo gay que me orientasse, se tornou difícil para mim as palavras usadas nas reportagens do jornal. Aí então me surgiu a idéia de escrever para vocês, na certeza de obter dados mais profundos para minha pesquisa. Seria apenas uma relação de vocábulos e expressões utilizadas pelos gays, que estabelecem a comunicação entre eles, seguidas do significado que teriam para nós, leigos que somos neste campo. P.S. – Gostaria de pedir ainda mais um favor –, vocês mencionaram no jornal algo a respeito do “Dicionário de Mestra Mambaba”. Eu poderia encontrá-lo facilmente em algum lugar? Onde? Grata. Sueli Almeida – São Paulo, capital. R. – *Olha, Sueli, se você quer fazer uma pesquisa pra valer procure frequentar os bares gueis aí de São Paulo e travar conhecimento com o pessoal. É todo mundo muito simpático e receptivo, Dê uma passada pelos bares do Largo do Arouche. Vá ao Medieval, ao Gay Club, ao Homo Sapiens, ao “divine” Dinossaurus. Entra no fliperama que fica na Ipiranga, perto da Esquina de São João. Pode fazê-lo sem temor porque o pessoal, ao contrário do que se diz, é muito respeitador. E converse muito: seja sincera, diga que está fazendo uma pesquisa, ninguém se assusta com isso. Você vai fazer um excelente trabalho, temos certeza. E depois, não esqueça de mandar uma cópia de sua pesquisa pra gente, OK? Quem sabe, se for boa, LAMPIÃO até publica. Quanto as palavras que você citou em sua carta, todas as retiradas do nosso jornal, a gente vai mandar o significado pra você. Ah sim: Rafaela Mambaba é uma entidade mítica que periodicamente baixa em alguém aqui da redação – qualquer um, ela não tem preferência. É uma bicha que, nas várias encarnações pelas quais já passou, foi sempre perigosíssima, assustadora. O Dicionário dela é um livro que nunca foi escrito, não é preciso: ele só contém palavras que as pessoas gostariam de esquecer, mas acontece que Mambaba vive a sussurá-las constantemente em seus ouvidos. Não queira saber que pestinha ela é...”. UMA questão de linguagem. **Lampião da esquina**. Rio de Janeiro, dez. 1978. Cartas na mesa, p. 14. A mestre Mambaba citada na reprodução da carta acima se refere à Rafaela Mambaba que “foi uma personagem fictícia criada pelos editores do jornal e era responsável por comentários ferinos que apareciam nas páginas do *Lampião* [...]. Interessante pensar que é uma personagem com linguajar próximo daquele do gueto, que dá, aparentemente, uma dica turística: localização, entretenimento, cardápio.” SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. **Movimento gay e imprensa no Brasil contemporâneo: o Lampião da Esquina (1978-1981)**. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, 2013. p. 8.*

¹⁷Lampião da esquina, Rio de Janeiro. Março de 1980. (FONTE: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/26-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-22-MARCO-1980.pdf>)

¹⁸ Na edição referida consta na seção *Bixórdia* a frase “Os aníbam vão acueudá as monas e levar pros ilês”, que segundo a redação do jornal significa: “A polícia vai prender as bichas e levar pra cadeia.”

¹⁹ Importante ressaltar – agradecemos a contribuição do professor Márcio Ferreira de Souza pela observação – que a linguagem utilizada no jornal *Lampião da Esquina* tinha um posicionamento político e aspirava alcançar um público diverso, de diferentes camadas e realidades sociais. A exemplo disso o uso da grafia “guei”, ao invés da palavra em inglês *gay*, revela o sentido político e plural que o jornal empreendia.

foi sendo documentada em monografias, pesquisas acadêmicas e em veículos de comunicação.

Depreende-se que, embora esta pesquisa tenha como foco o uso do dialeto no universo das travestis, os primeiros trabalhos identificados tiveram como sujeitos da investigação os homossexuais. De acordo com Mário Carvalho (2011) as categorias travesti, e posteriormente transexual, levaram tempo para emergir como identitárias. Na década de 1960 havia uma “disputa” entre as “bichas” e os “entendidos”, os primeiros vistos como “exagerados e efeminados”, portanto, prejudiciais ao reconhecimento da homossexualidade, e os segundos como “bichas enrustidas” (CARVALHO, 2011). Só com a segunda geração do movimento homossexual que essas categorias passaram a ser delineadas, quando buscou-se a inclusão do termo “orientação sexual” na Constituição. Segundo Carvalho (2011, p. 24):

Assim, ao pleitear a inclusão do termo “orientação sexual” como direito e garantia individuais relacionados à identidade homossexual, busca-se formalizar que a “diferença” na experiência homossexual está unicamente relacionada a se desejar um pessoa do “mesmo sexo” e não a desejar “ser do sexo oposto”.

Por conseguinte, travesti não seria, até então, uma categoria definida. Havia a categoria homossexual, que podia ser destinada a vários sujeitos de acordo com a posição que assumiam durante o ato sexual, ativo ou passivo, e também de seus trejeitos, afeminados ou não. Travesti enquanto categoria identitária emerge nas mudanças de perspectiva que a categoria homossexual enfrentou na década de 1970: “Novas noções de identidades sexuais e de gênero surgiram, colocando em xeque a polaridade entre homens ‘verdadeiros’ e bichas efeminados.” (GREEN, 2000, p. 253).

As discussões sobre sexualidade e gênero impactadas pelos estudos culturais e o pós-estruturalismo também afetaram pesquisadores brasileiros que passaram a considerar a travestilidade um contexto a ser investigado.

Hélio Silva (2007) pesquisou as travestis da Lapa, no Rio de Janeiro. Em sua etnografia o bajubá se fez presente. O livro *Travestis, entre o espelho e a rua*, onde fundiu duas de suas obras: *Travesti: a invenção do feminino*, publicada em 1993, e *Certas cariocas*, publicada em 1996, é uma imersão ao detalhe da vida travesti na prostituição. Embora nesta obra o pesquisador não faça uma menção ao bajubá especificamente, o uso das palavras e expressões é recorrente no texto, como parte expressiva da etnografia. Transcritas como faladas pelas interlocutoras de sua pesquisa, figuram palavras como *mapô*, *edi*, *o ó*.

Algumas das pesquisas desta revisão bibliográfica buscaram investigar as travestilidades e documentaram o uso de um dialeto próprio. Assim estabeleceram a relação deste com a língua africana iorubá-nagô, usada nos cultos de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda (OLIVEIRA, 1994; FLORENTINO, 1998; KULICK, 2008). É nessa perspectiva que a etnografia de Neusa Maria de Oliveira sobre as travestis de Salvador nos anos 1980, especificamente no Pelourinho, se alinha. A autora entendia as travestis enquanto corpos invertidos e percebeu o processo de transformação corporal como parte da economia erótica:

A trajetória do corpo invertido dos travestis começa com uma homossexualidade próxima da feminização, intolerável para a família e para o ambiente de trabalho. Ainda sem a aparência transformada de mulher, procuram na prostituição masculina uma alternativa de sobrevivência. Na rua, descobrem que para um tipo particular de cliente é mais rentável oferecer seus serviços travestido de mulher. Ganha-se mais dinheiro investindo na novidade, no artigo exótico de luxo que se tornou o travesti para a economia erótica. (OLIVEIRA, 1994, p. 19).

Oliveira (1994) utilizou o gênero masculino para se referir às travestis. No período de publicação de sua etnografia o uso dos pronomes de tratamento no masculino reportado às travestis era frequente, embora nessa mesma década Florentino (1998), como veremos adiante, já flexionasse o gênero no feminino para se referir a elas. O uso do gênero feminino decorre de processos de disputas e reconhecimentos do movimento social e também de pesquisas acadêmicas e ainda hoje não encontra consenso. A pesquisa de Oliveira tinha como tema central a prostituição travesti. Originalmente defendida como tese e posteriormente publicada em um livro, a autora percebeu que:

A movimentação dos travestis no país de Norte a Sul, imprime a atividade traços culturais homogêneos e uma linguagem uniforme. Foi identificado tanto nas grandes cidades do Sul, quanto em Salvador o uso de expressões de origem nagô, usados como códigos cifrados na estratégia de defesa contra grupos hostis a suas performances públicas. (OLIVEIRA, 1994, p. 118).

Consequente a esta asserção, o trânsito das travestis pelo Brasil faz com que a linguagem também seja levada de uma localidade a outra. O trânsito entre pessoas é também o trânsito de palavras, as travestis migram constantemente de cidade e estado. Deste modo, nessa circulação das travestis pelo Brasil e também para fora do país, as palavras migram na mala e o dialeto pode ser compartilhado entre travestis de diversas localidades, como observou Neusa Maria de Oliveira desde a década de 1980 e referendado por pesquisas posteriores (CARRIJO, 2012a). O deslocamento, a

mobilidade espacial, é uma das características presentes na história de grande parte das travestis: “É nesse território da abjeção que elas articulam suas redes fluidas que se constituem ‘no aqui’, para se desmancharem num momento impreciso e se reconstituírem em outro lugar.” (PELÚCIO, 2009, p. 74-75).

Em 1996 e 1997 Don Kulick pesquisou as travestis de Salvador, assim como Neusa Maria de Oliveira. Sua etnografia tinha como objetivo analisar o contexto e detalhes da vida das travestis. Originalmente foi publicada em inglês sob o título *Travesti: sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes* (1998), e uma década depois traduzida para o português: *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil* (2008). Kulick (2008) observou as travestis na prostituição e percebeu a relação entre o dialeto e a língua iorubá-nagô. No entanto, o autor buscou contrapor a ideia, que segundo Kulick era um “mito” à época, de que a maioria das travestis de Salvador pertencia ao candomblé, e, portanto, a relação do dialeto com a língua iorubá-nagô se devia a essa conexão. O pesquisador recusa a premissa de que em Salvador o uso das palavras de origem na língua empregada nos cultos das religiões afro-brasileiras seria maior. Utilizando o *Diálogo de Bonecas*, organizado pelo grupo Astral no Rio de Janeiro, Kulick afirma que as palavras do documento não eram utilizadas pelas travestis de Salvador e grande parte dos vocábulos sequer eram do conhecimento delas. De acordo com o autor, o *Diálogo de bonecas* “[...] contém uma quantidade muito maior de termos do iorubá do que a que se utiliza em Salvador [...]”. O que, segundo Kulick, sugere “[...] que tais palavras não tenham surgido na Bahia, mas em outras partes do país, como o Rio de Janeiro.” (KULICK, 2008, p. 259). O pesquisador atribui ao documento um caráter de verdade e representação, embora o *Diálogo de Bonecas* tenha tido a participação de poucas travestis em sua criação (segundo Jovanna Baby, cerca de seis participaram da elaboração do documento²⁰). Portanto o dicionário é representativo de um grupo restrito de travestis com experiências migratórias diversas. Ao restringir o *Diálogo de Bonecas* ao Rio de Janeiro, o autor não considera que as travestis que participaram da organização do documento estavam em processo de migração constante. Kulick atribui um caráter de fixidez a uma linguagem que é fluída.

Alguns trabalhos encontrados nesta revisão bibliográfica tiveram como cerne a relação entre os cultos afro-brasileiros e a homossexualidade, a exemplo de Fry (1982) e Birman (2005). Essa proximidade entre a homossexualidade e tais religiões possibilitou

²⁰ O contexto de publicação do *Diálogo de Bonecas* será discutido no capítulo 3.

que muitas palavras utilizadas nos cultos migrassem para o bajubá. Fry (1982), ao pesquisar a homossexualidade masculina nos cultos afro-brasileiros na cidade de Belém na década de 1980, argumentou que uma das razões que atraem os homossexuais masculinos a esses cultos é o fato de ambos serem definidos como desviantes, à margem, em relação à ordem, aos valores sociais tradicionais.

Florentino (1998) também observou a conexão entre a língua iorubá-nagô e a linguagem das travestis, chamada por ela de bate-bate²¹. Florentino pesquisou as travestis²² na prostituição em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no fim da década de 1990. Sua pesquisa teve como foco as relações entre as travestis no seu próprio grupo e entre elas e seus companheiros. Segundo a autora, o objeto de sua investigação antropológica era o “travestismo” enquanto um fato social, cultural e histórico. (FLORENTINO, 1998).

Florentino (1998) dedicou uma sessão de sua dissertação à linguagem utilizada pelas travestis, o bate-bate, e buscou destacar elementos que constroem a linguagem, refletindo sobre algumas questões, para que “[...] se possa ter uma idéia da importância e da riqueza dessa autêntica criação ‘clandestina’ que revela aspectos tanto da relação entre as travestis quanto da sociedade abrangente.” (FLORENTINO, 1998, p. 71). A pesquisadora elaborou dois quadros: um com as palavras de uso mais frequente durante sua pesquisa, e outro com possíveis frases que podem ser construídas a partir das palavras do primeiro quadro. Assim, definiu o que seria a composição do bate-bate:

Em termos sintéticos, o alicerce do bate-bate é a estrutura gramatical da língua portuguesa. Assim sendo, o que faz com que se torne ininteligível para as pessoas estranhas ao grupo é a utilização de uma combinação dinâmica de vários recursos lingüísticos, dentre os quais, os mais perceptíveis são: o uso de expressões e termos oriundos de dialetos africanos, em alguns casos modificados e/ou (re)significados, que também possibilitam a formação de palavras híbridas; o uso de gírias locais e nacionais; e a verbalização através de figuras de linguagem, que permitem multiplicar os significados dos itens lexicais. (FLORENTINO, 1998, p. 76)

Florentino (1998) ancorou sua investigação em textos considerados clássicos (PERLONGHER, 1987; FRY, 1982; BIRMAN, 1995) que abordaram a estreita relação entre homossexuais e os cultos afro-brasileiros e identificou elementos comuns no seu campo de pesquisa:

²¹ Utilizaremos bate-bate quando nos referirmos ao trabalho de Florentino (1998), pois foi esse nome que a autora usou em sua dissertação.

²² Na dissertação de Florentino (1998) o artigo feminino aparece, “os travestis” dá lugar à formulação “às travestis”, flexionando o gênero. Dos trabalhos apresentados nesta revisão foi a primeira etnografia a utilizar o artigo feminino para se referir as travestis.

Em Porto Alegre pude perceber, nos discursos e/ou nas práticas de algumas travestis, relações diretas e indiretas entre elas e os cultos de origem afro. Quando esta relação não aparecia de forma explícita, como por exemplo o caso de duas travestis que eram mães-de-santo e tinham casas de religião e de uma travesti que era filha-de-santo, aparecia de forma implícita, através de rápidas referências no discurso ou através de práticas que são específicas dos cultos afros [...] (FLORENTINO, 1998, p. 78).

No entanto, essa relação não se mostra de forma direta ou linear entre suas entrevistadas: “[...] nem todas as travestis estão conscientes de que algumas palavras do Bate possuem uma origem africana.” (FLORENTINO, 1998, p. 78). Uma de suas interlocutoras disse que não simpatizava com as religiões afro-brasileiras e quando a autora revelou que muitas palavras do bate-bate eram oriundas dos cultos, a interlocutora concluiu que não iria mais utilizar tais palavras.

No Brasil a língua portuguesa sofreu influência de vários dialetos e línguas africanas. Palavras como dendê e samba são exemplos disso. Em relação à utilização das línguas africanas na língua de santo, Pessoa de Castro (1983) afirma que dentro dos terreiros os itens mais frequentemente utilizados em relação à linguagem proveniente dos idiomas africanos são:

1. nomes de divindades; 2. Nomes iniciáticos; 3. nomes que se referem a objetos, lugares, flora, fauna, cozinha; 4. nomes de parentesco religioso; 5. expressões de exorcismo, de saudação, de benção, de pedido, de permissão, de interdição, de negação, de reverência; 6. nomes e expressões referentes a diversas funções sexuais, fisiológicas, à gravidez e a doenças; 7. itens que se referem aos órgãos sexuais, a diversas funções fisiológicas, a gravidez, ao homossexualismo; entre os casos assinalados por eufemismo, a maioria foi de étimos bantos, como nena, fezes, ou fazer nena, defecar [...]. (PESSOA DE CASTRO, 1983, p. 88).

Durante os séculos de escravatura representantes de grupos étnicos de diferentes partes da África Ocidental foram trazidos continuamente para o Brasil. Os *nagôs*, de acordo com Juana Santos (1986, p. 28), foram os últimos neste processo, tendo se estabelecido no Brasil entre o fim do século XVIII e o início do XIX. Percebe-se que inúmeras palavras e expressões do bajubá têm origem na língua iorubá-nagô e em suas variantes dialetais. Não só a grafia de várias palavras, mas também a sonoridade é semelhante a muitos vocábulos utilizados nas religiões afro-brasileiras, como é o caso das palavras: edi (ânus), ekê (mentira, truque), erê (espírito infantil, menino, criança), odara (bom, bonito). No entanto, muitas palavras de origem africana trazidas para o Brasil se transformaram no processo histórico. Seguindo esta argumentação, Florentino (1998) compreende que, à medida que as palavras saem do culto e são incorporadas no

bate-bate, passam por outras transformações, tanto na grafia quanto no significado e na junção com outras palavras e expressões.

A influência das religiões afro-brasileiras notada na linguagem também foi percebida por Pelúcio (2009) em outro aspecto: as travestis que possuíam “axé” obtinham sucesso na noite. Essa palavra tem origem no candomblé e é de suma importância para os cultos²³:

Estar/ser bela implica maiores ganhos financeiros, mas esta não é uma relação necessária. Pois quem tem “axé” obtém sucesso, mesmo sem tantos investimentos corporais. “Ter axé” significa que a travesti tem “uma estrela só sua”. A expressão “axé” tem sua origem no Candomblé e significa força vital, energia divina. Quem tem axé, portanto, tem proteção e força, ambos afinados ao plano mágico/espiritual, englobando o plano físico/corporal. Estes atributos mágicos (proteção, axé, força) se fazem necessários na dinâmica das relações que elas estabelecem nas ruas [...] (PELÚCIO, 2009, p. 193).

Para a autora se configuram como lugares terapêuticos para aquelas que enfrentam alguma enfermidade ou depressão, ansiedade:

Em campo, quis remontar o itinerário terapêutico das travestis no enfrentamento das doenças e de quadros de sofrimento como depressão, tão mencionada por elas. Nesse esforço, avantei a possibilidade do Candomblé se constituir como um caminho possível de cura. Hipótese que não estava de todo equivocada. Porém, mais do que um espaço de cura ou de tratamento para a aids, conforme minha hipótese inicial, o terreiro foi se mostrando como lugar de relação com o sagrado e de exercício legítimo da feminilidade. Não de qualquer feminino, mas aquele que se coaduna com a imagem das entidades femininas do Candomblé, bem como das divas e musas que servem de modelo e inspiração para as travestis. (PELÚCIO, 2009, p. 201).

Como já apontaram Florentino (1998) e outros pesquisadores (FRY, 1982; BIRMAN, 2005), há uma proximidade das travestis e homossexuais com os terreiros. De acordo com Pelúcio (2009), aludindo à pesquisa de Birman (2005), o feminino é elemento importante nesse operador de gênero que acontece nas casas de candomblé durante a possessão: “A possessão dá a possibilidade de acesso ao feminino, de ser/sentir-se legitimamente tomado/a, posto que a possibilidade de “virar no santo” só é dada ao feminino.” (PELÚCIO, 2009, p. 202).

Uma vez que esse cuidado das travestis em relação a seus corpos e à sua saúde física e mental muitas vezes não passa pelo consultório médico, mas circunscreve-se

²³ Segundo Prandi (1991), Axé é força vital, é poder. “Axé é, sobretudo a casa de candomblé, o templo, a raça, a tradição toda. A matriz fundante de toda uma descendência. Axé é linhagem, é família-de-santo, é saber-se pertencente a uma descendência cuja origem é conhecida e comprovada por registros históricos, pelo trabalho do etnógrafo de outrora, pela prova da fotografia, hoje. Ter axé é ter legitimidade junto ao povo-de-santo.” (PRANDI, 1991, p. 103-104)

nos espaços de sociabilidade, a rua, a pensão onde elas moram e os terreiros que frequentam, cuidar-se pode muitas vezes ter ligação com o sagrado. (PELÚCIO, 2009).

O domínio do bate-bate pode significar pertencimento e demarcar territórios. “O Bate-Bate ocupa um espaço fundamental na relação entre as travestis. O domínio do Bate é sinal de pertencimento a um grupo seletivo e seu uso também identifica limites e testar fronteiras.” (FLORENTINO, 1998, p. 81). A aprendizagem desta linguagem para a autora se fez importante durante a pesquisa, tanto que, em muitos momentos, ao fazer a análise de suas entrevistas ela recorria a uma travesti, que era a sua “professora de bate-bate”, para conseguir interpretar as frases coletadas nas observações de campo. Outros autores também ressaltaram a importância de aprender esta linguagem para a compreensão do grupo pesquisado (BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2009).

O uso desse dialeto, segundo Florentino (1998), não é algo fixo, podendo assumir diferentes nuances de acordo com o contexto vivenciado:

Na rua o Bate pode ser utilizado para agilizar um diálogo, defender-se na presença de estranhos, combinar determinada ação, representar uma situação, um sentimento, uma prática ou uma categoria que, devido à especificidade, às vezes não encontra referente no vocabulário cotidiano, etc. Diante das várias nuances que o Bate assume, o contexto é o principal elemento para que possamos identificar os objetivos do seu uso. (FLORENTINO, 1998, p.81).

A autora, ao perguntar a uma de suas interlocutoras se ela tinha conhecimento do *Diálogo de Bonecas*, obteve a seguinte resposta:

Depois que Debora partiu, retomei com Alessandra à questão do Bate-Bate. Para introduzir o tema, perguntei se ela tinha conhecimento do *Diálogo de Bonecas*, um pequeno dicionário organizado por Jovana Baby, presidente da Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (ASTRAL). Respondeu que sabia da existência do dicionário, mas que não teve a oportunidade de adquiri-lo. Confessou que achava a ideia interessante, mas que também achava “estranho” o fato de publicar este material, tendo em vista que a princípio seria um instrumento de defesa das travestis. (FLORENTINO, 1998, p. 69).

A pesquisadora sinalizou que o conhecimento de termos e frases isoladas e descontextualizadas não levaria ao domínio da linguagem e que seria difícil para uma pessoa fora do grupo utilizá-la, pois são muitos os recursos usados pelas travestis na construção de frases e que apenas o dicionário não seria suficiente. Florentino (1998) divide o *Bate* em duas categorias: os termos de tratamento e os termos de referência, que são:

Termos de tratamento são aqueles empregados para se dirigir ao interlocutor, podendo, ou não, informar sobre a situação da pessoa dentro de determinado sistema classificatório. Por **termos de referência** entendo

aqueles empregados para se referir a alguém e que informam sobre a situação da pessoa dentro de determinado sistema classificatório. (FLORENTINO, 1998, p. 75-76, grifo nosso).

Desse modo, as classificações feitas pelas travestis para se referir ou abordar alguém, se concentram nessas duas categorias:

Os termos **mona, mana, amapôa, bicha, travesti, erê, amapôa de equê, bicha velha, bicha boy, cona, okó, michê** e outros fazem parte do sistema classificatório que as travestis compartilham. Cada qual é composto a partir da menção ou combinação de determinados eixos de referência, como, idade, gênero, profissão, estética, etc. (FLORENTINO, 1998, p. 76, grifo da autora).

Assim como as classificações são importantes nessa linguagem, existem palavras que são centrais para a formulação de expressões e frases: os termos **aqüendar** e **desaqüendar** são essenciais para que as frases sejam construídas e as expressões tomem diferentes sentidos:

Como pode-se perceber os termos **aqüendar** e **desaqüendar** são fundamentais para a indicação de determinadas ações, pois funcionam como auxiliares. Isto faz com que ocupem uma importante posição nesta linguagem. Seus significados variarão conforme o termo ou a expressão que os acompanham, não existindo, desta forma, uma tradução literal para os mesmos. Em alguns casos, mesmo sabendo o significado do termo ou expressão que os acompanham, as frases só serão entendidas quando estiverem contextualizadas. Um exemplo seria a expressão **aqüenda o otim**, que pode significar simultaneamente, **olhe a bebida**, ou **pegue a bebida**, ou **tome a bebida**, etc. Sabe-se que a oração está apontando para algo referente a bebida, por causa da palavra otim, mas a ação não poderá ser compreendida nestas circunstâncias. (FLORENTINO, 1998, p. 75).

A partir de sua análise, Florentino (1998, p. 80) listou alguns vocábulos presentes no bate e no iorubá-nagô:

Na pesquisa em alguns dicionários de cultos afro-brasileiros pude verificar a presença de vários vocábulos que também aparecem no Bate (alguns idênticos e outros semelhantes). Exemplos: Ajeun ou Ajeum = comida em Yorubá/Jeun = comer em Yorubá. Iliban = policial em Yorubá(Nagô) /Okó = homem em Yorubá / Odara = belo em Yoruba/Oti ou otim = aguardente, cachaça, marafô, em Yorubá.

Diante disso, compreende-se que a composição do bate se dá através de vocábulos híbridos, alguns advindos do iorubá-nagô com palavras da língua portuguesa:

Dentre todas as transformações, de grafia, de significados, etc., a que mais me chamou a atenção foi a forma como os verbos se compõem no Bate. São excelentes exemplos na medida em que mostram a formação de vocábulos híbridos. Observando a conversação das travestis e a forma como conjugam os verbos, fica evidente a combinação do tema, derivado do Yorubá, com as desinências que acompanham as regras estabelecidas na gramática portuguesa. (FLORENTINO, 1998, p. 80).

Essas palavras também podem ser compostas com outras palavras e termos de línguas como o inglês, o francês e o italiano, como veremos no próximo capítulo.

Kary Jean Falcão Gonçalves (2010) sistematizou um quadro, com cento e oitenta e nove palavras que compõem a linguagem LGBT. Dentre essas, cento e quinze têm origem na linguagem africana ou variações da mesma, de acordo Yeda Pessoa de Castro²⁴. Segundo o pesquisador, as palavras listadas foram registradas nas visitas aos locais em que frequentavam homossexuais, travestis e garotos de programa e também em terreiros de candomblés na cidade de Porto Velho, Rondônia. Gonçalves (2010) também percebeu palavras da linguagem utilizada pelas travestis em cantigas e pontos de umbanda e candomblé, como por exemplo, as palavras *laruê* e *odara*, que são palavras de origem ioruba-nagô, como na seguinte cantiga:

Deu meia noite/ Foi quando a lua apareceu/ Lá na encruzilhada/ Dando a sua gargalhada/ Bombo gira apareceu/ É **laruê**, é laruê, é laruê/ É mojubá, é mojubá, é mojubá/ Ela é **odara**/ Quem tem fé é só pedir/ É só pedir que ela dá. (GONÇALVES, 2010, p. 142, grifo nosso).

Ao longo do processo histórico as religiões afro-brasileiras foram alvo de discriminação. Os cultos afro-brasileiros só passaram a ser reconhecidos em 1976, no decreto nº 25.095, pelo então governador da Bahia, Roberto Figueira. De acordo com Felipe Bruno Martins Fernandes (2013, p. 486), os embates entre gênero, sexualidades e religião têm sido definidores nas pautas políticas:

Se o Brasil é definido pelo pluralismo religioso, no que tange à expressão pública das religiões, o pertencimento cristão (em suas várias correntes) tem dominado a cena e imposto suas representações conservadoras e arcaicas sobre o gênero e a sexualidade.

Nesses embates, a comunidade LGBT enfrenta uma história marcada por muitas disputas e alguns direitos têm sido conquistados ao longo do tempo, consequência da militância LGBT e do movimento específico de travestis e transexuais, que vai desde a criação da primeira organização política de travestis no país, a Associação de Travestis e Liberados no Rio de Janeiro (ASTRAL), à implementação de políticas públicas específicas para essa população, como na criação do programa *Brasil Sem Homofobia*, que visa o “Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual”²⁵.

²⁴ PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

²⁵ Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf

O engajamento das organizações de travestis no país, institucionalizadas inicialmente como ONGS, e do movimento LGBT foram responsáveis por pautas importantes que garantiram diferentes direitos, como o reconhecimento de família e o direito ao casamento²⁶. Família e casamento são temas que atravessam a esfera e o domínio do discurso religioso, portanto, que sofrem ataques e explicitam o preconceito e a intolerância ainda presentes.

Juliana Jayme pesquisou em 2001 as travestis, transexuais, *drag-queens* e transgêneros em Belo Horizonte e em Lisboa, Portugal. Sua pesquisa tinha como objetivo entender como essas categorias foram construídas com base na bibliografia existente e na sua pesquisa de campo. A autora faz referência à linguagem utilizada pelas travestis no capítulo sobre os dados da pesquisa de campo, em uma nota de rodapé, em que explica o que para os sujeitos da pesquisa significa a expressão *dar close*. Em outro momento, Jayme se refere à palavra *mapoa* e explica o seu significado: “Mapoa é, para os travestis brasileiros, mulher. Mas muitas portuguesas já utilizam em seu vocabulário a gíria dos travestis brasileiros.” (JAYME, 2001, p. 201).

A autora cita o trabalho de Hugo Denizart, que utiliza a palavra *neca* em sua pesquisa para explicar, segundo a perspectiva tomada pela investigação, como a “anatomia não é o destino” e como, portanto, é possível para “os transgender” ocultar e exigir seu pênis: “A *neca*, sinônimo de pênis, é uma grande e séria brincadeira de esconder e mostrar.” (DENIZART, 1997, p. 8). O autor se refere à maneira como as travestis podem esconder o pênis simulando uma vagina, ou mostrá-lo.

Mônica Siqueira (2004) pesquisou as travestis na velhice, seu lócus de pesquisa foi a cidade do Rio de Janeiro. Em sua investigação houve referência ao bajubá:

Mona e amapô são termos utilizados entre as travestis para designar respectivamente “bicha-mulher” e que serve como um cumprimento entre elas e para designar a mulher. Segundo nos informa, Câmara Vale (2000) o termo mona é de origem angolense empregado nas religiões afro-brasileiras e que significa mocinha ou menina. Já amapô é um termo de origem africana. (SIQUEIRA, 2004, p. 25).

Alonso (2005), em seu estudo na área da sociolinguística, realizou um levantamento e análise das gírias utilizadas por pessoas LGBTs na noite paulistana, nomeadas por ele de “falantes da diversidade sexual”, nas regiões do bairro Jardins e centro. Dois documentos foram analisados: *Gírias de todas as tribos*, de Karin Fusaro, e

²⁶Fonte: <http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaque&idConteudo=238515>

Bichonário: um dicionário gay, de Orocil Santos Júnior. O primeiro documento não é voltado apenas para a comunidade LGBT, é um levantamento das gírias usadas por diversos grupos sociais, com duas seções dedicadas aos “gays, lésbicas e simpatizantes” e outra às gírias utilizadas pelas travestis (FUSARO, 2001). O segundo documento será analisado nesta dissertação e diferentemente do primeiro, é um documento voltado para a comunidade. Algumas classificações deste universo, na linguagem LGBT, foram abordadas na pesquisa de Alonso (2005), como: *trava, metá-metá, mondrongo, mona de equê, montada, caricata*, entre outras.

Essas classificações foram percebidas também por outros autores. Silva Filho (2010) compreendeu que as classificações feitas através do bajubá compõem as relações de poder da comunidade, marcando o lugar dos sujeitos dentro do grupo. Classificações como *finas, pão-com-ovo, pintosa, quá-quá, trucadas* ou *boy* revelam:

[...] uma mínima dimensão de como agem as formas de classificação, que muitas vezes aparecem como categorias hierarquizantes na medição de status ou de área de influência, mas que também possibilitam a quem fala ser enquadrado em uma delas. E na maioria das vezes está ligada a alguns marcadores sociais da diferença, como: cor, raça, etnia, classe, preferência sexual, etc. (SILVA FILHO, 2010, p. 8).

A pesquisa de Larissa Pelúcio, realizada em 2007 e publicada em seu livro *Abjeção e desejo*, ressaltou a importância da apreensão do bajubá para a compreensão do universo das travestis. Em diversos momentos de sua etnografia as palavras do dialeto aparecem, como *mona, amapô, edi, neca, alibã*. Pelúcio (2009, p. 42) define o bajubá como:

[...] uma linguagem própria, composta não só de gírias que são palavras da língua portuguesa resignificadas, como também usam inúmeras palavras provenientes do ioruba-nagô, compondo uma linguagem que elas denominam de bajubá ou pajubá, ou ainda “bate-bate”.

Em sua investigação, a autora revela a centralidade do bajubá, ressaltando a relevância da linguagem na sociabilidade das travestis. Ao transitar dentro do grupo foi notório que o uso da gíria fazia, em certo sentido, parte da construção das travestilidades:

Em minha pesquisa conheci travestis que não tomavam hormônios nem tinham silicone no corpo, mas que se auto-reconheciam como travestis, usavam nomes femininos, **mantinham intensa sociabilidade no meio, adotando termos do bajubá** [...]. (PELÚCIO, 2009, p. 42, grifo nosso).

Essa sociabilidade pode ter como principal cenário a rua que, portanto, se confirma como um importante espaço de sociabilidade e de (re)conhecimento de si e do outro, e é também o lugar em que o bajubá pode ser (re)significado na vida das travestis. Há que se considerar que nem todas as travestis vivenciam ou vivenciaram a prostituição, mas o cenário de inúmeras pesquisas que investigaram o cotidiano das travestis foi a rua, a batalha²⁷, os territórios de prostituição, e sugeriram esses como significativos espaços de sociabilidade. (OLIVEIRA, 1994; BENEDETTI, 2005; SILVA, 2007; KULICK, 2008; DUQUE, 2008; PELÚCIO, 2009). Apontados por Pelúcio (2009, p. 40):

Transitar pela noite me fez perceber que a rua é claramente um espaço de sociabilidade, onde se aprende a se tornar e a ser travesti. É também um local em que elas encontram pessoas conhecidas e fazem novas amizades. Muitas vezes, também, é ali que conhecem seus parceiros; que compram roupas, perfumes e acessórios; que planejam festas, defendem-se mutuamente, ou se rivalizam. É na rua que elas ficam sabendo como anda o comércio sexual na região, no estado, quando não, no país e no exterior. Informam-se também sobre novas técnicas de transformações corporais, interam-se sobre o destino de uma ou outra travesti conhecida: se foi para a Europa, se morreu “bombando”, se está com a “tia”, que é como muitas vezes se referem à aids.

A rua, o território, é o local onde diversas sociabilidades acontecem. Muito mais que um espaço físico, o território é o espaço dos códigos, dos discursos, que circulam e constroem as relações e os sujeitos. A linguagem deste universo se inscreve aqui como parte desse construto, tanto por proporcionar legitimidade ao emissor/a, quando há uma apropriação da linguagem, que se constitui como o signo do grupo, quanto por ser um código que descreve e também prescreve quem pode ou não dizê-lo:

[...] a territorialidade não se limita a um espaço físico, mas, sobretudo, ao espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido muito menos descritivo (o que é feito lá) do que prescritivo (o que pode ser feito lá). (PELÚCIO, 2009, p. 59).

Pelúcio (2009) nos mostra que a territorialidade está ligada às identidades e que estas são estabelecidas de forma relacional. Diante disso, os códigos são marcados por jogos de poder e seus significados são compartilhados, aceitos (ou não), circulam e informam, possuindo assim uma fluidez. Para a autora, a intervenção corporal também passa por uma intervenção moral, onde se aprendem os códigos, a linguagem e as artimanhas do processo de construção da pessoa travesti:

²⁷ Termo êmico que significa prostituição.

Como se vê, a intervenção na carne é também uma alteração moral. Uma transformação que só pode ser empreendida dentro de uma rede social específica. Não se pode tornar travesti sem essa inserção. Pois é ali que se aprende a falar o bajubá e as gírias próprias do meio, a andar, a gesticular como mulher, mudar a voz, o nome, tomar hormônios, depilar-se, maquiarse. Aprende-se os truques, os macetes da prostituição, a classificar os clientes, a se proteger dos perigos da noite e da rua. (PELÚCIO, 2009, p. 104).

Falar mais de um idioma foi algo que Pelúcio (2009) também observou em sua etnografia. Uma de suas interlocutoras expressou que uma verdadeira *top*²⁸ deveria falar ao menos dois idiomas. A pesquisadora também sublinha a fala de outra travesti sobre o bajubá ser uma infração na casa onde morava:

As tops têm que falar outros idiomas, mas não devem falar o bajubá ou pajubá (usa-se ambos os termos), gíria própria das travestis, que tem sua origem no ioruba nagô. Lembro-me de Mariana Nogueira, uma top, comentando que na casa onde morava havia uma caixinha para se depositar a multa de R\$ 1,00 por se falar bajubá. Essa recusa sugere mais um passo no processo de “embranquecimento” (e conseqüente ascensão social) que a ida para a Europa parece coroar. Assim, uma top deve evitar termos em bajubá, que além de ser uma linguagem da rua, dos espaços de exclusão, tem sua origem na cultura afro-brasileira. (PELÚCIO, 2009, p. 101).

Nota-se, portanto, que o bajubá ora se configura como linguagem de resistência, especialmente pelas travestis que estão na prostituição, ora a sua associação como uma linguagem de rua, dos guetos, do subúrbio e ligado às religiões afro-brasileiras, é motivo de discriminação e rejeição por parte das travestis “*tops*”, para quem a cultura europeia é o modelo ideal, universal, portanto, colonizador de outras culturas e manifestações não eurocêntricas (QUIJANO, 1992).

A relação de algumas palavras com outros idiomas, como por exemplo, o francês, foi percebida por Pelúcio (2009), caso da palavra *bafão*, comumente utilizada pela comunidade LGBT:

[...] deriva do termo francês “bas-fond”, que significa estar num espaço subterrâneo, equivalente ao termo inglês “underground”. Bas-fond soa como “bafon”; daí para se transformar em “bafão” pela proximidade sonora foi só uma questão de uso freqüente. O termo tem diversas possibilidades de uso, todas ligadas a eventos que saem da rotina, que têm potencial para virarem fofoca ou algo que movimenta a cena onde ocorre. Significa, assim, algo inusitado; confusão; uma revelação bombástica; situação polêmica e/ou explosiva. (PELÚCIO, 2009, p. 54).

²⁸*Top* é uma categoria êmica que, segundo Pelúcio, se refere às travestis “famosas, pois estão em sites de acompanhantes na internet, fazem filmes de sexo explícito e saem em revistas especializadas.” (PELÚCIO, 2009, p. 36).

As palavras e expressões dessa linguagem circulam em contextos nacionais e transnacionais, extrapolando e borrando as fronteiras, como também já havia observado Oliveira (1994) em seu estudo na cidade de Salvador. A palavra *guanto*, de origem italiana, significa luva, e no dialeto, camisinha, constitui outro exemplo desse fato. Inserida na linguagem das travestis pode sugerir como esse deslocamento do Brasil para o exterior faz com que as palavras circulem e sejam incorporadas no bajubá. Nesse sentido, podemos averiguar, como já apontado, que o trânsito das travestis possibilita a circulação da linguagem. Portanto, o bajubá como um dialeto das travestis brasileiras circula além-mar e muitas palavras passam a incorporar a linguagem de travestis de outras nacionalidades, o que foi identificado também por Jayme (2001) em relação às travestis portuguesas.

Aqui se faz necessário um parêntese para que possamos fazer uma breve reflexão sobre a relação das travestis e a ida para fora do Brasil, especialmente para a Europa. Essa correspondência tem sido vista pelos/as pesquisadores/as como um sonho no qual muitas travestis investem como forma de conquista. (TEIXEIRA, 2008; DUQUE, 2009; PELÚCIO, 2009; CARRIJO, 2012a). Essa conquista não é só material, mas também subjetiva no que diz respeito a uma forma de legitimação de sua identidade e de seus laços afetivos. E ambas estão intrinsecamente relacionadas, já que o sucesso fora do país se traduz em forma de ganhos que, em geral, são diretamente direcionados à construção do corpo almejado pelas travestis e também para a família, especialmente as mães, como observou Flávia Teixeira (2008) ao pesquisar o trânsito de travestis brasileiras para a Itália: “O dinheiro ganho pelas travestis no exterior circula no Brasil e é recorrente o relato de que o primeiro dinheiro ganho na Europa é destinado à compra de uma casa para mãe no Brasil.” (TEIXEIRA, 2008, p. 295). Esse sucesso após a ida para a Europa pode produzir uma visibilidade que antes as travestis não tinham, principalmente pelos bens de consumo adquiridos. (CARRIJO, 2012a).

Outro elemento observável no bajubá é o uso do artigo feminino *a*. Essa definição marca não só a identificação com o feminino que circunscreve esse universo, mas situa o desejo homoerótico dos clientes das travestis que se prostituem que as procuram muitas vezes para práticas sexuais consideradas como lugar do feminino. Assim, também pode se referir às pessoas efeminadas. No seu campo Pelúcio notou que uma travesti pode se referir a um gay no feminino “*a gay*”: “As travestis referem-se aos homens assumidamente homossexuais como ‘as gays’, usando o artigo feminino para marcar o desejo homoerótico e, assim, a afeminação.” (PELÚCIO, 2009, p. 68).

William Peres (2015) pesquisou em meados dos anos 2000 e apontou a importância da linguagem na socialização das travestis, e, por conseguinte, na compreensão das interações sociais e trocas afetivas e sexuais: “Nesta socialização sexual e social, os autores chamam nossa atenção para a importância da língua e dos significados que fazem parte do repertório linguístico da população estudada [...]” (PERES, 2015, p. 80). A linguagem pode produzir a aprovação ou não de determinados comportamentos, assim como pode classificar, censurar e/ou criticar certos grupos e indivíduos ou até mesmo o próprio grupo social:

A problematização a respeito da linguagem ganha maior importância ainda, se considerarmos os rótulos linguísticos que “também são usados com frequência para estigmatizar certas práticas sexuais ou grupos de indivíduos dentro de uma sociedade, e podem oferecer insights importantes sobre o comportamento sexual aprovado e desaprovado”. (PERES, 2015, p. 80 *apud* PARKER, HERDT; CARBALLO, 1995, p. 28).

Peres (2015) também observou a relação da linguagem das travestis com as religiões afro-brasileiras, relação recorrente em diversas etnografias e já apontada aqui: “No caso das travestis e da participação de muitas delas na umbanda e no candomblé, é muito frequente o uso de termos de origem *nagô* e *iorubá*, que constituem a língua das travestis que elas denominam ‘bate bate’.” (PERES, 2015, p. 80).

Benedetti (2005), ao pesquisar as travestis em Porto Alegre, ressalta como a compreensão dessa “linguagem cifrada” foi importante para o conhecimento desse universo. Deste modo, ao ganhar a confiança dos sujeitos da sua pesquisa, passou a reivindicar o direito de aprender o bate-bate, que seria “uma espécie de linguagem cifrada, com um vocabulário restrito, porém dinâmico, que costuma ser utilizada pelas travestis quando em presença de pessoas estranhas ou possíveis situações de perigo.” (BENEDETTI, 2005, p. 46).

Assim como Florentino (1998), Benedetti (2005) realizou sua pesquisa em Porto Alegre em períodos próximos, e ambos nomearam a linguagem como bate-bate, assim como Peres (2015). A circulação do dialeto e sua multiplicidade, tanto no que diz respeito ao uso, quanto à regionalização – como podemos perceber com relação à recorrência do nome bate-bate no sul do país – parece ser algo que os/as pesquisadores/as já desconfiavam. Florentino por exemplo, faz alguns esclarecimentos em sua pesquisa a respeito do bate-bate:

a) o uso de alguns termos e denominações que aparecerão no decorrer deste item não se restringe somente às travestis de Porto Alegre. b) Outros indivíduos de Porto Alegre que circulam pelo gueto gay, e que não são travestis, também compartilham de determinados termos deste sistema Lingüístico. c) O uso de alguns termos também é verificável em âmbito nacional. d) Pensando em um paralelo entre a Endaca das travestis de Uberlândia-MG e o Bate-Bate das travestis de Porto Alegre-RS, muitos termos são idênticos, porém, a utilização de outros recursos lingüísticos e a criatividade na composição das frases são tão verdadeiros que a linguagem acaba sendo específica para cada local. e) Um dado interessante é que no Rio de Janeiro, e falo isto partindo da consulta do *Diálogo de Bonecas* (p. 8), a expressão Bate endaca significa conversar. (FLORENTINO, 1998, p. 70).

Florentino recupera a informação de que, no início da década de 1990, circulava na sua cidade de origem em Minas Gerais, uma linguagem, cujo nome seria Endaca. Como a autora afirma, muitos termos, tanto do bate-bate como da Endaca, seriam idênticos, o que sugere que o léxico era o mesmo, o que mudava era a forma de utilização e o nome dado aos dialetos nas diferentes localidades. Além disso, indaca/endaca significa boca e já era uma palavra que fazia parte dessa linguagem, como nos mostra o *Diálogo de Bonecas*.

Tiago Duque (2009) em seu estudo sobre as travestis adolescentes da cidade de Campinas notou o uso do bajubá como preservação das práticas do grupo:

O uso do bajubá parece voltar ao clima do contexto da sua origem entre alguns dos adolescentes com os quais convivi, especialmente aqueles que foram abrigados em instituições de “proteção” a crianças e adolescentes neste município. Como as gerações anteriores, eles usavam este linguajar próprio para se comunicarem na instituição com outros adolescentes que o conheciam sem serem compreendidos pelos demais, o teor das conversas era quase sempre a respeito de práticas ou desejo sexuais, visto que não podiam declarar ou deixar transparecer suas práticas sexuais ou desejos pelos seus pares, afinal, no abrigo era proibido manter relações sexuais. (DUQUE, 2009, p. 57-58)

Duque (2009) nos mostrou o uso do bajubá em um contexto de vigilância em que as travestis adolescentes utilizavam o dialeto dentro de instituições de proteção para que o conteúdo de suas conversas, quase sempre sobre práticas sexuais, não fosse compreendido pelos/as agentes daquele lugar.

Assim como Pelúcio (2009), este autor constatou o uso da palavra axé. Em uma passagem do seu trabalho, Duque (2009) cita que as amigas de uma de suas interlocutoras, todas trabalhavam na prostituição, diziam que ela parecia ter *axé*, que na tradução delas queria dizer sorte na noite com os clientes (DUQUE, 2009). Apesar dessa referência a uma palavra utilizada nos terreiros, o autor observou que as adolescentes de seu estudo, em sua maioria, se diziam católicas/cristãs, diferentemente

das outras pesquisas apontadas neste capítulo (BENEDETTI, 2000; PERES, 2005; PELÚCIO, 2007). No entanto, as interlocutoras do seu trabalho compreendiam a relação entre o bajubá e as religiões afro-brasileiras:

O bajubá, como é chamado em Campinas, é definido pelas travestis como sendo um dialeto oriundo dos espaços sagrados das religiões afrodescendentes. Este vocabulário tem sido transmitido nos vários ambientes que as travestis frequentam, como boates, bares, Organizações Não Governamentais (ONGs) voltadas para a diversidade sexual, encontros nacionais ou regionais de militantes travestis. (DUQUE, 2009, p. 57).

Matteus Freitas de Oliveira (2010) pesquisou a prostituição trans na cidade de Feira de Santana, na Bahia, a partir do uso do espaço urbano e das intervenções infraestruturais da década de 1970 a 1990. Oliveira dedicou uma sessão de seu trabalho para o bajubá, chamado *Vocabulário trans: bajubá*, na qual percebeu que todos os pesquisadores do universo das travestis, de alguma forma, abordaram o uso da linguagem existente nas redes de sociabilidade trans (OLIVEIRA, 2010). Em sua dissertação foi construído um glossário, onde foram retiradas as palavras e expressões de um site²⁹ e adequados os regionalismos de acordo com sua pesquisa.

Consoante a isso, Oliveira (2010) também afirma a influência do iorubá-nagô na linguagem e a sua estratégia de preservação do grupo:

Há que se considerar que o Bajubá, também conhecido como Iorubá ou Batebate é compartilhado em um universo social mais amplo, alcançando também guetos afros e homossexuais. As palavras, em sua grande maioria, são oriundas de dialetos africanos e possuem baixa assimilação na sociedade comum. Poucas pessoas, fora do convívio Trans, compreendem o bajubá. Nesse sentido, a gramática Trans é uma estratégia territorial que segrega a compreensão da comunicação entre as Trans e os sujeitos outsiders, inibindo, por sua vez, o acesso a informações específicas do grupo. Uma vez impossibilitados de compreender as informações que fluem no convívio Trans, os outsiders não possuem acesso ao território, visto que essa unidade também é textual, (DUCAN, 1990). (OLIVEIRA, 2010, p. 175).

O pesquisador ressalta como a não compreensão do bajubá dificultou a análise das entrevistas e que o processo de aprendizagem do mesmo facilitou o trânsito nos territórios trans. De acordo com suas interlocutoras, o bajubá além de propiciar uma proteção ao grupo, tem forte relação com os terreiros de candomblé e umbanda:

Conforme Bette, o bajubá é um mecanismo que as Trans utilizam para se proteger do mundo heteronormativo e, além disso, serve para contarem situações sem que outras pessoas tenham acesso ao seu conteúdo. Já para Joan, essa linguagem é uma especificidade cultural do grupo, situando a influência dos rituais do candomblé na espiritualidade Trans. Para a

²⁹ O autor realizou uma triagem das palavras e expressões disponíveis no site: <http://worldgnews.blogspot.com.br/2012/03/dicionariobajuba-pajuba.html?zx=80a253e2219bfe03>

transformista Joan as palavras oriundas do iorubá são aprendidas nos terreiros, onde muitas Trans fazem suas orações e prestam serviços semanais as suas mães ou pais de santo, visto que os rituais afros como a umbanda e o candomblé são religiões que não consideram a homossexualidade no campo do pecado. (OLIVEIRA, 2010, p. 176).

É interessante notar que, passados mais de quinze anos da pesquisa de Kulick (2008), que em meados dos anos 1990 refutou a ideia de que as travestis eram majoritariamente ligadas ao candomblé, Oliveira (2010) tem posicionamento contrário mostrando que suas interlocutoras, também na Bahia, percebem essa relação e ainda afirmam as religiões afro-brasileiras como crenças e ambientes que aceitam a diversidade.

Marília Amaral (2012) pesquisou as travestilidades a partir do discurso das pessoas que desejavam se tornar travestis, as iniciantes, novatas, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Dos trabalhos apresentados nesta revisão bibliográfica, esta foi a primeira pesquisa no sul do país que nomeou o dialeto como bajubá, diferentemente de Florentino (1998), Benedetti (2005) e Peres (2015).

A linguagem foi um elemento relevante na pesquisa de campo de Amaral (2012). A autora percebeu a centralidade desta para as travestis construírem-se enquanto sujeitos. Para Amaral (2012, p. 32):

Por meio das gírias, que tentarei ir decifrando no decorrer do texto e de minhas experiências, percebi que mais do que um meio de se comunicar dentro dos grupos, a linguagem é também uma maneira utilizada entre as travestis, para falarem um pouco de si, sobre seus corpos, a partir de seus corpos e, efemeramente, classificarem-se dentro do universo *trans*.

A pesquisa de Marília Amaral dialoga com conceitos enunciados por Judith Butler (2002), para quem o corpo é em si discurso e construto linguístico. Portanto, não há um corpo fragmentado de um lado e o discurso de outro:

[...] eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso. Então, não quero afirmar que haja uma construção discursiva de um lado e um corpo vivido de outro. (BUTLER, 2002, p.163).

A materialidade dos corpos passa, por conseguinte, pela produção dos discursos e do poder. Conforme Butler (2013, p. 153): “A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas.” Assim, o sexo é construção também do discurso, não um atributo natural, biológico. Há um efeito da

linguagem que reitera discursos de “verdade” para produzir os corpos e o(s) sexo(s) e o seu efeito naturalizado (AMARAL, 2012; BUTLER, 2013).

Amaral (2012) também percebeu que o universo das travestis vai muito além da modificação corporal. Tal universo compõe um *ethos*, que perpassa códigos, comportamentos e a linguagem. Estes reverberam na experiência com e do corpo, e como as travestis se legitimam nesse cosmo:

[...] percebo que as regras que regem o processo de se tornar travesti vão muito além das técnicas corporais propriamente ditas e alcançam as formas como as travestis são compreendidas, como elas passam a fazer parte de um processo de legitimação e a maneira como entendem o mundo ao seu redor a partir da experiência do corpo. (AMARAL, 2012, p. 56).

Assim como Pelúcio (2009), Amaral (2012) observou que entre as *tops* o uso do *bajubá* não era bem visto, compreendendo esta relação com um embranquecimento e ascensão social, já que, como dito anteriormente, o *bajubá* tem origem no *iorubá-nagô*, uma língua de alguns grupos étnicos africanos e está intrinsecamente ligada às religiões afro-brasileiras. Frantz Fanon (2008), ao relacionar a negritude e a linguagem, problematiza o uso da linguagem como um dos diversos instrumentos de colonização do povo negro, especialmente dos negros antilhanos. De acordo com seu estudo: “Um homem [uma pessoa]³⁰ que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito.” (FANON, 2008, p. 34). Dessa forma, devido ao “aniquilamento” da originalidade da cultura negra, um povo colonizado toma um posicionamento diante da linguagem da nação civilizadora, assimilando seus valores. Assim quanto mais se rejeitar a negritude e a cultura negra, mais branco será. Essa análise colabora para pensar como o *bajubá* circula, por se tratar de uma linguagem de origem em uma língua africana, e por ser comumente utilizada na rua, se configurando como uma linguagem marginal, o seu uso é condenado, como apontam as autoras citadas no início do parágrafo, de modo que há a busca por embranquecimento e higienização social.

É possível notar que alguns marcadores de diferença atravessam esse campo e essa linguagem, tais como raça/etnia, classe, gênero e geração. A diferença pode ser

³⁰ Por este trabalho propor uma escrita que contemple as diversas categorias identitárias, julgamos necessário frisar que, na citação, Frantz Fanon se referia à humanidade e não apenas aos homens. De acordo com Gabriela Araujo e Tamires Silva (2016, p. 71) “A linguagem é produtora de significados, portanto, ela não só atribui nome às coisas, mas as produz. Destacamos o uso da língua portuguesa sempre no gênero masculino para se referir aos sujeitos, colocando o homem como o centro, construtor da história. [...], por conseguinte, a língua também pode ser um construto sexista.”

entendida como categoria analítica, como propõe Avtar Brah (2006), de forma que esta é analisada sob a articulação de discursos e práticas inscritas nas relações sociais, posições de sujeito e subjetividades. Classe e raça/etnia foram marcadores de diferença percebidos por Pelúcio (2009) e Amaral (2012) quanto ao uso e interdição do *bajubá* por parte das travestis que ascenderam socialmente.

Amaral (2012) também notou como os apelidos e gírias dados às travestis como categorização (*gay, tops, belas, cdzinhas, transformers, glamourosas, etc.*) são formas de se reconhecerem e se nomearem dentro dos códigos de linguagem que elas criam entre si e que são reconhecidos também por pessoas que não fazem parte do grupo. Esse reconhecimento pode se referir ao marcador geracional, que produz laços afetivos e relativos à consanguinidade, como *mamy*, filha, entre outros. Como relacionados a um reconhecimento do investimento financeiro no corpo, como por exemplo: *finas, tops, glamourosas, feias, etc.* O nome, a forma como o sujeito é nomeado, é uma das formas deste ser concebido na linguagem: “Ser chamado por um nome é também uma das condições pelas quais um sujeito se constitui na linguagem.” (BUTLER, 2004, p. 17, tradução nossa)³¹.

Amaral ressalta a comunicação como um elemento constitutivo dos ensinamentos que as travestis *novinhas* enfrentaram no cuidado e aprendizado de si enquanto travestis, especialmente na rua, na “batalha” em que nem todas conseguem viver ou se estabelecer durante muito tempo na prostituição:

Quase todas as *novinhas* com as quais conversei, não negaram as dificuldades enfrentadas no início, para se prostituir. Além do conjunto de regras e ensinamentos sobre a *pista* e a comunicação, geralmente feita com os termos do *bajubá*, os quais apenas as *travestis de rua* sabem ensinar [...] (AMARAL, 2012, p. 109).

Essa divisão entre ser ou não uma travesti de rua não é algo muito bem demarcado, pois muitas travestis exercem a prostituição e concomitantemente ocupam espaços de militância, em ONGs, associações, redes e coletivos e/ou trabalhos formais, ainda que em menor número. A sociabilidade na rua não passa unicamente pelo exercício da prostituição, mas demanda a compreensão e o respeito aos códigos da rua. Dessa forma, o aprendizado do *bajubá* também pode acontecer em outros espaços e por sujeitos que são reconhecidos não necessariamente por sua inserção em um território de prostituição. O impacto das interações sociais via plataformas digitais poderá refletir na

³¹ Do original: “Ser llamado por un nombre es también una de las condiciones por las que un sujeto se constituye en el lenguaje [...]” (BUTLER, 2004, p. 17).

veiculação/transformação e usos do *bajubá*. No entanto, ainda não temos pesquisas que apontem para essas novas circulações e trânsitos.

Adriana Sales (2012), em sua pesquisa sobre as travestilidades no espaço escolar, elucida que o uso da linguagem foi um dos instrumentos de convencimento e pertencimento que as travestis utilizaram como estratégia de resistência. É sugestivo, com base nessa perspectiva, que a linguagem das travestis se configura como estratégias e táticas para o enfrentamento do que é normativo e hegemônico, ainda que a pesquisadora não tenha feito menção ao *bajubá* especificamente.

Rodrigo Borba e Ana Cristina Ostermann (2008) analisaram a importância do uso gramatical quando se vai referir ao gênero. Em uma entrevista, Borba (2008), ao se referir a uma interação onde pronunciou *o* travesti, foi advertido por uma pessoa “membra”³² da ONG que desenvolvia ações com as travestis integrantes de seu campo de pesquisa e o corrigiu, se ele quisesse “fazer parte” deveria “falar a mesma língua”: “[...] fica evidente que as participantes da comunidade investigada têm consciência do poder da língua de (re)produzir e/ou (re)criar identidades.” (BORBA; OSTERMANN, 2008, p. 418). Ambos os autores discutem a linguagem no campo da performance de gênero, e embora o *bajubá* também figure na pesquisa, não é o tema central. Nesse sentido, existem diferentes preocupações entre os/as pesquisadores/as no que diz respeito à linguagem. Vale lembrar que Borba e Ostermann são pesquisadores/a do campo da linguística e interseccionam sua análise com as ciências sociais.

Borba (2011) notou que a construção das identidades na prevenção de DST/Aids também se relaciona com a utilização do *bajubá* nos territórios de prostituição. Assim: “[...] o uso do *bajubá* é talvez a ferramenta linguística mais frequentemente utilizada pelas interventoras na negociação de suas identidades tradicionais na *batalha*.” (BORBA, 2011, p. 1383):

Assim, ao fazer uso do *bajubá*, Sandra parece diminuir suas diferenças identitárias e engaja-se em um projeto interacional que a constitui, à luz desse intertexto, como semelhante às travestis com quem interage. Esse processo de apagamento de características ideologicamente discordantes pode ser considerado como uma estratégia utilizada pela interventora na produção intertextual de uma performance identitária que não destoe do contexto onde está inserida durante as intervenções e de suas interlocutoras. (BORBA, 2011, p. 1382).

³² Forma como os/as autores/as escreveram para se referir a uma mulher integrante da ONG em questão.

A relação entre o bajubá e as práticas de intervenção e prevenção de DST/Aids foi um dos elementos percebidos nesta pesquisa e que será abordado nos próximos capítulos.

O trabalho desenvolvido neste capítulo, embora não tenha tido a pretensão de se constituir em uma revisão sistemática da literatura, permitiu mapear situações em que o bajubá atravessou pesquisas e algumas questões que foram consideradas pertinentes pelos/as pesquisadores/as, tais como a relação entre religião e linguagem. Apesar de a estreita relação entre a comunidade LGBT e as religiões afro-brasileiras ter tido algum destaque nos estudos apresentados neste capítulo, não foi objetivo aprofundar alguns aspectos, tais como as relações de hierarquia presentes nos terreiros, que delimitam posições e papéis³³.

Ainda que haja o reconhecimento inequívoco da linguagem como componente da sociabilidade de travestis, poucos trabalhos se demoraram sobre esse aspecto. Nesta perspectiva, retomaremos a análise do *Diálogo de Bonecas*, tendo como questão central identificar os trânsitos e as transformações do bajubá como dialeto reconhecido pelas travestis brasileiras.

³³ Jaqueline Talga (2013) ao pesquisar os terreiros de candomblé, afirma que embora nestes espaços haja uma maior aceitação de pessoas trans, ainda são encontradas divisões historicamente construídas enquanto papel de homens e mulheres, assim: "As diferenciações e as equivalências sexuais existentes nos terreiros de Candomblé possuem explicações mitológicas, carregadas de símbolos e significações interiorizadas gradualmente por seus adeptos, mas também, em muitos casos, percebemos ao mesmo tempo uma reprodução de muito do que historicamente se naturalizou enquanto atribuições de homens e mulheres nas sociedades capitalistas modernas dentro desse universo religioso." (TALGA, 2013, p. 163).

2 A língua em (des)ordem: os dicionários e glossários e seus atravessamentos no universo das travestis

Este capítulo tem por objeto primeiro a apresentação dos principais documentos identificados no levantamento bibliográfico que, de alguma forma, sistematizaram as palavras e termos utilizados na comunidade LGBT, sobretudo no universo das travestis. São eles: o glossário da monografia de José Fábio Barbosa da Silva (1958); o *Diálogo de Bonecas* (1995); o *Bichonário* (1996); o dicionário *Aurélia, a dicionária da língua afiada* (2006); e o glossário do livro de Pelúcio (2009), *Abjeção e desejo*.

Num segundo momento, sem estabelecer uma ordem cronológica, apresentamos uma breve análise comparativa entre os documentos sendo que elegemos como referência o *Diálogo de Bonecas*. Justificamos tal escolha por reconhecer que esse seria o único deles que foi escrito por travestis com o objetivo primeiro de fazer circular/dar-se a conhecer a linguagem do e no grupo.

2.1 Diálogo de Bonecas

Apenas dois exemplares do *Diálogo de Bonecas* foram identificados na fase de seleção do material. Ambos estavam na biblioteca de Cristina Florentino, autora de um dos trabalhos utilizados nesta dissertação, que os cedeu para a pesquisa. O dicionário foi produzido pelo grupo ASTRAL, a primeira organização de travestis do Brasil.

Jovanna Baby, em entrevista a Gilson Carrijo (2012b), situa o surgimento do movimento de travestis com o Encontro Nacional de Travestis e Liberados (ENTLAIDS) e o financiamento do ISER, mesma instituição responsável pelo subsídio para a publicação do *Diálogo de Bonecas*:

[em 1993] Não se chamava ainda ENTLAIDS, começou como Encontro Nacional de Travestis e Liberados (ENTL) e aconteceu no Rio de Janeiro. Neste primeiro encontro, não houve financiamento. Naquele momento, não havia ONG composta somente por travestis, foi feito o convite para ONGs gays e elas custearam seus representantes. Participaram 06 travestis e outros representantes das cidades de São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná e do próprio Rio de Janeiro. [...] O encontro aconteceu na Ladeira da Glória e, pasme, foi sediado por uma instituição religiosa, o Instituto Superior de Estudos da Religião, ISER, ligado à Diocese do Rio de Janeiro. [...] Foi curioso, pois o Instituto possuía um projeto que atendia as prostitutas e nós [equipe do projeto e Jovanna] nos conhecemos em uma área de prostituição do Rio e, a partir daí, eles começaram a atender também as travestis. O Instituto me convidou para trabalhar como monitora na prevenção de aids. Fiquei responsável por fazer o contato (interface) com as

travestis. No primeiro mês de trabalho, já se pensava em um mecanismo para ajudar as travestis a sair daquela situação [de violência policial], que era horrível. Isso foi entre 1990 e 1991, antes do primeiro encontro. O ENTL aconteceu dois anos depois, após termos fundado a ASTRAL – Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro. (CARRIJO, 2012b, p. 253).

O *Diálogo de Bonecas* foi publicado pela ASTRAL, com recursos do projeto Saúde na Prostituição, em 1995, ano em que aconteceu o segundo ENTLAIDS. Segundo Jovanna Baby, em entrevista que irá compor o terceiro capítulo, o documento circulou no ENTLAIDS, que ocorreu no Rio de Janeiro no ano da publicação do documento. Ela assinalou que a tiragem foi pequena, não sabendo precisar o número de exemplares, e que foram distribuídos entre as instituições presentes.

A publicação do dicionário reitera não somente a relação entre o poder público e o movimento social, mas também a presença de organização e organismos internacionais, uma vez que o dicionário foi financiado pelo projeto que recebia recursos através do convênio com o Ministério da Saúde e pela Agência de Cooperação Internacional Sueca (ABF). Essa interlocução sugere uma questão fundamental que discutiremos no final do capítulo: o impacto das ações de prevenção na elaboração do dicionário e a decisão de quais termos e palavras deveriam circular através dele.

O *Diálogo de Bonecas* está organizado em dezesseis páginas e possui 232 palavras com seus respectivos significados. A introdução, escrita pelo antropólogo Raul Lody³⁴, evidencia o reconhecimento da violência e da linguagem como forma de proteção do grupo, sob o título: “Dialeto criado pelos travestis da prostituição para se defenderem dos ataques sofridos”.

O antropólogo nomeou o documento de glossário, ainda que reconhecesse nele a potencialidade de ser compreendido como dicionário. Reafirmou a influência do iorubá-nagô no dialeto das travestis, mostrando a relação de troca entre esse grupo e as religiões afro-brasileiras, como já apontado neste trabalho e identificado por outros pesquisadores:

Este glossário, de vocação para dicionário tenta traduzir o ideário das palavras e seus fortes significados sociais e culturais. E nele, observo algumas apropriações de vocábulos recorrentes nos terreiros de Candomblé, Mesclado, Yorubá ou Nagô com diferenças entre o povo do santo – dos terreiros – e o universo gay. As trocas acontecem em moedas iguais. Os significados têm valores e sentidos comuns. São referências de integração em prol de integridades que compõem entendimentos de gênero, de raça, de grupo, de hierarquia, de cultura, de civilização. É fascinante a variedade de formas associativas vindas da linguagem gay, no caso eminentemente urbana.

³⁴ Pesquisador na área dos estudos das religiões afro-brasileiras.

O valor de cada palavra incluída no seu contexto traz riqueza sociológica que motivará futuros estudos, certamente. (LODY, 1995, p. 2).

Raul Lody se referiu à linguagem gay em um dicionário escrito por e para travestis. Como já citamos anteriormente, travesti, e posteriormente transexual, são categorias historicamente recentes, e o uso da palavra gay para designar travestis naquele período era recorrente, assim, o tratamento dado às travestis era comumente no masculino. Segundo Jovanna Baby, a introdução foi escrita pelo antropólogo Raul Lody a pedido da coordenadora do projeto, Célia Szterenfeld.

As interlocutoras desta pesquisa perceberam o deslocamento do uso do pronome masculino para o feminino como resultado da constituição da resistência desses sujeitos, como afirma Keila Simpson: “Você pode pensar o *Diálogo de Bonecas* foi publicado em 95 e o movimento se constitui em 93, têm dois anos. E mudou completamente, porque já é pelas travestis, com as travestis, com o gênero feminino.”³⁵ De acordo com Jovanna Baby, no período de publicação do dicionário os homossexuais e as travestis ainda eram lidos/as sob o mesmo prisma, portanto algumas palavras do bajubá se referiam tanto às travestis como aos homossexuais:

O adé era usado pra travesti, porque todo mundo era no bojo de homossexual. Todo mundo era nesse bojo. As travestis além de serem identificadas por adé também eram identificadas como mona de equê, que é mulher de mentira. A gente nem discutia transexualidade na época. (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

O uso do pronome masculino para se referir às travestis na década de 1990 ainda era comum, sobretudo na academia, embora alguns trabalhos já utilizassem o pronome feminino, como na etnografia de Florentino (1998). O trabalho de Florentino tensionou a academia, através das ferramentas da antropologia, a repensar seus próprios termos. A pesquisa de Benedetti (2005), também realizada no campo da antropologia, teve maior circulação e produziu efeitos em relação ao reconhecimento do feminino, através do deslocamento do artigo masculino para o feminino, como aponta o autor:

É relevante esclarecer os motivos que me levam a empregar o substantivo travesti como pertencente ao gênero gramatical feminino. Além das razões que valorizam o próprio processo de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis, e que levam em conta a utilização êmica desse termo, usualmente empregado na flexão feminina, há uma justificativa política. O respeito e a garantia à sua construção feminina estão entre as principais reivindicações do movimento organizado das travestis e transexuais. (BENEDETTI, 2005, p. 19).

³⁵ Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017.

Chama a atenção o fato de Raul Lody ter sido convidado a apresentar o *Diálogo de Bonecas*, mas sem nenhuma interface de pesquisa com o tema. Naquele momento, Hugo Denizart e Hélio Silva eram pesquisadores no Rio de Janeiro, e mantinham relações tanto com o ISER quanto com as travestis.

Raul Lody é reconhecido por sua pesquisa no campo da religião e, mais uma vez, o convite, e conseqüentemente o aceite para apresentar o documento, apontam para o reconhecimento de que a linguagem das travestis é atravessada por elementos das religiões afro-brasileiras. Este argumento se opõe ao defendido por Kulick, que afirmou não haver relação entre as travestis e as religiões afro-brasileiras (KULICK, 2008). Sobretudo, porque, segundo este autor, até o momento de sua pesquisa não havia qualquer estudo que confirmasse a participação ativa das travestis nas religiões afro-brasileiras, apenas estudos referentes à participação dos homossexuais afeminados. Algumas pesquisas atuais analisaram a presença e relação das travestis e transexuais com terreiros de religiões afro-brasileiras (FERNANDES, 2013; SANTOS, 2013; NASCIMENTO; DA COSTA, 2015; NASCIMENTO, 2016).

Publicado no contexto de enfrentamento da epidemia da aids, o *Diálogo de Bonecas* materializa essa preocupação. As palavras e expressões apresentadas se relacionavam às interações nas situações de trabalho, com a polícia e com os/as agentes responsáveis pelas políticas de prevenção da aids.

O projeto Saúde na Prostituição recrutava as prostitutas e as travestis nas principais zonas de prostituição do Rio de Janeiro, como Praça Tiradentes e Lapa, propondo sua inserção como multiplicadoras, estratégia amplamente conhecida na metodologia de educação pelos pares (CAMPOS DA PAZ, 1993). O projeto foi coordenado por Christopher Peterson, médico, e Célia Szterenfeld, psicóloga, que foi supervisora na publicação do *Diálogo de Bonecas* e principal articuladora com as travestis.

O trabalho com as travestis, para a difusão de informações sobre HIV/Aids e a distribuição de preservativos, demandava a inserção em territórios específicos, ainda hoje consideradas como “grupo de difícil acesso”³⁶. Naquele momento, o uso do bajubá pode ter sido interpretado pelos/as agentes como barreira e a proposta de elaboração do

³⁶ Em 2017 o Ministério da Saúde financiou a pesquisa DIVAS, através de uma parceria entre a ENSP/FIOCRUZ, Universidade Johns Hopkins, Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais e UNESCO. Foi utilizada a metodologia Respondent-Driven Sampling (RDS), que assume a perspectiva de que membros de uma população de difícil acesso são melhores em recrutar pares de sua população do que outros indivíduos. (Disponível em: <http://www.pesquisadivas.com.br/apresentacao.html>).

documento foi adotada como uma estratégia para aproximação com o grupo. Não passa despercebida a presença no documento de frases com palavras do *bajubá*, com informações sobre prevenção, sugerindo o uso de preservativo e difusão de informação sobre o HIV/Aids.

2.2 *Bichonário*: um dicionário gay

Orcil Santos Júnior publicou o livro *Bichonário* em 1996, fruto de sua monografia em Comunicação social pela Universidade Federal da Bahia: *Linguagem de gaytos: um estudo sobre o falar da comunidade homossexual baiana*. As boates gays de Salvador propiciaram o contexto de construção do *Bichonário*. O livro possui um prefácio e uma apresentação, onde o autor discorre sobre como a transcrição das palavras em um livro não é suficiente para traduzir a riqueza que elas conseguem transmitir se acompanhadas de gestos e emoções:

Aqui está o *Bichonário*. Pena que dentro da riqueza linguística que ofereceram os falantes do gueto gay não estejam transcritos aqui o gestual, a entonação e a emoção que permeiam esse clandestino dizer. Enquanto intraduzíveis, também ficaram de fora deste livro os sentimentos próprios de uma comunidade marginalizada que, com certeza, definem sua língua. (SANTOS JÚNIOR, 1996, p. 5)

São 636 palavras com seus respectivos significados. As seções são precedidas de ilustrações que, de acordo com o autor, “[...] retratam erotismo e sensualidade na arte dos longos tempos.” (SANTOS JÚNIOR, 1996, p. 5). Após o prefácio, há uma estória baseada na mitologia: a estória de Jacinto, um jovem mortal por quem Apolo, deus do sol, e Zéfiro, um dos quatro ventos do oeste, se apaixonaram, mas que termina em tragédia, quando Zéfiro enciumado enquanto Jacinto e Apolo jogavam discos, mata seu amor. Assim, as lágrimas de Apolo fizeram com que do sangue de Jacinto nascesse uma flor. No fim desta narrativa, que precede a exposição das palavras no livro, o autor dedica uma nota de rodapé explicando a escolha da capa³⁷: “Na capa deste livro, há duas referências: a ‘Flor de Jacinto’, considerada a ‘flor gay’ e as cores do arco-íris, símbolo do movimento homossexual internacional.” (SANTOS JÚNIOR, 1996, p. 9).

O dicionário segue a ordem alfabética com uma sessão destinada a cada letra. Cada seção é precedida de uma imagem e uma frase. As imagens também são

³⁷ A imagem da capa do livro consta em anexo.

narrativas, memórias, análises. Segundo Carlos Brandão (2004), elas podem servir apenas para ilustrar, mas também podem ser outra fala, outro texto:

Outras imagens, outras fotos, podem estar distribuídas em consonância com as descrições do texto para, junto com as palavras, etnografar. É quando as fotografias não são uma pausa no texto, mas uma outra fala que, tal como as palavras, têm algo próprio a dizer, a descrever ou mesmo a interpretar, Sim, e por que não? Se na primeira situação as imagens acompanham de maneira complementar as palavras, nesta segunda, as palavras e imagens devem dialogar. (BRANDÃO, 2004, p. 28).

Embora o *Bichonário* não seja uma etnografia, como descreve Brandão (2004), as imagens dialogam com o texto e possuem uma história. Todas elas evidenciam o corpo, e como o próprio autor advertiu na apresentação do trabalho, retratam sensualidade e erotismo. Foucault (2014) discute como o corpo, o sexo e a sexualidade produzem discursos e são incessantemente falados: “Entre seus emblemas, nossa sociedade carrega o do sexo que fala.” (FOUCAULT, 2014, p. 85). No dizer do autor:

Vivemos todos, há muitos anos, no reino do príncipe Mangoggul: presa de uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo, insaciáveis a ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos a inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua discrição. Como se fosse essencial podermos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos não somente prazer, mas saber e todo um jogo sutil que passa de um para outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber; é como se esse animal extravagante a que damos guarida tivesse uma orelha bastante curiosa, olhos bastante atentos, uma língua e um espírito suficientemente benfeitores, para saber demais e ser perfeitamente capaz de dizê-lo, desde que solicitado com um pouco de jeito. (FOUCAULT, 2014, p. 85).

É no corpo que essas figuras se concentram, produzindo narrativas que colocam o sexo e as corporalidades enquanto discursos que ressoam, como aponta Foucault (2014), produzindo saberes. Dessa forma, as sexualidades “desviantes” fornecem mecanismos que fazem proliferar prazeres específicos e a intensificação do que Foucault chama de sexualidades dispartadas (AMARAL, 2012).

As frases que antecedem as letras do dicionário não possuem uma linearidade no que diz respeito a um mesmo tema ou autor. Alguns são trechos de poesias, outras são frases de filósofos distintos. Por exemplo, constam trechos dos poemas “O lutador” e “O medo”, de Carlos Drummond de Andrade, fragmento do livro “Como eu vejo o mundo”, de Albert Einstein, excerto do livro “Os irmãos Karamázovi”, de Dostoievski, e trecho do livro “Elogio da loucura”, de Erasmo de Roterdã. São dezesseis frases que antecedem as seções, já que algumas letras estão condensadas em uma seção apenas. Há ainda uma citação bíblica de Eclesiastes 11:9, que inicia a abertura das traduções e que

nos chamou a atenção: “Alegre-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias de tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem o teu coração e agradam aos teus olhos.” O uso de um versículo bíblico em um livro voltado para a comunidade LGBT causa estranhamento, sobretudo pela relação histórica das religiões cristãs com a comunidade, especialmente os posicionamentos religiosos que “[...] expressariam a persistência de uma rejeição às práticas homossexuais, qualificadas como *pecado* a partir de diferentes estratégias discursivas.” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 130). Se pensarmos a relação entre a comunidade LGBT e o cristianismo na atualidade no Brasil, o cenário que se constrói é de disputas:

[...] não há como se pensar a política no Brasil contemporâneo sem levar em conta os embates de gênero, sexualidades e religião, ou seja, essas questões têm sido estruturantes e definidoras de posições na cena política global, com especial atenção para o crescimento da participação de religiosos cristãos no legislativo (e outras instâncias de tomadas de decisão) e sua pressão por marcação e manutenção dos valores cristãos pelo Estado brasileiro. Esse domínio da cena pública por lideranças religiosas fundamentalistas tem impactado as populações LGBTTT em duas dimensões. De um lado, tem estruturado respostas coletivas contra as ofensivas do “fundamentalismo religioso”, em suas representações estereotipadas sobre o gênero e a sexualidade. De outro, tem fortalecido a reação homofóbica nacional (por vezes extremista) contra as populações LGBTTT. (FERNANDES, 2013, p. 487).

Ainda é preciso evidenciar que o *bajubá* é uma linguagem que tem origem nos terreiros das religiões afro-brasileiras e a hegemonia cristã no Brasil tem impactado também essas religiões numa espécie de “batalha religiosa”, na qual o que está em jogo são as mediações mágicas e o transe religioso (FERNANDES, 2013), como também a quebra das noções entre sagrado e profano, masculino e feminino vivenciada nas religiões afro-brasileiras (GIUMBELLI, 2006).

No que tange à valorização da juventude na passagem bíblica, Júlio Assis Simões (2004, p. 3) indica que a apreciação da juventude dentro da “cultura gay masculina” se deve a um mercado sexual hierarquizado, onde juventude, beleza e atributos físicos são valorizados:

Se a preferência pela juventude e a antipatia pela velhice são recorrentes na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento, ou, pelo menos, constituem sentimentos disseminados na chamada cultura de consumo contemporânea [...]. Nesse cenário, aparentemente marcado pelo hedonismo complacente e pela obsessão com atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza, não haveria lugar para pessoas de mais idade, que carregariam os estereótipos derivados da

depreciação de sua atratividade como parceiros sexuais desejáveis e da decorrente marginalização pelos mais jovens. (SIMÕES, 2004, p. 3).

A valorização da juventude nos documentos analisados pode ser identificada pelo seu avesso, ou seja, a depreciação da velhice, que não necessariamente corresponderia aos ciclos de vida normatizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Três, dos cinco documentos analisados possuem palavras que se referem à geração como veremos no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Palavras e expressões contidas nos documentos *Diálogo de Bonecas*, *Bichonário* e *Aurélia* relacionadas à velhice

<i>Diálogo de Bonecas (1995)</i>	
Aja gangun	Velho.
Cacurucaia	Bicha acima dos 60 anos.
Cacura	Bicha acima dos 40 anos.
Maricona	Bicha velha.
Ocó antigo	Homem velho.
Vóvó Catarina	Pessoa velha intrometida.
<i>Bichonário (1996)</i>	
Bicha velha	Gay idoso, pederasta.
Dinda	Homem velho, experiente.
Fada-madrinha	O gay mais velho de um viadeiro.
Mafalda	Gay velho e chato.
Tia	Gay velho.
<i>Aurélia (2006)</i>	
Bia	Bicha de idade avançada.
Bicha de época	Bicha antiga, machadiana, <i>vintage</i> , gongórica.
Bigode	Bicha mais velha.
Bigodón	1. Bicha de meia-idade que adora usar um bigode.
Cacu	Forma abreviada de cacurucaia; indivíduo idoso ou de idade avançada para determinado fim.
Cacura	Forma abreviada de cacurucaia.
Cacurucaia	Pessoa idosa, que já passou da idade para fazer algo
Camafeu	Mulher bem velha e feia.

Cocuana	Qualquer pessoa velha.
Coirão	1. puta velha.
Coronel	Lésbica independente e mais velha, que sustenta a amante.
Irene (RS)	Velho; o termo é pronunciado ire-e-e-e-e-e-ne, como o berro de um cabrito.
Nefertite	Bicha muito velha, embalsamada, mas que ainda conserva uma aura de mistério em torno de si; a nefertite tem sempre uma <i>Zoraide</i> por perto, sua pupila e seguidora.
Urso polar	Bicha ursa velha, com os pêlos já todos brancos.

Fonte: Elaboração própria a partir de: Baby (1995); Santos Júnior (1996) e Vip e Libi (2006).

O *Bichonário* também possui uma sessão com cinco anedotas, chamadas de *rapidinhas*, escritas com palavras do bajubá e em tom de jocosidade sobre o universo LGBT. É sugestivo que grande parte das personagens das estórias sejam as travestis³⁸. Classificamos essas anedotas em três grupos de abordagem: violência, relações afetivas e prevenção.

É necessário perceber que os objetos de deboche presentes nas anedotas são as relações sociais vivenciadas pelas travestis em contextos de rejeição, violência, desilusões amorosas, prostituição e DST/Aids. Em um dicionário que reivindica ser “um dicionário gay”, as figuras centrais das estórias são travestis. Isso revela e reforça um estigma tão associado à figura da travesti, que é a zombaria, o riso, o deboche, representado numa caricatura. Embora as anedotas possam escancarar a realidade vivida por muitas travestis associadas aos contextos citados acima, essa imagem pitoresca vinculada às travestilidades por meio do deboche pode contribuir para uma violência ainda maior, como aponta Silva (1993, p. 5):

Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto direito da boca do intelectual macho (ou do gay respeitável) com a bala que fere o seio esquerdo [...] [da] travesti. O risinho cria na verdade a ambiência que neutraliza a decisão de apertar o gatilho.

³⁸ As anedotas constam em anexo.

A primeira categoria das anedotas é a *violência*. Duas das cinco anedotas expressam a violência sofrida pelas travestis, dentro da própria comunidade, como também, e especificamente, a violência policial. De acordo com Green (2000) os anos 1980, pós-redemocratização, foram marcados por um aumento da violência contra gays, lésbicas e travestis, cometidos, em sua maioria, por indivíduos e grupos que nunca foram processados e/ou punidos. Também na década de 1990, período de publicação do *Bichonário*, era bastante acentuada a violência exercida pela polícia contra grupos de homossexuais e travestis.

Foi a partir desse confronto entre a polícia e as travestis, em especial as que estavam na prostituição, que o movimento de travestis e transexuais brasileiro emergiu, a partir de uma rede de apoio que foi se configurando. (CARVALHO, 2011). Apesar de avanços significativos na conquista de direitos, a violência permanece como pauta para o movimento. Segundo dados do Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais³⁹, no território brasileiro no ano de 2017 foram contabilizados 179 assassinatos até 24 de dezembro.

O segundo grupo forma a categoria *relações afetivas*. Duas anedotas expõem as relações afetivo-sexuais que as travestis, personagens das histórias, vivenciaram. Pelúcio (2006), sobre a conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem, percebe que, em geral, elas costumam ter uma trajetória de vida diferente dos padrões considerados socialmente apropriados para certas faixas etárias: elas saem cedo de casa iniciando uma vida noturna, sustentando-se através da prostituição.

Pelúcio (2006) afirma que alguns papéis e definições clássicas foram reafirmados em grande parte das relações afetivo-sexuais das travestis de sua pesquisa, a saber, as posições casa/mulher e rua/homem, reiterando a posição de passividade do feminino e de atividade do masculino. Teixeira (2011), por sua vez, ao pesquisar o contexto transnacional de travestis no mercado sexual, especificamente na Itália, percebeu que a circulação dos maridos naquele contexto aconteceu a partir de outras posições em que a passividade e a atividade não foram balizadores. Conquistar um marido italiano podia ser considerado um elemento de sorte, uma vez que as relações afetivas e sexuais naquele país são vivenciadas em outras possibilidades, em que pesa “[...] o desamparo legal e situações de vulnerabilidades advindas da condição de

³⁹ Documento elaborado pela Articulação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ&ll=-6.447239100000003%2C-35.412435500000015&z=8>

clandestinidade, ainda que não se configure como garantia de sua regularização” (TEIXEIRA, 2011, p. 241), e essas relações podem integrar uma “rede de ajuda” e colaboração.

No que diz respeito aos laços afetivos familiares, na mesa redonda sobre envelhecimento no VII Encontro de travestis e transexuais do Triângulo Mineiro, as relações consanguíneas também foram mencionadas. Anyky Lima, uma das componentes da mesa redonda, relatou que a necessidade de amor pela família é grande, e, embora, a rejeição possa acontecer com frequência, quando as travestis conseguem recursos financeiros, este é direcionado para a família em busca de aceitação. Quanto ao dinheiro ganho na Europa, Teixeira (2008) e Carrijo (2012a) observaram que os recursos financeiros empoderam as travestis diante da família e se configuram como uma forma de visibilidade entre seus pares. Nesse sentido, Anyky Lima afirmou que:

A própria família da gente quando nos expulsa, nós necessitamos tanto de amor, que a gente depois compra a própria família. A nossa família é comprada com uma geladeira, um fogão, comprada com uma casa [...].⁴⁰

Keila Simpson, que também integrava a mesa redonda, ao falar sobre aposentadoria e patrimônio, afirmou que não pretendia deixar nenhum bem para a família, pois não obteve ajuda de seus parentes e, portanto, embora haja amor, essa seria a sua decisão:

[...] se tiver um dia perto de morrer, eu vou dar um jeito de tacar fogo pra não deixar nada pra ninguém, porque ninguém nunca me deu nada, então eu não quero deixar pra governo, pra família. Minha família também não me deu, minha família me ama, mas nunca me deu nada também. Eu não tenho essa pretensão de depois, de deixar nada pra ninguém. Pode ser uma coisa egoísta minha, pode ser uma banalidade, mas eu sempre vivi assim e te digo que vivo muito bem, não me arrependo não.⁴¹

A rejeição e a falta de apoio são elementos presentes em diversas histórias de vida de travestis (SILVA, 2007; KULICK, 2008; CARRIJO, 2012b). Esse histórico de vida se dá essencialmente pela não aceitação, estigmatização e desprezo por parte da família quanto à identidade de gênero e orientação sexual desses sujeitos, e se estende

⁴⁰ Fala realizada por Anyky Lima, na mesa redonda “Desafio do envelhecimento: o que nos preocupa?”, durante o VII Encontro Regional de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro, na Universidade Federal de Uberlândia, 20/10/2016.

⁴¹ Fala realizada por Keila Simpson, na mesa redonda “Desafio do envelhecimento: o que nos preocupa?”, durante o VII Encontro Regional de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro, na Universidade Federal de Uberlândia, 20/10/2016.

para algumas experiências afetivo-sexuais, como observou Rafael Alves Galli (2013), em que as travestis de sua pesquisa narraram desilusões amorosas.

O último grupo de abordagem das anedotas é a categoria *prevenção*. Em 1980 o Brasil enfrentou, e ainda continua enfrentando, a epidemia da aids, o que tornou as “sexualidades dissidentes” repatologizadas, reforçando a normativa heterossexual:

Os discursos morais sobre o “mal sexo” ganhavam uma roupagem científica, agora que a homossexualidade, sobretudo a masculina, podia ser repatologizada em outros termos através de uma doença que chegou a ser anunciada como “o câncer gay”. Quando a aids ganhou, enfm, sua etiologia, esta veio fortemente associada aos homossexuais e às suas práticas eróticas, somando-se a já então longa história de patologização de determinadas sexualidades (Foucault, 2003). (MISKOLCI; PELÚCIO, 2009, p. 135).

Por conseguinte, o homoerotismo foi associado ao vírus e a homossexualidade passou a ser vista como uma ameaça criando-se a ideia de que a epidemia estava ligada às práticas das sexualidades “desviantes” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2009).

As anedotas mostram o universo das travestis marcado por relações de violência, visível ou simbólica, na figura da instituição policial ou da rejeição familiar e amorosa, elementos esses confirmados em diversas pesquisas (PELÚCIO, 2006; TEIXEIRA, 2008; CARVALHO, 2011; CARRIJO, 2012b). E também associa as identidades travestis com o vírus da aids, o que intensifica o estigma referido a esse grupo e também à prostituição.

No *Bichonário* há também uma sessão de informações sobre filmes, discos, músicas, livros, autores/as, revistas, peças, bares, boates, hotéis, praias, e organizações em algumas capitais do país relacionadas às pautas LGBTs⁴². Ao final, alguns artistas, músicos e pesquisadores comentam sobre a importância do documento para uma maior aceitação da diversidade, como também a pertinência de se pensar a linguagem gay.

2.3 Aurélia, a dicionária da língua afiada

Em 2006 foi publicado pela editora Bispo, o livro *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, de autoria do jornalista Vitor Ângelo, cujo pseudônimo é Ângelo Vip, e Fred Libi, cuja identidade é desconhecida. O dicionário traz descrição de Fred Libi como uma doença da cabeça do jornalista e cineasta Vitor Ângelo⁴³. Este último

⁴² Não há qualquer referência de que o livro teve financiamento de algum dos locais mencionados.

⁴³ Conforme consta em uma reportagem da revista Isto É: http://istoe.com.br/22926_O+AURELIO+DOS+GAYS/

escrevia no *Blogay*, blog sobre a comunidade LGBT do site Uol e faleceu em 2015. Em 17 de Junho de 2006, a *dicionária* foi lançada na Parada Gay de São Paulo⁴⁴. O livro é resultado de uma pesquisa feita ao longo de dez anos, a partir de entrevistas, conversas e coleta de termos e expressões utilizadas pela comunidade LGBT no Brasil. Os vocábulos da *Aurélia* são descritos por ordem alfabética, e possui um prefácio, assinado por A. Jaccourd, apresentado como doutor em linguística, com tese de doutorado em ‘linguagem chula e a linguagem erudita falado nos Tristes Trópicos’”. (VIP; LIBI, 2006, p. 9)⁴⁵. Nele a Bíblia é reportada: a história da construção da Torre de Babel, em que a humanidade é punida com a confusão das línguas. Importante refletir que tanto no dicionário *Aurélia*, como no *Bichonário*, existem referências às escrituras cristãs, embora o bajubá esteja conectado às religiões afro-brasileiras, sobretudo ao candomblé, que possuem outra cosmogonia.

O prefaciador refere os elementos lexicais do dicionário, com o “contexto gilbertofreiriano”⁴⁶, de uma miscigenação das línguas, através da figura do cafuçu, cujo significado é apresentado como “Roceiro, asselvajado; peão [...]” (VIP; LIBI, 2006, p. 38). O dicionário considera, ainda, que se trata de um indivíduo que “tem um estilo de vida baranga, não importando raça, credo, profissão, classe social ou país de origem” (VIP; LIBI, 2006, p. 38). Dessa forma, o cafuçu pode ser compreendido como alguém que é simples, “deselegante”, trabalhador, em que pesa origem e classe social, como também raça/etnia, uma vez que o prefácio relaciona o cafuçu com a miscigenação no Brasil.

Na abertura do livro consta um alerta sobre o uso de termos e expressões e seus significados: “Este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura.” (VIP; LIBI, 2006, p. 5). Os autores completam a abertura dizendo que a intenção do livro:

[...] é a de levantar o maior número possível de termos ligados de alguma forma à cultura gay e lésbica e reuni-los num volume que retrate seus usos mais comuns na prática da NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA!” (VIP; LIBI, 2006, p. 5).

⁴⁴ Não foram encontradas informações sobre tiragem do dicionário *Aurélia*.

⁴⁵ Não encontramos qualquer referência sobre este pesquisador.

⁴⁶ Apesar de Gilberto Freyre não ter formulado a expressão “democracia racial”, sua obra seminal *Casa-Grande & Senzala* (2005), publicada em 1933, sistematizou essa perspectiva através da ideia de um Brasil sem preconceito e discriminação racial. O mito da democracia racial passou a ser criticado ao ser considerado uma visão que perpetua as hierarquias sociais (SOUZA, 2000; SILVA, 2015).

Em entrevista para a Folha de São Paulo em maio de 2006, Vitor Ângelo afirma que as travestis (no entanto, ele se refere a elas no masculino) foram as responsáveis por grande parte dos termos apresentados no dicionário⁴⁷. Embora haja essa afirmação, na citação acima o autor diz reunir termos ligados à cultura gay e lésbica, não mencionando as travestis. Em 2006, as travestis já reivindicavam o reconhecimento no universo LGBT e apresentavam demandas distintas dos gays. Sendo assim, o processo de apagamento das travestis nesse contexto é diferente do que ocorre nos documentos anteriormente apresentados. Nesse sentido, podemos demarcar a intencionalidade dos autores em fazer coincidir os gays e a identidade travesti, revestindo essa última de um silenciamento e apagamento que se potencializa na insistência pelo uso do pronome masculino para identificá-las. Até mesmo o reconhecimento de que o bajubá seria uma linguagem praticada pelas travestis, sendo elas as responsáveis por sua criação e manutenção, e a demarcação de 59 vocábulos descritos como pertencentes ao bajubá, parece insuficiente para legitimar a existência das travestis:

Baseado nas línguas africanas empregadas pelo candomblé, é a linguagem praticada inicialmente pelos travestis e posteriormente estendida a todo o universo gay. O bajubá falado emprega uma mistura do lexical (do próprio bajubá, do português e, em menor grau, do tupi) sobre a base gramatical e fonológica da língua portuguesa. [var.: pajubá]. (VIP, 2006; LIBI, p. 26).

Nos verbetes presentes no dicionário constam, em sua maioria, o estado, região, por vezes o país de maior uso. Muitas palavras são originárias de países como Portugal, Cabo Verde e Moçambique. Alguns vocábulos e expressões são provenientes do inglês e também do francês, como é o caso da palavra Lash (do inglês), que significa “o ato de jogar o picumã, fazer a egípcia, virar a cara, dar rabissada, sempre com a intenção de tombar alguém.” (VIP; LIBI, 2006, p. 80). E também do termo Monique (do francês), que significa “Mônica, mona, môni, monete.” (VIP; LIBI, 2006, p. 92).

O nome *Aurélia* gerou disputa com a família do dicionarista Aurélio Buarque de Holanda e a detentora dos direitos autorais da marca Aurélio (editora Positivo). De acordo com a colunista Nina Lemos, da Folha de São Paulo: “A tal ‘homenagem’ não agradou a família do dicionarista nem a editora Positivo, que detém os direitos sobre as edições e comercialização do ‘Aurélio’ desde 2003.”⁴⁸

⁴⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u60885.shtml>.

⁴⁸ O diretor de marketing do grupo Positivo, André Caldeira, afirmou que “tomaria todas as medidas judiciais cabíveis para defender a marca.” (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u60885.shtml>).

O dicionário também possui algumas ilustrações de corpos nus, especialmente de homens, elementos de afetividade entre homossexuais e lésbicas, figuras femininas e elementos considerados representativos no universo LGBT.

2.4 Os glossários: “Homossexualismo em São Paulo” e “Abjeção e desejo”

Ambos os glossários foram produzidos em contextos de pesquisas no campo das ciências sociais, embora separados por mais de meio século. Eles compartilharam a cidade de São Paulo como *lócus* de investigação, sendo que a sociabilidade também constituía interesse desses pesquisadores. Destacaremos apenas as discussões realizadas por eles em relação ao lugar da linguagem nas interações estudadas.

O trabalho de José Fábio Barbosa da Silva se concentrou nos contextos de interações de grupos de homens homossexuais e buscou descrever diversos aspectos relacionados à socialização, ao grupo e às vivências, às relações amorosas, ao *status*, ao desejo sexual e também à linguagem. Segundo Barbosa da Silva, em 1958, o grau de unidade e as reprovações vivenciadas pelo grupo fizeram com que um sistema de comunicação se desenvolvesse. Isso indicaria a posição de marginalidade que esses indivíduos ocupavam frente à sociedade (SILVA, 2005, p. 146). Para o autor, a linguagem homossexual possuía aspectos de leveza e comicidade, e também poderia ser pitoresca, bizarra e obscena. Silva (2005) listou algumas de suas características:

1 Sentenças pequenas, gramaticalmente simples, de construção sintática pobre. 2 Utilização frequente de conjunções. 3 Uso frequente de questões curtas. 4 Intensa utilização de adjetivo e advérbios. 5 Reduzida utilização de pronomes oblíquos e indefinidos. 6 Seleção de frases idiomáticas em moda, tais como “Eu diria que sim, você não”; “E quase nada, mas é um”. 7 Utilização de símbolos característicos: queridinha, minha santa, boneca. 8 O status individual altera a estrutura da sentença e implica a maior ou menor riqueza literária da forma. (SILVA, 2005, p. 149).

No final de sua monografia consta um anexo com as palavras e expressões captadas em campo, ao todo são 56, listadas com seus respectivos significados. Antes da listagem, o autor adverte que essa linguagem utilizada pela “minorias homossexual”, está em constante transformação e que esse vocabulário não tinha como objetivo ser exaustivo:

Tal como outros aspectos da cultura, a linguagem empregada pelos membros da minoria está sempre em um processo de transformação. Dessa forma, o que indicamos em seguida, em ordem alfabética, é apenas uma lista das palavras de sentido “privado” quase frequentemente utilizadas pela minoria

nas suas atividades grupais. Como é possível notar, muitas das palavras são igualmente utilizadas por membros da maioria com significado semelhante. (SILVA, 2005, p. 185).

O vocabulário analisado por ele é um desses elementos que aproximam a comunidade, em uma relação de pertencimento oriunda desse sistema de comunicação comum e restrito ao grupo (SILVA, 2005).

Na etnografia de Pelúcio (2009) a presença do bajubá foi significativa. Na apresentação do livro resultado da sua pesquisa, Berenice Bento ressalta que Pelúcio aprendeu a “linguagem secreta” das travestis, e fez desta um elemento importante em seu trabalho de campo. Para a autora, as travestis utilizam uma linguagem própria, composta de palavras do português ressignificadas, como também utilizam palavras e expressões oriundas do iorubá-nagô, como já evidenciado. A autora listou o glossário dividido em palavras que são utilizadas pelas travestis e pelos *t-lovers*. Os *t-lovers* são um “[...] grupo mais ou menos organizado de homens que gostam de ter sexo com travestis.” (PELÚCIO, 2009, p. 36). No entanto, para efeitos deste trabalho, utilizaremos apenas as palavras listadas pela autora na categoria travesti, que são ao todo 78 palavras e expressões, já que os *t-lovers* não são sujeitos desta pesquisa. O glossário organizado por Pelúcio é o nosso documento mais recente com palavras e expressões do bajubá.

2.5 As palavras em movimento

Nesta seção iremos comparar as palavras dos cinco documentos analisados: o glossário da monografia de José Fábio Barbosa da Silva, o *Diálogo de Bonecas*, o *Bichonário*, a *Aurélia*, a *dicionária da língua aftada*, e o glossário do livro de Larissa Pelúcio. Apresentaremos quadros comparativos que permitem visualizar a fluidez e a performatividade no universo das travestis e seus trânsitos entre os documentos.

O primeiro quadro reúne as palavras e expressões que são comuns a quatro dos cinco documentos analisados, são eles: *Diálogo de bonecas*, *Bichonário*, *Aurélia* e o glossário organizado por Larissa Pelúcio. Não incluímos o glossário da monografia de José Fábio Barbosa da Silva por não conter nenhuma palavra ou expressão comum a todos os outros documentos.

QUADRO 2 – Palavras comuns aos quatro documentos e seus significados

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS			
	<i>Diálogo de bonecas</i> (1995)	<i>Bichonário</i> (1996)	<i>Aurélia, a dicionária da língua afiada</i> (2006)	Glossário livro: <i>Abjeção e desejo</i> (2009)
Adé	Gay, bicha, travesti.	Homossexual masculino.	Homossexual masculino; bicha.	Termo com o qual se designam, nos candomblés, os efeminados em especial e, genericamente, os homossexuais masculinos. Usado também pelas travestis para se referirem a rapazes afeminados.
Alibã/alibam	Policial.	Polícia.	1. Policial, polícia. 2. (RJ) significa também o carro-patrolha que não o camburão (este denomina-se <i>tia Cleide</i>).	Policial, polícia.
Amapô/amapoa/ Amapor	Buceta.	Mulher.	1. Vagina, órgão sexual feminino; 2. Termo usado para designar mulher [var.: amapô, mapô]	Vagina, mulher.
Aqüé/acue	Dinheiro	Dinheiro.	Dinheiro; outros termos: aqüesh, aqüest, boi (<i>acepção</i> 2), bufunfa, dindin, grana, matambira, paleco, teça [var.: <i>akué</i>].	Dinheiro.
Azuelar/azualá	Roubar,	Roubar.	Comer o bofe;	Roubar.

	pegar, comer.		ser ou fazer a ativa.	
Babado	Novidade, segredo, fofoca.	Acontecimento gay; problema “ <i>Ih, menino, esse Bichonário é o maior babado</i> ”.	1. Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau; 2. Bas-fond; 3. Caso amoroso e/ou sexual.	Significa algo muito bom; uma novidade que se conta (geralmente boa); um acontecimento interessante, divertido e/ou com episódios surpreendente; algo bom. Porém, dependendo do contexto, pode significar algo que vai ter consequências ruins. Seu uso às vezes se assemelha ao uso que se faz do termo “bafão”, que tem usos mais positivos do que “babado”.
Bofe	Rapaz.	Heterossexual masculino.	Homem heterossexual ou homossexual ativo.	Homem.
Desaquiendar	Parar, jogar, perder. Ir embora, parar, viajar.	Soltar; sair. “ <i>Que nada, menina, desaquende do bofe, que ele não gosta de você.</i> ”	1. Deixar de lado; deixar em paz; 2. Esquecer; 3. Ir embora, vazar.	Ir embora, desencanar.
Edi/edy	Bunda.	Ânus.	Parte extrema do aparelho digestivo por onde saem as fezes e entra e sai o “caralho”; ananás, ânus, anel de couro,	Ânus.

			arruela, cu, edir, fiofó, frasco, furico, marraco, mataco, matakos, peida, pontinho, rabicó, rabo, rosca, tarrasqueta.	
Elza	Roubar.	Roubar ou tomar o namorado de outro gay.	Roubo.	Quem rouba, roubar.
Eque	Mentira.	Desculpa, lábia, mentira.	Truque; engano. Coisa falsa.	Mentira.
Fazer a linha/Fazer a linha “faf”	Fingir, tentar agradar.	Ser falso, encarnar um personagem. <i>“Pra sair com aquele michê, só fazendo a linha pobretona”.</i>	Fazer a amiga feliz, ou seja, atender a amiga.	Fazer tipo; oferecer algo para ser agradável.
Ilê	Casa	Casa.	Cuã, casa.	Casa.
Mona	Mulher.	Gay masculino.	O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino.	Travesti.
Neca	Pica.	Pênis.	Pênis.	Pênis.
Ocó	Homem.	Heterossexual.	Homem-homem.	Homem.
Otim/Oti	Bebida.	Bebida.	Bebida alcoólica.	Qualquer bebida alcoólica.
Taba	Maconha.	Maconha.	Maconha.	Maconha.
Uó	Feio, ruim, esquisito.	Coisa ou pessoa ruim.	Ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado.	Tudo que é ruim. “É uó!” começou como exclamação das travestis no Rio, na

				década de 80, e se instalou como frase obrigatória do vocabulário moderno.
--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria a partir de: Baby (1995); Santos Júnior (1996); Vip e Libi (2006) e Pelúcio (2009).

Entre as palavras que circularam nos quatro documentos, a maioria não sofreu variações de significado. São elas: *adé*, *alibã*, *aqüe*, *babado*, *bofe*, *edi*, *Elza*, *eque*, *ilê*, *neca*, *ocó*, *otim*, *taba* e *uó*. Interessante perceber que entre elas, apenas duas se referem a alguma parte do corpo: o ânus e o pênis.

Se *adé*, em 1995, poderia significar gay ou travesti, no próprio universo das travestis, em 2009 o termo parece exclusivo para definir homossexuais masculinos ou rapazes afeminados. Se as travestis estariam contempladas nos verbetes de homossexuais masculinos nos demais documentos, a separação em 2009 poderia ser indicativa de que, enfim, as travestis se consolidaram como um grupo diverso e autônomo da comunidade gay. O que denota uma distinção em relação à identidade de gênero mais do que à orientação sexual, até mesmo porque as travestis durante muito tempo foram lidas sob a mesma categoria que os homossexuais⁴⁹.

Os termos *ocó* e *bofe* guardam relação com a questão da orientação sexual, principalmente quando comparados ao termo *adé*. Homem parece ratificar a heterossexualidade em um processo de desterritorialização provocada pela homossexualidade, que interditaria ao homossexual a posição de homem (TEIXEIRA, 2013), reatualizando a percepção de Butler (2017) de que a homossexualidade portaria, também, o terror do deslocamento ao feminino, feminilizado, deixar de ser um homem propriamente dito, para ser um homem falido, desprovido (BUTLER, 2017). A desconfiança sobre a masculinidade do parceiro, ancorada no seu reconhecimento como homem, atrelado à sua prática sexual “ativa”, insertiva, aparece no trabalho de Kulick (2008) em relação às práticas sexuais das travestis com seus maridos.

Diferentemente, a posição de mulher parece naturalmente demarcada pela genitália. *Amapô* e suas variações são termos que identificam a mulher e o genital.

⁴⁹ A situação se mantém para a principal política pública de enfrentamento à epidemia da aids, a última versão do documento ainda considera as travestis sob a mesma condição. Ao insistir em manter no boletim epidemiológico de 2017 as travestis, sem desagregar os dados relativos ao sexo, o Ministério da Saúde reitera, apesar de outros avanços, que ainda não reconhece as travestis a partir da identidade de gênero. (Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaid-2017>).

Nesse lugar, podemos pensar que não teria mesmo espaço para reconhecimento das travestis como pertencentes ao feminino. Situação que se percebe no deslocamento do termo *mona* de mulher para travesti.

Por serem poucas as palavras e expressões comuns aos quatro documentos, agrupamos considerando aquelas comuns a pelo menos dois deles, o que resultou no quadro abaixo.

QUADRO 3 – Palavras e expressões encontradas em pelo menos dois dos documentos analisados e seus significados

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS			
	<i>Diálogo de bonecas</i> (1995)	<i>Bichonário</i> (1996)	<i>Aurélia, a dicionária da língua afiada</i> (2006)	Glossário livro: <i>Abjeção e desejo</i> (2009)
Abala/Abalou	Não consta.	Roubar; desmoralizar. “ <i>Vou abalar aquela maricona</i> ”.	Fazer algo bem feito.	Causou sensação, despertou atenção.
Abatá	Sapato.	Sapato.	Não consta.	Não consta.
Adéfuntó/adéfontó	Bicha enrustida.	Gay, “homem que dá”.	Bicha enrustida.	Não consta.
Afofi/ofofi	Cheiro ruim.	Fedor.	Fedor; catinga.	Não consta.
Ajé/Ajé fotorum	Pessoas falsas.	Pessoa mal.	Ruim, péssimo.	Não consta.
Ajeum	Comida, lanche.	Comida	Comida, rango, gororoba, ebó.	Não consta.
Aqüendar	Consta apenas acompanhada de outras palavras.	Pegar; entrar. “ <i>Não perca a oportunidade, mona, aqüende logo o ocó</i> ”. “ <i>Segunda, vai ter o maior babado na casa de Celinha. Vou aqüendar!</i> ”.	1. Chamar para prestar atenção; prestar atenção. 2. Fazer alguma função; 3. Pegar, roubar. Forma imperativa e sincopada do verbo: <i>kuein</i> .	Prestar atenção a algo, olhar, ver. No caso da expressão “ <i>aqüendar a neca</i> ”, significa esconder o pênis.
Arrasar	Não consta.	Brilhar. “ <i>Com essa roupa, Bebete está arrasando.</i> ”	1. Fazer algo bem-feito e/ou com graça. 2. Se jogar; 3. Ir fundo; 4. Soltar a franga. No	Não consta.

			imperativo, Arrasa pode ainda significar Olá querida e Tchau.	
Bafão/bafo/ bafón	Não consta.	Acontecimento gay; problema.	Termo referente a alguém ou algo que causou alguma coisa. Ex.: Aquela noite foi bafo, bi!	A expressão deriva do termo francês “bas-found”, que soa como “bafon”, e daí se transforma em “bafão”, pela proximidade sonora. O termo tem diversas possibilidade s de uso, todas ligadas a eventos que saem da rotina, que têm potencial para virarem fofoca, ou algo que movimenta a cena onde ocorreu. Significa, assim, algo inusitado, confusão, uma revelação bombástica, situação polêmica e/ou explosiva.
Baitola	Não consta.	Gay masculino.	Gay, homossexual masculino, boiola.	Não consta.
Bandeiroso/ bandeirosa	Não consta.	Gay assumido.	Indivíduo ou comportamento	Não consta.

			que sinaliza homossexualidade ou outro comportamento interdito socialmente.	
Barbie	Não consta.	Gay musculoso, narcísico.	Homossexual de corpo inflado, adepto da musculação e das bombas anabolizantes. Muitas barbies juram que são bofes.	Não consta.
Bas-fond	Não consta.	Babado, acontecimento gay.	1. Lugar do babado; 2. Caso amoroso e/ou sexual; 3. Briga; escândalo; faniquito; piti.	Ver a palavra bafão.
Bater cabelo	Não consta.	Não consta.	Dar muita pinta durante a dancinha poperô ⁵⁰ .	Esnobar, ferver, aparecer mais que as outras.
Bater bolo/bate bolo	Tocar punheta.	Não consta.	Masturbação entre gays.	Não consta.
Beth Faria	Não consta.	Trocadilho. “Com esse bofe até a Beth Faria”.	Expr. usada quando se vê alguém que é bonito e gostoso e que incita um desejo sexual, a vontade de fazer; <i>Débora Kerr</i> ⁵¹ .	Não consta.
Biba	Não consta.	Gay simpático.	Gay, homossexual, bicha.	Não consta.
Bicha pão-com-ovo	Não consta.	Gay pobre.	1. Homossexual pobre culturalmente; 2. Diz-se das bibitas que não têm condições financeiras para	Não consta.

⁵⁰ Poperô é sinônimo de *dance music* em algumas regiões do país. O termo tem origem no refrão do hit dos anos 90 “Pump Up The Jam”, do grupo Technotronic.

⁵¹ Débora Kerr é uma “Expressão usada quando se vê alguém que provoca tesão; às vezes Débora Kerr vai dupla com a Beth Faria.” (VIP; LIBI, 2006, p. 49).

			comer na rua e levam um pão com ovo para comer na condução, na viagem de volta para casa, depois da balada. Ex.: <i>Aquelas lacria⁵² saiu voada da domingueira com as bichas-pão-com-ovo. Já eram onze e meia e ela não podia perder o último metrô.</i> 3. Refere-se àquela bicha de moral baixa, sem escrúpulos nem dignidade e com lapsos de caráter. Ex.: <i>Gustafa, aquela bicha-pão-com-ovo, ela não se enxerga mesmo. Agora deu pra ficar dando em cima do meu bofe!</i>	
Bichara	Não consta.	Reunião de gays; lugar onde se encontram os gays.	Coletivo de bichas; viadeiro.	Não consta.
Bichice	Não consta.	Ato de gay afetado.	Ação ou modos de efeminado; viadagem.	Não consta.
Bigode	Não consta.	Lésbica.	Bicha mais velha.	Não consta.
Boquete	Não consta.	Sexo oral masculino.	O ato de fazer sexo oral em um homem.	Não consta.
Buceta	Não consta.	Vagina.	Órgão genital	Não consta.

⁵² Não encontramos a palavra *lacria* nem sua definição. Acreditamos que a palavra que o autor quis utilizar foi *lacraia*, um termo pejorativo para se referir a alguém muito magro/a.

			feminino; vagina.	
Caricata	Não consta.	Gay feio; gay que faz show só de gozação para divertir.	<i>Drag-queen</i> engraçada, que não se importa muito com o modelo e, sim, com a piada; 2. Atributo de uma pessoa cafona, ridícula e grotesca.	Palhaça, brincalhona.
Careta	Não consta.	Heterossexual preconceituoso .	1. Aquele que (ainda) não está sob o efeito de droga ou que é contra seu uso; 2. Conservador; 3. Aquele cujas ideias não saem do senso-comum ou, quando muito, são retrógradadas.	Não consta.
Carupé	Peruca.	Não consta.	Peruca, picumã.	Não consta.
Caso	Não consta.	Parceiro afetivo, geralmente mais duradouro. <i>“Meu caso viajou essa semana, estou tão triste!”</i>	1. No mundo heterossexual, caso costuma ser uma terceira pessoa envolvida num relacionamento já em andamento; amante; 2. No mundo homossexual, caso é o(a) namorado(a) ou alguém com quem se está ficando.	Não consta.
Cheque	Não consta.	Sujeira no pênis do parceiro, após a relação. <i>“Ninguém mais quer transar com Nininho, ele só</i>	Restos de fezes que borram a cueca, o órgão sexual do parceiro ou a camisinha.	Não consta.

		<i>vive passando cheque!”</i>		
Chimba	Coceira.	Surra tomada pelo gay.	Não consta.	Não consta.
Chuchu	Não consta.	Não consta.	1. Barba mal feita ou que cresce durante a noite de montagem. 2. (Angola) buceta.	Barba.
Coió	Pessoas provocando escândalo.	Não consta.	1. Surra; 2. Xingamento. Usado nas expressões levar (um) coió (de alguém) e Dar (um) coió (em alguém).	Ser xingada e humilhada.
Colocada(o)/se colocar	Não consta.	Não consta.	1. Situado; 2. Bêbado, drogado.	Pessoa drogada, se drogar.
Dadeira	Não consta.	Gay que transa muito.	1. Homossexual ativamente passivo; 2. Que dá muito.	Não consta.
Dar close	Não consta.	Dar pinta de gay.	1. Dar pinta; 2. Dar uma olhada; 3. Chegar junto.	Não consta.
Dar o truque	Não consta.	Mentir, esconder, simular; para travestis e transformistas, “esconder o pênis”.	Enganar; dar o EQ.	Não consta.
Demônia(o)	Não consta.	Forma ofensiva de tratamento entre gays. “Vai demônio, encher o saco de outra!”.	1. Pessoa extremamente feia; bicha ou mulher pavorosa; monstra. 2. Pessoa que causa.	Não consta.
Dragão	Feia, horrorosa.	Gay feio.	Pessoa muito feia.	Não consta.
Drag-queen	Não consta.	Tipo de travesti com roupas e adereços espalhafatosos.	(do inglês) Gay que se veste de mulher, mas apenas para festas (não	Não consta.

			confundir com travesti).	
Ebó	Coisa ruim, feitiço.	Não consta.	1. Comida de santo na macumba; 2. Comida em si.	Não consta.
Entendido	Não consta.	Homossexual não assumido.	1. Homossexual; 2. Homossexual dos anos 1970 que gosta de romance à la hétero. 3. Relacionamento aos gays e lésbicas, principalmente da década de 1970.	Não consta.
Erê	Menino.	Criança.	1. Bofinho adolescente; 2. Criança, jovem.	Não consta.
Fanchona	Não consta.	Lésbica.	Termo bastante preconceituoso para lésbica.	Não consta.
Fechação	Não consta.	Trejeito gay escandaloso; arraso. <i>“A noite baiana está a maior fechação”</i> .	Ato de dar muita pinta.	Não consta.
Ferver	Não consta.	Animar o ambiente.	1. Divertir-se; 2. Enlouquecer numa festa, evento ou pista.	Não consta.
Fina(o)	Não consta.	Gay elegante.	1. Chic; 2. Esnobe.	Adjetivo para se referir a pessoas, no sentido de serem educadas, amáveis e de terem um bom nível de educação formal.
Flor	Não consta.	Homossexual masculino.	1. Pessoa do bem; 2. Pessoa delicada.	Não consta.
Função	Não consta.	Transa. <i>“Ricardo quer</i>	Qualquer ato que envolva	Não consta.

		<i>entrar na minha função.</i> “Hoje a de cá não vai pra função, porque está morta de cansada!”.	droga ou sexo.	
Gay	Não consta.	Homossexual.	1. Homossexual masculino. Outros termos usados, mas com ligeira variação de sentido são: baitola, bambi, bee, beesha, bi, biba, bicha, bill, biltra, bilu, boiola, cheine, culeiro, entendido, pinóquio, frango, fresco, fruta, frutinha, gersina, goiaba, greta, homiceta, homisina, laleska, lhushca, mancha, mona, mônica, paneleiro, peixe, poc-poc, potira, puto, quaquá, qualira, tata, viado, xibungo. Durante a inquisição, a igreja católica chamava qualquer biba de <i>somitigo</i> (com a var. <i>somitigo</i>), <i>sodomita</i> ou <i>sodomítico</i> . 2. Próprio de gay.	Não consta.
GLS	Não consta.	Sigla do público “gay, lésbica e simpatizante”	Abrev. <i>de Gays</i> , <i>Lésbicas</i> e <i>Simpatizantes</i> .	Não consta.

		que se reúne em alguma festa ou evento.		
Goiaba	Não consta.	Gay masculino.	1. Garota que anda só com bichas; 2. Bicha.	Não consta.
Homofobia	Não consta.	Aversão ao homossexualismo.	Medo irracional da homossexualidade.	Não consta.
Homossexual	Não consta.	Gay.	Aquele(a) que transa com alguém do mesmo sexo; apesar de politicamente correto, os(as) homossexuais preferem outros termos; veja: gay e lésbica.	Não consta.
Hype	Não consta.	Agito; festa de ponta; a última moda.	(do inglês) Assunto, objeto ou pessoa em voga; o sucesso do momento.	Não consta.
Indaca	Boca.	Língua.	Rosto; face; cara; feição.	Não consta.
Jaburu	Não consta.	Gay muito feio.	Mulher ou bicha feia; horrenda.	Não consta.
Jogar o cabelo	Não consta.	Não dar importância. <i>“Pra bichinhas como você, eu joga o cabelo, meu amor!”</i>	Não consta.	Esnobar.
Laruê	Fofoca.	Não consta.	Fofoca.	Não consta.
Lésbica	Não consta.	Homossexual feminino.	1. Homossexual feminina. Outros termos usados, mas com variação de sentido são: bolacha, bomberita, boot, bup, camioneta, caminhoneira, chuí, chuteira,	Não consta.

			<p>cookie, coronel, di santini, dyke, entendida, fada, frantchaska, fufa, havaiana, lelé, machorra, melissinha, moçona, mulher-macho, mulher-pinto, mulher, paraíba, patinha, popotcha, quarenta-e-quatro-bico-largo, sabonete, sandalinha, sapa, sapata, sapatão, sapeca, sargentão, tankpanzer, tucha, velcro. Durante a inquisição, a igreja chamava uma bolacha de <i>incuba</i>, para definir a parceria ativa: aquela que <i>se deita por cima, como homem</i>. 2. Próprio de lésbica.</p>	
Lorogum/ Logorun	Briga.	Não consta.	Briga; peleja; confusão; arruaça.	Não consta.
Maricona	Bicha velha.	Não consta.	Não consta.	Cliente de programa que tem trejeitos masculinos, mas que muitas vezes é passivo no sexo.
Meu cú/meu cú pra você	Não consta.	Não dar importância, “Não estar nem aí”. “Meu	Expressão usada para designar indignação, negação ou	“Que se dane!”, “que se foda!”.

		cú pra você, bicha nojenta do papu furado.”	desdém; equivale a <i>Caguei!</i> ou <i>Um caralho!</i>	
Mati/matim/Matin	Pouca, pequeno.	Pequeno.	Pequenino; mirim.	Não consta.
Michê	Não consta.	Parceiro da relação homossexual mediante pagamento; garoto de programa.	Garoto de programa, prostituto.	Não consta.
Mitorô	Xixi.	Não consta.	Urina; mijo.	Não consta.
Mona-ocó	Sapatão, lésbica.	Não consta.	1. Gay não efeminado; 2. Lésbica masculinizada; 3. Michê [var.: <i>monocó</i>].	Não consta.
Montada(o)	Não consta.	Gay travestido com roupas e maquiagem. <i>“Hoje não tem show na boate, mas eu vou toda montada.”</i>	1. Bem vestido; 2. Relativo ao <i>cross-dressing</i> ou a biba vestida de mulher.	Não consta.
Nena	Cocô.	Não consta.	Fezes.	Esperma, porra.
Neuza	Não co/nsta.	Não consta.	Forma abreviada de <i>japoneuza</i> , homossexual japonês, nissei, sansei.	Roubar. Dizem as travestis que “Elza roubou tanto que ficou rica”; por isso agora, “sua prima, Neuza, é quem rouba”.
Ocâni/ocani/Ocane	Pau, pica, piroca.	Pênis.	Pênis.	Não consta.
Odara	Grande.	Bom; grande; bonito. <i>“Deixa eu pegar, pra ver se sua mala é odara: minha cara, minha cuca</i>	1. <i>Adj.</i> Bonito, elegante, vivaz; 2. <i>S.f.</i> (BA) Pauzão, jeba.	Não consta.

		<i>ficou odara.”</i>		
Padê	Não consta.	Não consta.	Cocaína. Originalmente, o termo vem de <i>padê de exu</i> , que é a comida de exu, a oferenda que abre o trabalho no candomblé.	Cocaína.
Passada	Não consta.	Atordoada; decepcionada.	Arrasada; chocada.	Expressão usada para manifestar surpresa com alguma situação ou declaração feita pelo interlocutor.
Penosa	Não consta.	Gay que “pena” muito até conseguir parceiros.	Relativo à bicha que pena, espera ou depende de alguém, que não trabalha e se pendura. Ex.: <i>Viado, aquela penosa está sempre querendo entrar de graça.</i>	Adjetivo que qualifica algo que não dá dinheiro, que é pobre, empobrecido, não rentável. Usa-se também para classificar clientes.
Piaba	Não consta.	Gay.	Macho, ocó.	Não consta.
Pica	Não consta.	Pênis.	Pênis.	Não consta.
Picumã	Não consta.	Não consta.	Peruca, cabeleira; cabelo.	Peruca.
Pintosa(o)	Não consta.	Gay assumido e afetado.	Bicha afetada; que dá pinta.	Pessoa homo-orientada que deixa transparecer, em seu comportamento, sua orientação sexual. Vale também para travestis que denunciam sua condição pela aparência

				física.
Podre	Não consta.	Ruim. <i>“Mas que bicha podre: nem bem eu viajei e ela já me roubou todos os homens da cidade!”</i>	Coisa, pessoa ou local ruim.	Não consta.
Punheta	Não consta.	Masturbação masculina.	1. Masturbação masculina; 2. Coisa enrolada, dificultosa, embaçada; 3, Elucubração; cogitação profunda.	Não consta.
Qualira	Não consta.	Gay masculino.	Homossexual do sexo masculino e laleska.	Não consta.
Quizila	Não consta.	Azar; problema.	1. Problema; aborrecimento; chateação; encanação; 2. Repugnância, antipatia.	Não consta.
Racha	Não consta.	Vagina.	1. Vulva; vagina. 2. (pejorativo) Mulher.	Mulher ou vagina.
Ramé	Mal vestida.	Não consta.	Mal-vestido.	Não consta.
Rebuceteio	Não consta.	Confusão.	Troca-troca incontrolável e desmedido de namoradas entre as lésbicas; também conhecido como a dança do “rubuceteio”.	Não consta.
Sabão	Não consta.	Carícia entre gay/lésbica ou entre gay/gay.	Esfrega-esfrega entre duas pessoas; saboeira.	Não consta.
Sapa/Sapo	Não consta.	Lésbica.	Forma abreviada e carinhosa de sapata.	Não consta.
Tá meu bem	Não consta.	Não consta.	Exprime espanto: <i>Olha! Olha só! Nossa!</i>	“Eu não te disse?!”; “Arrasou!”;

				coisa boa.
Tata	Não consta.	Gay masculino.	Bicha amiga, colega mesmo.	Não consta.
Tô bege	Não consta.	Não consta.	Tô boba.	Corresponde a estar pasma com algo, sem graça ou surpresa, mas de maneira não muito agradável.
Tombada/ Tombado	Ruim, estragado.	Não consta.	Bêbada; caída; decadente.	Não consta.
Tombar	Não consta.	Não consta.	1. Avacalhar, debochar, menosprezar ou ridicularizar algo ou alguém; reduzir os méritos. Ex.: <i>Para de querer me tombar! Eu vou tombar contigo da próxima vez!</i> 2. Arrasar, principalmente no modelão ou numa atitude: <i>Tombou no carão, môni!</i>	Humilhar, tirar sarro, diminuir moralmente.
Truque	Não consta.	Não consta.	1. Mentira; enganação; enrolação; 2. Coisa falsa.	O termo pode ser usado em algumas situações, sempre sugerindo engodo. Usar artifícios para enganar e, assim, otimizar a aparência feminina (sutiãs com enchimento, perucas, etc.).
Vício	Não consta.	Homens que todos os dias querem transar	Não consta.	Travesti, cliente ou homens em

		de graça.		geral que confundem relações sexuais profissionais com afetivas.
Xepó	Cafona.	Não consta.	Cafona; brega.	Não consta.
Xoxar	Não consta.	Não consta.	1. Falar mal de alguém ou de alguma coisa; debochar; menosprezar; caçoar. Ex.: Estão xoxando de fulano ou Estão xoxando fulano. 2. Comer alguém, transando.	Fofocar, falar mal.

Fonte: Elaboração própria a partir de: Baby (1995); Santos Júnior (1996); Vip e Libi (2006) e Pelúcio (2009).

A ausência de termos nos documentos não significa que eles não circulassem naquele momento, apenas que não foram priorizados para a seleção. Como, por exemplo, o termo *vício*. Ausente no *Diálogo de Bonecas*, circulava especificamente nos cenários de prostituição que seriam, em tese, os locais e destinos do documento.

Termos utilizados para dizer de adereços e apresentação corporal, tais como *abatá*, *carupé*, *picumã* e *ramé*, circulam e não são comuns a todos os documentos. No entanto, exceto *abatá*, todos os outros já foram acionados em conversas presenciadas por nós em nosso campo. Os cabelos (e as perucas) são elementos constitutivos da identidade travesti (BENEDETTI, 2005).

Se o termo *coió* poderia significar uma ação a ser realizada ou sofrida pelo sujeito, levar ou dar um *coió*, para fins de escândalo, no documento mais recente ele aparece apenas como destinatário da ação (ser humilhada). A potencialidade da travesti para dar o bafão e fazer o escândalo como estratégia de sobrevivência foi resgatada por Berenice Bento em sua Carta DesaBAFO, escrita em 2012⁵³.

O significado para o termo *chimba* parece divergente, pois se para as travestis seria uma coceira, no *Bichonário* foi classificado como surra. O termo homofobia⁵⁴,

⁵³ Disponível em: <http://estadolaicorj.blogspot.com.br/2012/06/berenice-bento-carta-desabafo-sobre-o.html>

⁵⁴ Segundo Daniel Borrillo (2010, p. 13), “A homofobia é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens e mulheres.” Diante disso, esta “[...] é uma manifestação arbitrária que

circulando nos contextos de interação em que foram forjados os documentos, aponta que para o público identificado como homossexuais masculinos ou gays, a característica de pavor e aversão estava presente mesmo diante do uso do termo homossexualismo em 1996.

Racha segue identificando as mulheres a partir de sua genitália. Genital, que parece insuficiente para posicionar as lésbicas como mulheres, nomeadas por *mona-ocó*, trazem o masculino, e revestem a orientação sexual reafirmada por termos como *fanchona*, *sapa/sapo*. Nem mesmo quando nomeadas por *lésbicas*, o termo mulher aparece livre de adjetivo que as masculiniza: *mulher-macho*, *mulher-pinto*, *mulher-paraíba*.

Se o termo *taba* apareceu no quadro anterior como compartilhado por todos os documentos, a cocaína, nomeada como *padê*, aparece nos documentos destinados ao público LGBT.

Realizamos alguns exercícios de análise reunindo os documentos, primeiro considerando o período de publicação, sendo os dois primeiros publicados na década de 1990 e os dois últimos na primeira década deste século, conforme quadros abaixo:

QUADRO 4 – Palavras e expressões comuns aos documentos publicados nos anos 1990

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS	
	<i>Diálogo de bonecas</i> (1995)	<i>Bichonário</i> (1996)
Abatá	Sapato.	Sapato.
Adé	Gay, bicha, travesti.	Homossexual masculino.
Adéfuntó/adé-fontó	Bicha enrustida.	Gay, “homem que dá”.
	Cheiro ruim.	Fedor.
Ajé/Ajé fotorum	Pessoas falsas.	Pessoa mal.

consiste em designar o outro como contrário inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma - outras tantas designações que, durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Confinado no papel do marginal ou excêntrico, o homossexual é apontado pela norma social como bizarro, estranho ou extravagante.” (BORRILLO, 2010, p. 13-14).

Ajeum	Comida, lanche.	Comida
Alibã/alibam	Policial.	Polícia.
Amapô/amapoa/amapor	Buceta.	Mulher.
Aqüê/acue	Dinheiro	Dinheiro.
Azuelar/azualá	Roubar, pegar, comer.	Roubar.
Babado	Novidade, segredo, fofoca.	Acontecimento gay; problema <i>“Ih, menino, esse Bichonário é o maior babado”</i> .
Bofe	Rapaz.	Heterossexual masculino.
Chimba	Coceira.	Surra tomada pelo gay.
Dragão	Feia, horrorosa.	Gay feio.
Desaquiendar	Parar, jogar, perder. Ir embora, parar, viajar.	Soltar; sair. <i>“Que nada, menina, desaqüende do bofe, que ele não gosta de você.”</i>
Edi/edy	Bunda.	Ânus.
Elza	Roubar.	Roubar ou tomar o namorado de outro gay.
Eque	Mentira.	Desculpa, lábia, mentira.
Erê	Menino.	Criança.
Fazer a linha/Fazer a linha “faf”	Fingir, tentar agradar.	Ser falso, encarnar um personagem. <i>“Pra sair com aquele michê, só fazendo a linha pobretona”</i> .
Ilê	Casa	Casa.
Indaca	Boca.	Língua.
Mati/matim/matin	Pouca, pequeno.	Pequeno.
Mona	Mulher.	Gay masculino.
Neca	Pica.	Pênis.
Ocâni/ocani/ocane	Pau, pica, piroca.	Pênis.
Ocó	Homem.	Heterossexual.
Odara	Grande.	Bom; grande; bonito. <i>“Deixa eu pegar, pra ver se sua mala é odara: minha cara, minha cuca ficou odara.”</i>
Otim/Oti	Bebida.	Bebida.
Taba	Maconha.	Maconha.
Uó	Feio, ruim, esquisito.	Coisa ou pessoa ruim.

Fonte: Elaboração própria a partir de: Baby (1995) e Santos Júnior (1996).

Entre os termos comuns aos documentos produzidos nos anos 1990, a divergência de significados que nos chamou a atenção foi das palavras: *dragão* e *mona*, cujo indicativo de pertencimento ao feminino é afastado no *Bichonário* ao trazer a palavra *gay*. Isso sinaliza que no contexto de circulação que produziu o *Bichonário*, as travestis só poderiam ser lidas no masculino e numa outra posição: a de homens.

QUADRO 5 – Palavras e expressões comuns aos documentos publicados nos anos 2000

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS	
	<i>Aurélia, a dicionária da língua afiada (2006)</i>	<i>Glossário livro: Abjeção e desejo (2009)</i>
Adé	Homossexual masculino; bicha.	Termo com o qual se designam, nos candomblés, os efeminados em especial e, genericamente, os homossexuais masculinos. Usado também pelas travestis para se referirem a rapazes afeminados.
Alibã/alibam	1. Policial, polícia. 2. (RJ) significa também o carro-patrolha que não o camburão (este denomina-se <i>tia Cleide</i>).	Policial, polícia.
Amapô/amapoa/ama por	1. Vagina, órgão sexual feminino; 2. Termo usado para designar mulher [var.: amapô, mapô]	Vagina, mulher.
Aqüé/acue	Dinheiro; outros termos: aqüesh, aqüest, boi (<i>acepção</i> 2), bufunfa, din-din, grana, matambira, paleco, teça [var.: <i>akué</i>].	Dinheiro.
Aqüendar	1. Chamar para prestar atenção; prestar atenção. 2. Fazer alguma função; 3. Pegar, roubar. Forma imperativa e sincopada do verbo: <i>kuein</i> .	Prestar atenção a algo, olhar, ver. No caso da expressão “ <i>qüendar a neca</i> ”, significa esconder o pênis.
Azuelar/azualá	Comer o bofe; ser ou fazer a ativa.	Roubar.
Babado	1. Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau; 2. Bas-fond; 3. Caso amoroso e/ou sexual.	Significa algo muito bom; uma novidade que se conta (geralmente boa); um acontecimento interessante,

		divertido e/ou com episódios surpreendente; algo bom. Porém, dependendo do contexto, pode significar algo que vai ter consequências ruins. Seu uso às vezes se assemelha ao uso que se faz do termo “bafão”, que tem usos mais positivos do que “babado”.
Bafão/bafo/bafón	Termo referente a alguém ou algo que causou alguma coisa. Ex.: Aquela noite foi bafo, bi!	A expressão deriva do termo francês “bas-found”, que soa como “bafon”, e daí se transforma em “bafão”, pela proximidade sonora. O termo tem diversas possibilidades de uso, todas ligadas a eventos que saem da rotina, que têm potencial para virarem fofoca, ou algo que movimentam a cena onde ocorreu. Significa, assim, algo inusitado, confusão, uma revelação bombástica, situação polêmica e/ou explosiva.
Bater cabelo	Dar muita pinta durante a dancinha poperô.	Esnobar, ferver, aparecer mais que as outras.
Bofe	Homem heterossexual ou homossexual ativo.	Homem
Caricata	<i>Drag-queen</i> engraçada, que não se importa muito com o modelo e, sim, com a piada; 2. Atributo de uma pessoa cafona, ridícula e grotesca.	Palhaça, brincalhona.
Chuchu	1. Barba mal feita ou que cresce durante a noite de montagem. 2. (Angola) buceta.	Barba.
Coió	1. Surra; 2. Xingamento. Usado nas expressões levar (um) coió (de alguém) e Dar (um) coió (em alguém).	Ser xingada e humilhada.
Colocada(o)/se colocar	1. Situado; 2. Bêbado, drogado.	Pessoa drogada, se drogar.
Desaquiendar	1. Deixar de lado; deixar em paz; 2. Esquecer; 3. Ir embora, vazar.	Ir embora, desencanar.
Edi/edy	Parte extrema do aparelho	Ânus.

	digestivo por onde saem as fezes e entra e sai o “caralho”; ananás, ânus, anel de couro, arruela, cu, edir, fiofô, frasco, furico, marraco, matabo, matakos, peida, pontinho, rabicó, rabo, rosca, tarrasqueta.	
Elza	Roubo.	Quem rouba, roubar.
Eque	Truque; engano. Coisa falsa.	Mentira.
Fazer a linha/Fazer a linha “faf”	Fazer a amiga feliz, ou seja, atender a amiga.	Fazer tipo; oferecer algo para ser agradável
Fina(o)	1. Chic; 2. Esnobe.	Adjetivo para se referir a pessoas, no sentido de serem educadas, amáveis e de terem um bom nível de educação formal.
Ilê	Cuã, casa.	Casa.
Meu cú/meu cú pra você	Expressão usada para designar indignação, negação ou desdém; equivale a <i>Caguei!</i> ou <i>Um caralho!</i>	“Que se dane!”, “que se foda!”.
Mona	O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino.	Travesti.
Neca	Pênis.	Pênis.
Nena	Fezes.	Esperma, porra.
Neuza	Forma abreviada de <i>japoneuza</i> , homossexual japonês, nissei, sansei.	Roubar. Dizem as travestis que “Elza roubou tanto que ficou rica”; por isso agora, “sua prima, Neuza, é quem rouba”.
Ocó	Homem-homem.	Homem.
Otim/Oti	Bebida alcoólica.	Qualquer bebida alcoólica.
Padê	Cocaína. Originalmente, o termo vem de <i>padê de exu</i> , que é a comida de exu, a oferenda que abre o trabalho no candomblé.	Cocaína.
Passada	Arrasada; chocada.	Expressão usada para manifestar surpresa com alguma situação ou declaração feita pelo interlocutor.
Penosa	Relativo à bicha que pena, espera ou depende de alguém, que não trabalha e se pendura. Ex.: <i>Viado, aquela penosa está sempre querendo entrar de graça.</i>	Adjetivo que qualifica algo que não dá dinheiro, que é pobre, empobrecido, não rentável. Usa-se também para classificar clientes.
Picumã	Peruca, cabeleira; cabelo.	Peruca.

Pintosa(o)	Bicha afetada; que dá pinta.	Pessoa homo-orientada que deixa transparecer, em seu comportamento, sua orientação sexual. Vale também para travestis que denunciam sua condição pela aparência física.
Racha	1. Vulva; vagina. 2. (pejorativo) Mulher.	Mulher ou vagina.
Taba	Maconha.	Maconha.
Tá meu bem	Exprime espanto: <i>Olha! Olha só! Nossa!</i>	“Eu não te disse?!”; “Arrasou!”; coisa boa.
Tô bege	Tô boba.	Corresponde a estar pasma com algo, sem graça ou surpresa, mas de maneira não muito agradável.
Tombar	1. Avacalhar, debochar, menosprezar ou ridicularizar algo ou alguém; reduzir os méritos. Ex.: <i>Para de querer me tombar! Eu vou tombar contigo da próxima vez!</i> 2. Arrasar, principalmente no modelão ou numa atitude: <i>Tombou no carão, môni!</i>	Humilhar, tirar sarro, diminuir moralmente.
Truque	1. Mentira; enganação; enrolação; 2. Coisa falsa.	O termo pode ser usado em algumas situações, sempre sugerindo engodo. Usar artifícios para enganar e, assim, otimizar a aparência feminina (sutiãs com enchimento, perucas, etc.).
Uó	Ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado.	Tudo que é ruim. “É uó!” começou como exclamação das travestis no Rio, na década de 80, e se instalou como frase obrigatória do vocabulário moderno.
Xoxar	1. Falar mal de alguém ou de alguma coisa; debochar; menosprezar; caçoar. Ex.: <i>Estão xoxando de fulano ou Estão xoxando fulano.</i> 2. Comer alguém, transando.	Fofocar, falar mal.

Fonte: Elaboração própria a partir de: Vip e Libi (2006) e Pelúcio (2009).

A invisibilidade das travestis também no *Aurélia*, ainda que o autor tenha reconhecido que várias palavras foram oriundas do bajubá, pode ser exemplificada no

significado atribuído aos termos *mona* e *penosa*. Seria possível que os autores do dicionário estivessem se referindo às travestis como homossexuais masculinos ao considerar o deslocamento do termo *mona*. No entanto, publicada em 2006, essa decisão não estaria isenta de um lugar político, pois até mesmo na política pública as travestis já eram reconhecidas como pertencentes ao segmento distinto dos gays⁵⁵. O termo *penosa*, indicativo de situação de pobreza que adjectiva também os clientes ou até mesmo a nação (TEIXEIRA, 2011), aparece restrito ao universo gay demarcado pelas palavras *viado* e *bicha*.

Ao demarcar o uso da expressão *uó* como oriunda da sociabilidade travesti, que na década de 1990 já integrava o *Diálogo de Bonecas*, Pelúcio (2009) fornece elementos para pensarmos que ao circular no espaço de sociabilidade de gays, os autores do *Aurélia* acabaram por diluir as expressões do bajubá sem diferenciar, ou reconhecer, que outros termos poderiam ser oriundos do universo das travestis. Tornou-se importante organizar um novo quadro comparativo com os termos comuns ao *Diálogo de Bonecas* e *Aurélia*:

QUADRO 6 – Palavras e expressões comuns aos documentos *Diálogo de Bonecas* e *Aurélia*

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS	
	<i>Diálogo de Bonecas</i> (1995)	<i>Aurélia, a dicionária da língua afiada</i> (2006)
Adé	Gay, bicha, travesti.	Homossexual masculino; bicha.
Alibã/alibam	Policial.	1. Policial, polícia. 2. (RJ) significa também o carro-patrolha que não o camburão (este denomina-se <i>tia Cleide</i>).
Amapô/amapoa/amapor	Buceta.	1. Vagina, órgão sexual feminino; 2. Termo usado para designar mulher [var.: amapô, mapô]
Aqüé/acue	Dinheiro	Dinheiro; outros termos: aqüesh, aqüest, boi (<i>acepção2</i>), bufunfa, din-din, grana, matambira, paleco, teça [var.: <i>akué</i>].

⁵⁵ A exemplo disso, o Conselho Nacional de Combate à Discriminação, publicou em 2004 o programa “Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual”, as travestis naquele momento já eram reconhecidas como uma categoria e um grupo distinto dos homossexuais.

Azuelar/azualá	Roubar, pegar, comer.	Comer o bofe; ser ou fazer a ativa.
Babado	Novidade, segredo, fofoca.	1. Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau; 2. Bas-fond; 3. Caso amoroso e/ou sexual.
Bofe	Rapaz.	Homem heterossexual ou homossexual ativo.
Desaquiendar	Parar, jogar, perder. Ir embora, parar, viajar.	1. Deixar de lado; deixar em paz; 2. Esquecer; 3. Ir embora, vazar.
Edi/edy	Bunda.	Parte extrema do aparelho digestivo por onde saem as fezes e entra e sai o “caralho”; ananás, ânus, anel de couro, arruela, cu, edir, fiofó, frasco, furico, marraco, mataco, matakos, peida, pontinho, rabicó, rabo, rosca, tarrasqueta.
Elza	Roubar.	Roubo.
Eque	Mentira.	Truque; engano. Coisa falsa.
Fazer a linha/Fazer a linha “faf”	Fingir, tentar agradar.	Fazer a amiga feliz, ou seja, atender a amiga.
Ilê	Casa	Cuã, casa.
Mona	Mulher.	O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino.
Neca	Pica.	Pênis.
Ocó	Homem.	Homem-homem.
Otim/Oti	Bebida.	Bebida alcoólica.
Taba	Maconha.	Maconha.
Uó	Feio, ruim, esquisito.	Ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado.

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995) e Vipi e Libi (2006).

Do quadro acima, o significado da palavra *azuelar* fica restrito à prática sexual no dicionário *Aurélia*, mas permite pensar o deslocamento do masculino/feminino novamente atrelado à ideia de passivo/ativo, ao praticar o sexo insertivo, alguém poderia roubar a masculinidade do parceiro.

Embora não tenham sido identificadas pelos autores do dicionário *Aurélia* como oriundas do bajubá, todas integram o *Diálogo de Bonecas* e demarcam principalmente um espaço de circulação relacionado ao trabalho na prostituição.

Considerando esse contexto de circulação das palavras e dos/as autores/as dos documentos, elaboramos um quadro que pudesse aproximar o *Diálogo de Bonecas* do glossário do livro *Abjeção e desejo*. Ambas as autoras circularam em espaços específicos de travestis e, particularmente, em cenário de trabalho das mesmas.

QUADRO 7 – Palavras e expressões comuns aos documentos *Diálogo de Bonecas* e glossário do livro *Abjeção e desejo*

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS	
	<i>Diálogo de Bonecas</i> (1995)	Glossário livro: <i>Abjeção e desejo</i> (2009)
Adé	Gay, bicha, travesti.	Termo com o qual se designam, nos candomblés, os efeminados em especial e, genericamente, os homossexuais masculinos. Usado também pelas travestis para se referirem a rapazes afeminados.
Alibã/alibam	Policial.	Policial, polícia.
Amapô/amapoa/amapor	Buceta.	Vagina, mulher.
Aqüé/acue	Dinheiro	Dinheiro.
Azuelar/azualá	Roubar, pegar, comer.	Roubar.
Babado	Novidade, segredo, fofoca.	Significa algo muito bom; uma novidade que se conta (geralmente boa); um acontecimento interessante, divertido e/ou com episódios surpreendente; algo bom. Porém, dependendo do contexto, pode significar algo que vai ter consequências ruins. Seu uso às vezes se assemelha ao uso que se faz do termo “bafão”, que tem usos mais positivos do que “babado”.
Bofe	Rapaz.	Homem.
Coió	Pessoas provocando escândalo.	Ser xingada e humilhada
Desaquiendar	Parar, jogar, perder. Ir embora, parar, viajar.	Ir embora, desencanar.
Edi/edy	Bunda.	Ânus.

Elza	Roubar.	Quem rouba, roubar.
Eque	Mentira.	Mentira.
Fazer a linha/Fazer a linha “faf”	Fingir, tentar agradar.	Fazer tipo; oferecer algo para ser agradável.
Ilê	Casa	Casa.
Maricona	Bicha velha.	Cliente de programa que tem trejeitos masculinos, mas que muitas vezes é passivo no sexo.
Mona	Mulher.	Travesti.
Neca	Pica.	Pênis.
Nena	Cocô.	Esperma, porra.
Ocó	Homem.	Homem.
Otim/Oti	Bebida.	Qualquer bebida alcoólica.
Taba	Maconha.	Maconha.
Uó	Feio, ruim, esquisito.	Tudo que é ruim. “É uó!” começou como exclamação das travestis no Rio, na década de 80, e se instalou como frase obrigatória do vocabulário moderno.

Fonte: Elaboração própria a partir de: Baby (1995) e Pelúcio (2009).

Não foi objeto deste trabalho elaborar um novo dicionário, mas identificamos aqui uma questão que poderia justificar uma nova incursão a campo, para pensar nas permanências e mudanças ao longo das últimas duas décadas. Os deslocamentos dos significados dos termos *maricona*, *bofe*, *adé* e *amapô* entre os documentos foram discutidos anteriormente.

Considerando que o *Diálogo de Bonecas* possui 232 palavras e o glossário do livro *Abjeção e desejo* possui 78, encontrar apenas 22 palavras em comum aos dois chamou a atenção. Questionamos se as 56 palavras que estariam circulando no universo das travestis em 2009 seriam termos novos ou não foram incluídos na primeira versão do *Diálogo de Bonecas*. Também nos perguntamos se as 210 palavras que estavam no *Diálogo de Bonecas* deixaram de circular no universo das travestis na década seguinte.

Pensando nos contextos de produção/circulação dos documentos, decidimos comparar aqueles que estariam relacionados com o espaço de sociabilidade gay ou de modo mais amplo, LGBT. Produzidos com um lapso temporal de uma década, identificamos 87 palavras/expressões comuns aos dois documentos. O *Bichonário* possui 636 palavras e expressões, enquanto o dicionário *Aurélia* possui 1300. O que

sugere maior estabilidade das palavras no universo gay, como demonstra o quadro abaixo.

QUADRO 8 – Palavras e expressões comuns aos documentos *Bichonário* e *Aurélia*

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS	
	<i>Bichonário</i> (1996)	<i>Aurélia, a dicionária da língua afiada</i> (2006)
Abala/Abalou	Roubar; desmoralizar. “ <i>Vou abalar aquela maricona</i> ”.	Fazer algo bem feito.
Adé	Homossexual masculino.	Homossexual masculino; bicha.
Adéfuntó/adé-fontó	Gay, “homem que dá”.	Bicha enrustida.
Afofi/ofofi	Fedor.	Fedor; catinga.
Ajé/Ajé fotorum	Pessoa mal.	Ruim, péssimo.
Ajeum	Comida	Comida, rango, gororoba, ebó.
Alibã/alibam	Polícia.	1. Policial, polícia. 2. (RJ) significa também o carro-patrolha que não o camburão (este denomina-se <i>tia Cleide</i>).
Amapô/amapoa/amapor	Mulher.	1. Vagina, órgão sexual feminino; 2. Termo usado para designar mulher [var.: amapô, mapô]
Aqüendar	Pegar; entrar. “ <i>Não perca a oportunidade, mona, aqüende logo o ocó</i> ”. “ <i>Segunda, vai ter o maior babado na casa de Celinha. Vou aqüendar!</i> ”.	1. Chamar para prestar atenção; prestar atenção. 2. Fazer alguma função; 3. Pegar, roubar. Forma imperativa e sincopada do verbo: <i>kuein</i> .
Aqüé/acue	Dinheiro.	Dinheiro; outros termos: aqüesh, aqüest, boi (<i>acepção</i> 2), bufunfa, din-din, grana, matambira, paleco, teça [var.: <i>akué</i>].
Arrasar	Brilhar. “ <i>Com essa roupa, Bebete está arrasando.</i> ”	1. Fazer algo bem-feito e/ou com graça. 2. Se jogar; 3. Ir fundo; 4. Soltar a franga. No imperativo, Arrasa pode

		ainda significar Olá querida e Tchau.
Azuelar/azualá	Roubar.	Comer o bofe; ser ou fazer a ativa.
Babado	Acontecimento gay; problema “ <i>Ih, menino, esse Bichonário é o maior babado</i> ”.	1. Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau; 2. Bas-fond; 3. Caso amoroso e/ou sexual.
Bafão/bafo/bafón	Acontecimento gay; problema.	Termo referente a alguém ou algo que causou alguma coisa. Ex.: Aquela noite foi bafo, bi!
Baitola	Gay masculino.	Gay, homossexual masculino, boiola.
Bandeiroso/bandeirosa	Gay assumido.	Indivíduo ou comportamento que sinaliza homossexualidade ou outro comportamento interdito socialmente.
Barbie	Gay musculoso, narcísico.	Homossexual de corpo inflado, adepto da musculação e das bombas anabolizantes. Muitas barbies juram que são bofes.
Bas-fond	Babado, acontecimento gay.	1. Lugar do babado; 2. Caso amoroso e/ou sexual; 3. Briga; escândalo; faniquito; piti.
Beth Faria	Trocadilho. “ <i>Com esse bofe até a Beth Faria</i> ”.	Expr. usada quando se vê alguém que é bonito e gostoso e que incita um desejo sexual, a vontade de fazer; <i>Débora Keer</i> .
Biba	Gay simpático.	Gay, homossexual, bicha.
Bicha pão-com-ovo	Gay pobre.	1. Homossexual pobre culturalmente; 2. Diz-se das bibitas que não têm condições financeiras para comer na rua e levam um pão com ovo para comer na condução, na viagem de volta para casa, depois da balada. Ex.: <i>Aquelas lacia saiu voada da domingueira com as bichas-pão-com-ovo. Já eram onze e meia e ela não podia perder o</i>

		<i>último metrô.</i> 3. Refere-se àquela bicha de moral baixa, sem escrúpulos nem dignidade e com lapsos de caráter. Ex.: <i>Gustafa, aquela bicha-pão-com-ovo, ela não se enxerga mesmo. Agora deu pra ficar dando em cima do meu bofe!</i>
Bichara	Reunião de gays; lugar onde se encontram os gays.	Coletivo de bichas; viadeiro.
Bichice	Ato de gay afetado.	Ação ou modos de efeminado; viadagem.
Bigode	Lésbica.	Bicha mais velha.
Boquete	Sexo oral masculino.	O ato de fazer sexo oral em um homem.
Bofe	Heterossexual masculino.	Homem heterossexual ou homossexual ativo.
Buceta	Vagina.	Órgão genital feminino; vagina.
Caricata	Gay feio; gay que faz show só de gozação para divertir.	<i>Drag-queen</i> engraçada, que não se importa muito com o modelo e, sim, com a piada; 2. Atributo de uma pessoa cafona, ridícula e grotesca.
Careta	Heterossexual preconceituoso.	1. Aquele que (ainda) não está sob o efeito de droga ou que é contra seu uso; 2. Conservador; 3. Aquele cujas ideias não saem do senso-comum ou, quando muito, são retrógradas.
Caso	Parceiro afetivo, geralmente mais duradouro. <i>“Meu caso viajou essa semana, estou tão triste!”</i>	1. No mundo heterossexual, caso costuma ser uma terceira pessoa envolvida num relacionamento já em andamento; amante; 2. No mundo homossexual, caso é o(a) namorado(a) ou alguém com quem se está ficando.
Cheque	Sujeira no pênis do parceiro, após a relação. <i>“Ninguém mais quer transar com Nininho, ele</i>	Restos de fezes que borram a cueca, o órgão sexual do parceiro ou a camisinha.

	<i>só vive passando cheque!”</i>	
Dadeira	Gay que transa muito.	1. Homossexual ativamente passivo; 2. Que dá muito.
Dar close	Dar pinta de gay.	1. Dar pinta; 2. Dar uma olhada; 3. Chegar junto.
Dar o truque	Mentir, esconder, simular; para travestis e transformistas, “esconder o pênis”.	Enganar; dar o EQ.
Demônia(o)	Forma ofensiva de tratamento entre gays. “Vai demônio, encher o saco de outra!”.	1. Pessoa extremamente feia; bicha ou mulher pavorosa; monstra. 2. Pessoa que causa.
Dragão	Gay feio.	Pessoa muito feia.
Drag-queen	Tipo de travesti com roupas e adereços espalhafatosos.	(do inglês) Gay que se veste de mulher, mas apenas para festas (não confundir com travesti).
Desaquiendar	Soltar; sair. “ <i>Que nada, menina, desaqüende do bofe, que ele não gosta de você.</i> ”	1. Deixar de lado; deixar em paz; 2. Esquecer; 3. Ir embora, vazar.
Edi/edy	Ânus.	Parte extrema do aparelho digestivo por onde saem as fezes e entra e sai o “caralho”; ananás, ânus, anel de couro, arruela, cu, edir, fiofô, frasco, furico, marraco, mataco, matakos, peida, pontinho, rabicó, rabo, rosca, tarrasqueta.
Elza	Roubar ou tomar o namorado de outro gay.	Roubo.
Eque	Desculpa, lábia, mentira.	Truque; engano. Coisa falsa.
Entendido	Homossexual não assumido.	1. Homossexual; 2. Homossexual dos anos 1970 que gosta de romance à la hétero. 3. Relacionamento aos gays e lésbicas, principalmente da década de 1970.
Erê	Criança.	1. Bofinho adolescente; 2. Criança, jovem.
Fanchona	Lésbica.	Termo bastante preconceituoso para lésbica.
Fazer a linha/Fazer a linha “faf”	Ser falso, encarnar um personagem. “ <i>Pra sair com aquele michê, só</i>	Fazer a amiga feliz, ou seja, atender a amiga.

	<i>fazendo a linha pobretona</i> ".	
Fecheação	Trejeito gay escandaloso; arraso. <i>"A noite baiana está a maior fecheação"</i> .	Ato de dar muita pinta.
Ferver	Animar o ambiente.	1. Divertir-se; 2. Enlouquecer numa festa, evento ou pista.
Fina(o)	Gay elegante.	1. Chic; 2. Esnobe.
Flor	Homossexual masculino.	1. Pessoa do bem; 2. Pessoa delicada.
Função	Transa. <i>"Ricardo quer entrar na minha função."</i> <i>"Hoje a de cá não vai pra função, porque está morta de cansada!"</i> .	Qualquer ato que envolva droga ou sexo.
Gay	Homossexual.	1. Homossexual masculino. Outros termos usados, mas com ligeira variação de sentido são: baitola, bambi, bee, beesha, bi, biba, bicha, bill, biltra, bilu, boiola, cheine, culeiro, entendido, finóquio, frango, fresco, fruta, frutinha, gersina, goiaba, greta, homiceta, homisina, laleska, lhushca, mancha, mona, mônica, paneleiro, peixe, poc-poc, potira, puto, quaquá, qualira, tata, viado, xibungo. Durante a inquisição, a igreja católica chamava qualquer biba de <i>somitigo</i> (com a var. <i>somítigo</i>), <i>sodomita</i> ou <i>sodomítico</i> . 2. Próprio de gay.
GLS	Sigla do público "gay, lésbica e simpatizante" que se reúne em alguma festa ou evento.	Abrev. de <i>Gays, Lésbicas e Simpatizantes</i> .
Goiaba	Gay masculino.	1. Garota que anda só com bichas; 2. Bicha.
Homofobia	Aversão ao homossexualismo.	Medo irracional da homossexualidade.
Homossexual	Gay.	Aquele(a) que transa com alguém do mesmo sexo; apesar de politicamente correto, os(as) homossexuais preferem outros termos; veja: gay e lésbica.
Hype	Agito; festa de ponta; a	(do inglês) Assunto, objeto ou

	última moda.	pessoa em voga; o sucesso do momento.
Ilê	Casa.	Cuã, casa.
Indaca	Língua.	Rosto; face; cara; feição.
Jaburu	Gay muito feio.	Mulher ou bicha feia; horrenda.
Jogar o cabelo	Língua.	Rosto; face; cara; feição.
Lésbica	Homossexual feminino.	1. Homossexual feminina. Outros termos usados, mas com variação de sentido são: bolacha, bomberita, boot, bup, camioneta, caminhoneira, chuiá, chuteira, cookie, coronel, di santini, dyke, entendida, fada, frantchaska, fufa, havaiana, lelê, machorra, melissinha, moçona, mulher-macho, mulher-pinto, mulher, paraíba, patinha, popotcha, quarenta-e-quatro-bico-largo, sabonete, sandalinha, sapa, sapata, sapatão, sapeca, sargentão, tankpanzer, tucha, velcro. Durante a inquisição, a igreja chamava uma bolacha de <i>incuba</i> , para definir a parceria ativa: aquela que <i>se deita por cima, como homem</i> . 2. Próprio de lésbica.
Meu cú/meu cú pra você	Não dar importância, “Não estar nem aí”. “Meu cú pra você, bicha nojenta do papu furado.”	Expressão usada para designar indignação, negação ou desdém; equivale a <i>Caguei!</i> ou <i>Um caralho!</i>
Mati/matim/matin	Pequeno.	Pequenino; mirim.
Michê	Parceiro da relação homossexual mediante pagamento; garoto de programa.	Garoto de programa, prostituto.
Mona	Gay masculino.	O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino.
Montada(o)	Gay travestido com roupas e maquiagem. “ <i>Hoje não tem show na boate, mas eu vou toda montada.</i> ”	1. Bem vestido; 2. Relativo ao <i>cross-dressing</i> ou a biba vestida de mulher.
Neca	Pênis.	Pênis.

Ocâni/ocani/ocane	Pênis.	Pênis.
Ocó	Heterossexual.	Homem-homem.
Odara	Bom; grande; bonito. <i>“Deixa eu pegar, pra ver se sua mala é odara: minha cara, minha cuca ficou odara.”</i>	1. <i>Adj.</i> Bonito, elegante, vivaz; 2. <i>S.f.</i> (BA) Pauzão, jeba.
Otim/Oti	Bebida.	Bebida alcoólica.
Passada	Atordoada; decepcionada.	Arrasada; chocada.
Penosa	Gay que “pena” muito até conseguir parceiros.	Relativo à bicha que pena, espera ou depende de alguém, que não trabalha e se pendura. Ex.: <i>Viado, aquela penosa está sempre querendo entrar de graça.</i>
Piaba	Gay.	Macho, ocó.
Pica	Pênis.	Pênis.
Pintosa(o)	Gay assumido e afetado.	Bicha afetada; que dá pinta.
Podre	Ruim. <i>“Mas que bicha podre: nem bem eu viajei e ela já me roubou todos os homens da cidade!”</i>	Coisa, pessoa ou local ruim.
Punheta	Masturbação masculina.	1. Masturbação masculina; 2. Coisa enrolada, dificultosa, embaçada; 3, Elucubração; cogitação profunda.
Qualira	Gay masculino.	Homossexual do sexo masculino e laleska.
Quizila	Azar; problema.	1. Problema; aborrecimento; chateação; encanação; 2. Repugnância, antipatia.
Racha	Vagina.	1. Vulva; vagina. 2. (pejorativo) Mulher.
Rebuceteio	Confusão.	Troca-troca incontrolável e desmedido de namoradas entre as lésbicas; também conhecido como a dança do “rubuceteio”.
Sabão	Carícia entre gay/lésbica ou entre gay/gay.	Esfrega-esfrega entre duas pessoas; saboeira.
Sapa/Sapo	Lésbica.	Forma abreviada e carinhosa de sapata.
Taba	Maconha.	Maconha.
Tata	Gay masculino.	Bicha amiga, colega mesmo.
Uó	Coisa ou pessoa ruim.	Ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado.

Fonte: Elaboração própria a partir de: Santos Júnior (1996) e Vip e Libi (2006).

Os termos *boquete* e *punheta* se referem às práticas sexuais, mas nos documentos analisados exemplificam que esse universo é masculino. São os homens, homossexuais masculinos, que são a referência para o discurso. A partir disso é que se apresentam, ou silenciam, outras possibilidades de identidades. Por exemplo, o termo *drag-queen*, que no *Bichonário*, significava “Tipo de travesti com roupas e adereços espalhafatosos.” (SANTOS JÚNIOR, 1996, p. 35). No dicionário *Aurélia*, a acepção dada ao termo é de “Gay que se veste de mulher, mas apenas em festas [...]” (VIP; LIBI, 2006, p. 51), alertando para que o/a leitor/a não confunda com travesti⁵⁶.

O lugar dado ao uso da roupa atribuída às mulheres e a persistência do masculino está presente também no termo *montada(o)*. Ainda em 2006, a identidade sexual atribuída às *drag-queens* é a de homossexual, pressupondo uma autoevidência. Ana Paula Vencato (2002) discutiu a persistência no imaginário popular de uma certa confusão entre as categorias *drag-queens*, transexuais, travestis e *cross-dressing*⁵⁷ (VENCATO, 2002). Para Vencato (2002) *drag-queen* “[...] são homens que se transvestem, mas sem o intuito de se vestir de mulheres, mesmo que de forma caricata [...]” (VENCATO, 2002, p. 3), sem que isso também implique na homossexualidade desses indivíduos. No entanto, vestir-se de mulher parece ser a senha, nos documentos, para acionar e embaralhar os significados do feminino/passivo/homossexual/travesti.

Dar close e *dar o truque* são expressões que também se mostram restritas ao universo gay. *Dar o truque* para as travestis e “transformistas” se resumiria à prática de mentir, enganar, sobretudo porque o único engano que o *Bichonário* apresenta ser possível às travestis seria o de esconder o genital, ou seja, produzir uma “mulher de mentira”, uma mona de equê, a partir não do que se tem, mas do que se finge não ter.

A palavra *entendido* seria utilizada na década de 1970, conforme apontado na definição dada pela *Aurélia*. Segundo Peter Fry (1985) e Silvia Aguião (2007), foi na década de 1960 que surgiu o termo *entendido/a*. Este era “[...] uma espécie de equivalente tupiniquim do gay” (FRY, 1985, p. 24):

O "entendido" e o *gay* vieram a denominar fundamentalmente pessoas que "transam" com pessoas do mesmo sexo sem que adotassem necessariamente

⁵⁶ No próximo quadro analisaremos essa palavra enquanto categoria e classificação dentro do universo.

⁵⁷ Na definição de Vencato (2015, p. 369): “Crossdressers não são mulheres e não se vêem como tal. De forma rápida, poder-se-ia dizer que são homens que se vestem de mulher, ou que efetivam o desejo de se vestir com roupas e acessórios femininos, embora o *crossdressing* seja algo um tanto mais complexo que isso. E, mesmo assim, a noção de feminino que usam para se montar é bastante peculiar. É uma montagem transitória, realizada em alguns momentos específicos, que envolve graus variados de intervenção corporal, dependendo do que se pretende em termos de resultado final daquela produção”.

os "trejeitos" associados as figuras da "bicha" ou do "sapatão". Ao contrário destas, as novas palavras não são pejorativas. (FRY, 1985, p. 24)

Entendida/o pode ser uma denominação mais “reservada” e menos pejorativa para definir uma pessoa homossexual, como aponta Fry (1985). O autor evidencia que os primeiros grupos do incipiente movimento sexual da época passaram a rejeitar termos como “entendido” e “gay”, e a utilizar a definição “bicha” como ato político, buscando esvaziar as conotações negativas que este conceito representava.

Nos dados da pesquisa de Carrara et al. (2006) na parada LBGT de São Paulo de 2005, no que diz respeito à sexualidade autoatribuída, declararam-se entendidos/as 15,1% das mulheres homossexuais, 3,2% dos homens homossexuais e 1,3% do(a)s trans. Os pesquisadores notaram que a categoria entendido/a era mais comum entre pessoas com nível de escolaridade menor. Regina Facchini (2009) também percebeu isso. A distribuição das classificações dos sujeitos de sua pesquisa variava significativamente de acordo com marcadores de classe e geração. Dessa forma, entre as mulheres mais velhas e de estratos populares a categoria entendida era a mais utilizada, enquanto entre as mulheres mais novas e de estratos médios e altos havia termos como *dyke* ou sapatão, sapa, bissexual, e também a rejeição a rótulos. Andrea Lacombe (2009, p. 12-13) definiu entendida/o como:

A palavra entendida – ou entendido no caso dos homens – é usada como autodenominação e auto-referencial entre pessoas homossexuais e baseia-se no “reconhecimento dado por um experiencial compartilhado” (Lacombe 2006: 55). Este entendimento supõe, por sua vez, fazer parte de: “a perícia em reconhecer uma entendida deriva da perícia em ser entendida colocando, seguindo a Joan Scott (2000), a experiência como prova de conhecimento” (Lacombe 2006: 56). Entender se transforma em um modo de cumplicidade, de compartilhar um segredo que, apesar de público, não implica a ausência de intimidade.

Aguião (2007), antes de sua ida a campo, considerava que o termo entendido/a estava em desuso nas classificações no universo LGBT, no entanto, diferentes autores (CARRARA et al 2006; AGUIÃO, 2007; FACCHINI, 2009 e LACOMBE, 2009) constataram o uso desta categoria, principalmente por mulheres lésbicas. Facchini (2009) demonstrou que essa classificação tem perdido cada vez mais espaço com as categorias criadas e/ou utilizadas pelas novas gerações, especialmente com o uso de classificações que, de alguma forma, assim como observou Fry (1985) no contexto da década de 1970, tem um posicionamento político e militante, reapropriando palavras e

expressões que carregam um estigma, como *sapa*, *sapatão*, *bicha*, *viado*, subvertendo e ressignificando essas classificações.

Embora anunciado no documento *Aurélia* como um modo carinhoso de nomear as mulheres lésbicas, Paul Preciado (2014) apresenta uma posição discordante. Para o autor, a palavra sapa/sapo e seus derivados seriam inicialmente “[...] um insulto pronunciado pelos sujeitos heterossexuais para marcar as lésbicas como ‘abjetas’” (PRECIADO, 2014, p. 28). Ancorado na perspectiva *queer*, ele acredita na potência da linguagem para performar outros sentidos para o termo. Nesse sentido, Facchini (2009, p. 151) afirma que:

[...] essas categorias de autoclassificação, que em dados momentos podem ser enunciadas como identidades, funcionam como operadores de diferença. Dessa forma, estilos, classificações e identidades apontam tanto para possibilidades de agência – fazer algo do que foi feito dos sujeitos em questão – quanto para processos de diferenciação. Sugere pensar também que, se há marcadores (gênero, sexualidade, classe, raça e geração) e operadores (estilos, classificações e identidades) sociais de diferença, há também dinâmicas de operação de cada um dos marcadores. No entanto, tais dinâmicas, uma vez situadas, não podem ser tomadas como regra geral, uma vez que nenhum marcador nunca opera isoladamente e que não se trata de pensar em termos de soma ou justaposições, mas em intersecções contextualizadas.

Ao iniciarmos a pesquisa, o glossário elaborado por Silva em 1958 não seria objeto de nossa análise por não possuir termos que constassem no *Diálogo de Bonecas*. No entanto, a leitura atenta dos documentos acima apontou para a necessidade de analisar o glossário pensando na sua elaboração a partir de um contexto de sociabilidade gay que, posteriormente, seu autor renomearia como *A elite homossexual masculina em São Paulo* (SILVA, 2005).

Iniciamos por relacionar termos/expressões que, presentes no *Bichonário* e *Aurélia*, já anunciados como ausentes no *Diálogo de Bonecas*, também estão ausentes no glossário do livro *Abjeção e desejo*, ou seja, não foram registradas nos documentos elaborados nos contextos em que circulam quase exclusivamente as travestis.

QUADRO 9 – Palavras e expressões comuns ao glossário de Silva, *Bichonário* e *Aurélia*, não encontradas no *Diálogo de bonecas* e no glossário do livro *Abjeção e desejo*

PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS		
	<i>Glossário de Silva</i> (1958)	<i>Bichonário</i> (1996)	<i>Aurélia, a dicionária da língua afiada</i> (2006)
Bicha	Em gíria homossexual, um sinônimo para perobo. Pode ser usado muitas vezes com o mesmo sentido depreciativo, e nesse contexto implica alto grau de julgamento depreciativo negativo. Pode ser utilizado, no entanto, no sentido afetivo, dependendo da ênfase e das pessoas a que se refere no contexto da situação.	Homossexual masculino.	Homossexual masculino; gay; viado, homem efeminado
Bicha Louca	Em geral, classifica os indivíduos que agem agressivamente de modo efeminado. Empregado também como “loucas”, referindo-se ao grupo que demonstra atitude ostensiva homossexual, especialmente na “caça”, como passivos. Utilizando ainda para destacar o interesse na caça, especialmente durante uma reunião homossexual, em uma situação em que existe uma possibilidade disso.	Gay masculino muito afetado	Bicha bem atacada, cheia de ademanos e de afetação
Boneca	Um homossexual	Gay masculino.	Não consta.

	passivo atraente; implica juventude, mas não necessariamente; (adjetivo) usado de maneira afetiva por um homossexual em relação a um amigo homossexual passivo.		
Caçar	Procurar um parceiro sexual para relação sexual, aproveitar todas as oportunidades potenciais dos indivíduos que passam; também se refere àqueles que usam um automóvel para tal ação; olhar com desejo um parceiro sexual em potencial, ou a uma outra pessoa para uma possível relação sexual.	Buscar parceiros.	Ir atrás de alguém para fazer sexo; viçar.
Cunilingus	É interessante apontar que esta palavra é utilizada para indicar a performance de <i>anaclictus</i> .	Não consta.	(do latim 'cunilingus', língua/lamber cona) S.m. Entre as lés e os héteros, é chupar uma buça. No pequenino mundo dos gays, é a língua enfiada no cú; lambeção de rabo; fleur-de-rose.
Enrustido	Um homossexual, usualmente efeminado, que é acanhado, elusivo, e que não desenvolve relações íntimas com outros homossexuais.	Homossexual não assumido.	1. Diz-se do homossexual que ainda não saiu do armário, não assumiu sua posição de gay. 2. Bicha do cú preso, não assumida.
Gilete	Bissexual	Gay masculino.	Antigo termo para designar o homem bissexual.
Mala	O volume destacado	Pênis.	1. Pênis; 2. O

	da genitália masculina sob calças, maiô ou bermuda, expressão utilizada para referir-se ao tamanho do pênis; o mesmo que <i>pau, vara</i> .		volume grande do pau na roupa; pacote; 3. Pessoa chata; escrota.
Perobo	Arcaico. Designação de um homossexual, especialmente passivo, por um heterossexual; não utilizado por membros da minoria.	Gay masculino.	Não consta.
Quebrar a louça	Manter relação semi-sexual (marginal) com outro indivíduo reconhecidamente homossexual; também utilizado para expressar atitudes negativas em relação a um parceiro homossexual do qual o indivíduo não recebeu a satisfação imaginada.	Relação sexual entre dois gays passivos.	1. Diz-se de quando duas bichas pintosas namoram ou se aqüendam; 2. Brigas; bater boca.
Tia	Um homossexual, geralmente efeminado; muitas vezes indica aquele que persegue jovens; pode ser usado também em sentido geral; pode ser compreendido como sinônimo de simpático, demonstração de amizade. Outras vezes, por ênfase, indica uma atitude pejorativa.	Gay velho; aids.	Bicha velha.

Travesti	Indivíduo que usa roupas femininas para exibição da orientação valorativa do grupo homossexual; também utilizado no sentido depreciativo por um homossexual dissimulado em relação a um ostensivo.	Não consta.	Homossexual que se veste e se comporta como mulher, quer faça programa ou não. Alguns travestis implantam silicone nos seios e outras partes do corpo, mas ainda possuem pênis; o travesti que passou por cirurgia para retirar o pênis passa a ser <i>transexual</i> ou <i>operada</i> .
Viado/veado	Indivíduo efeminado e geralmente ostensivo; um termo em geral usado no sentido pejorativo, implicando antagonismo por parte de quem o usa.	Gay masculino.	Homossexual masculino; gay.

Fonte: Elaboração própria a partir de: Santos Júnior (1996); Silva (2005); Vip e Libi (2006).

O termo *bicha* na monografia de Silva, em 1958, já continha distinção a depender do contexto de enunciação. Poderia ter uma acepção depreciativa, mas também guardava laços de afetividade entre aqueles/as que se reconheciam no mesmo grupo. A circulação do termo, identificada em décadas posteriores, em 2006 manteve sua potência para ainda demarcar o feminino da homossexualidade masculina, preservando as delimitações entre o masculino e o feminino. Os termos presentes no quadro, *bicha*, e *viado*, estão em disputa, e têm sido ressignificados pelas novas gerações, que contestam os limites entre o masculino e o feminino, desafiando a heteronormatividade e o modelo de hierarquia e assimetria, analisado por Fry (1985)⁵⁸, mas também reafirmam e permanecem como instrumentos utilizados para ferir e excluir pessoas.

⁵⁸ A música da cantora Linn da Quebrada, intitulada *Enviadescer*, mostra essas contestações ao suscitar provocações no que diz respeito à efeminação, feminilidade, masculinidade e superioridade masculina, representada pelo pênis, como por exemplo nesse trecho: “Ei, psiu, você aí, macho discreto / Chega mais, cola aqui / Vamo bater um papo reto / Que eu não tô interessada no seu grande pau ereto / Eu gosto mesmo é das bixas, das que são afeminada / Das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiada.”

O termo *boneca*, utilizado para nomear o *Diálogo de Bonecas*, surge apenas nos primeiros documentos e atrelado à ideia de passividade/feminilidade e não consta no documento de referência, que em seu título utiliza o termo.

A palavra *enrustido* define um homem homossexual marcado pelo feminino e pelo constrangimento, e somente em 2006, especificamente, se referiu a alguém que “ainda não saiu do armário”. Sedgwick (2007) afirma que o armário é um dispositivo de regulamentação da vida de gays e lésbicas, e também bissexuais, com regras limitantes e paradoxais sobre expressões ou privacidade, entre o privado e o público, este último marcado por ser um espaço heterossexual, restringindo assim a vida das pessoas não-heterossexuais. Segundo Sedgwick (2007, p. 22): “O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social [...]” Consequentemente, “sair do armário” não é uma escolha unicamente individual, que depende apenas da coragem de um indivíduo, mas implica em enfrentamentos e sanções na família, mercado de trabalho e outros espaços públicos. Por isso este “segredo” acompanhou, e ainda acompanha, a vida de muitos sujeitos (MISKOLCI, 2009).

A expressão *tia*, presente desde o glossário de Silva, no *Bichonário* e na *Aurélia*, chama a atenção para como a palavra, entre 1958 e 2006, manteve seu marcador geracional. Acompanhado das palavras *bicha* e *feminino*, o termo ainda demarcava um sutil alinhamento às fronteiras das práticas sexuais ativo-passivo. Em 1996, o *Bichonário* anunciava outro uso possível, atrelado ao universo da epidemia da aids. A ausência do termo no *Diálogo de Bonecas* parece ser significativa, uma vez que é o único dos documentos elaborado como estratégia de ação do enfrentamento da epidemia. A consolidação do termo *tia* para significar aids no universo das travestis foi apontada por Pelúcio (2009) e permanece produzindo efeitos na relação entre as travestis e os/as agentes de Estado na construção de respostas à epidemia no Brasil (TEIXEIRA; ROCHA e RASERA, 2012).

Gilete informa a presença da bissexualidade no campo, ainda que pouca atenção tenha sido dada ao termo. A compreensão da bissexualidade como uma identidade ainda é uma questão em disputa. Sobretudo porque a bissexualidade nega as fronteiras supostamente delimitadas entre os pólos heterossexual e homossexual (FACCHINI, 2008).

A manutenção da circulação do termo *quebrar a louça*, em 2006, indicaria que várias compreensões sobre as sexualidades podem coexistir na cena e as classificações

acionadas para nomear a si e as/os outras/as podem ser fluidas, como notou Oliveira (2006), com relação ao uso da categoria bicha-boy:

[...] a categoria bicha-boy é empregada como alusão a gays de performance masculina, que para ela [a entrevistada] estariam atrelados simbolicamente às redes de sociabilidade homossexual da Zona Sul do Rio. Esse é, no entanto, apenas um dos usos possíveis para o rótulo “bicha-boy”. O termo pode circunscrever também estágio incipiente na carreira moral da travesti, em que o projeto de cultivo de traços duráveis de feminilidade é acionado na neutralização da diferença: “aquela ali, era bicha-boy, mas tá virando travesti, começou a botar hormônio, viu como ela tá linda?” (Luana, travesti, 24 anos). Embora almejando identificação com o feminino, travestis podem exercer performances qualificadas como masculinas em dadas ocasiões como, por exemplo, manifestar atitudes violentas ou agressivas (Silva, 1993: 41) ou podem ter sua ‘feminilidade’ desacreditada em certos contextos de interação. (OLIVEIRA, 2006, p. 39).

O termo *travesti* entre 1958 e 2006 mostra como essa categoria foi se delineando até ser reconhecida como uma categoria identitária. Se em 2006 o significado da palavra se especifica, se referindo às travestis como quem vive e “assume” um determinado comportamento, mudando seus corpos, essa acepção ainda utiliza essa categoria no masculino e percebe a transexualidade reduzida a um procedimento cirúrgico, como discutido por Jorge Leite (2008).

As palavras e expressões apresentadas nessa seção são entrecruzadas por marcadores que circularam em contextos distintos, mas suas rupturas e permanências apontam para as mudanças com relação às classificações dentro da comunidade. Como afirma Facchini (2009), a história do movimento LGBT é sobre disputas e enfrentamentos no que tange às categorias que historicamente foram, e ainda são utilizadas, para estigmatizar e discriminar sujeitos que confrontam as normativas acerca das sexualidades e gênero.

2.6 Diálogo(s) de Bonecas: performando corpos e saberes

Após a leitura cuidadosa dos documentos, que permitiu pensar os movimentos de circulação das palavras no universo LGBT, nossa preocupação se centrou na compreensão de um documento em específico: o *Diálogo de Bonecas*.

Num primeiro momento, compreendemos a fluidez das palavras que desempenham um papel importante na formulação de frases. São palavras que podemos designar como *palavras-ônibus*, que acomodam numerosos significados, exprimindo diversas ideias sem comportar uma limitação semântica (MICHAELIS, 2017). Nesse

sentido, Florentino (1998) já apontava para as diferentes formas de utilização das palavras *aqüendar* e *desaqüendar*, que são polissêmicas, conforme podemos observar no quadro abaixo.

QUADRO 10 – Diferentes usos da palavra aqüendar no *Diálogo de Bonecas*

EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
Aqüenda a neca do Okó	Olha a pica do homem
Aqüenda o edi do Okó	Olha a bunda do homem
Aqüendar o Aqué	Ganhar dinheiro
Aqüendar Ilê	Ir para casa
Aqüendar o Ojum	Olhar
Aqüendar o Omi	Tomar água
Aqüendar a Mona	Namorar mulher
Aqüendar o Omi Dundum	Tomar café
Aqüendar Ajeum	Comer
Aqüendar o xiré	Ver os acontecimentos
Aqüendar o Babado	Brigar
Aqüendar Otim	Beber
Aqüendar Ochanã	Acender o fogo
Aqüendar a Manhonga	Tomar banho

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

QUADRO 11 – Diferentes usos para a palavra desaqüendar no *Diálogo de Bonecas*

EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
Desaqüenda a Etaba	Parar de fumar
Desaqüenda a Endaca	Parar de falar
Desaqüenda o Aqué	Gastar o dinheiro
Desaqüendar a Nena	Fazer cocô
Desaqüendar o Mitorô	Fazer xixi
Desaqüendar o Bofe	Mandar o rapaz ir embora
Desaqüendar o Cavalo	Despedir o empregado

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

QUADRO 12 – Diferentes significados da palavra desaqüendar, presentes no *Diálogo de Bonecas*

EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
Desaqüenda	Deixa pra lá
Desaqüendar	Parar, jogar, perder
Desaqüendar	Ir embora, parar, viajar

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

Outras palavras possuem um significado determinado, como a palavra *ilê* que significa lugar, construção, imóvel, casa, mas que com o auxílio de outras palavras

ganha um significado específico. O mesmo ocorre com *ocó* (homem) e *mona* (mulher), como mostram os quadros abaixo.

QUADRO 13 – Exemplos de diferentes significados da palavra *ilê* quando acompanhada de outras palavras, presentes no *Diálogo de Bonecas*

EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
Ilê de alibam	Delegacia
Ilê de baco	Hotel
Ilê de nena	Privada
Ilê de aqüé	Banco (financeiro)
Ilê de saúde	Hospital
Ilê de paz	Igreja
Ilê de educar	Escola

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

QUADRO 14 – Exemplos de diferentes significados da palavra *ocó* quando acompanhada de adjetivos, presentes no *Diálogo de Bonecas*

EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
Ocó Dundun	Homem preto
Ocó Antigo	Homem Velho
Ocó chefe Odara	Presidente da República
Ocó Molhado	Bicha encubada

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

QUADRO 15 – Exemplos de diferentes significados da palavra *mona* quando acompanhada de outras palavras ou adjetivos, presentes no *Diálogo de Bonecas*

EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
Mona ocó	Sapatão, lésbica
Mona u ó	Mulher feia
Mona de equé	Mulher de mentira
Mona da banda osse	Mulher do lado
Mona dunda	Mulher preta
Mona Dundun	Mulher preta
Mona odara	Mulher bonita

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

Mona e *ocó* se enquadram na categoria “termos de referência”, construída por Florentino (1998), que podem vir acompanhados de palavras que informam e/ou classificam o sujeito como idade, gênero, profissão, estética, etnia, entre outras.

Considerando o contexto de elaboração do documento *Diálogo de Bonecas*, e todas as possibilidades de palavras a serem incluídas no mesmo, recortamos a tentativa de compreender quais delas foram “dadas a conhecer” pelo movimento das travestis

naquele contexto histórico. Entendendo a rua, os espaços de prostituição, como lugares por onde essa linguagem circula e se desenvolve, elaboramos algumas categorias de análise. A primeira, *(Des)controle das práticas sexuais*, agruparia as palavras e expressões que designam as práticas e interações sexuais no mercado sexual, onde as travestis transitavam.

QUADRO 16 – *Diálogo de Bonecas* - categoria (Des)controle das práticas sexuais

CATEGORIA: (Des)controle das práticas sexuais	
PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS
Amapor	Buceta
Apeti	Peito
Aqüenda a neca do okó (ocó)	Olha a pica do homem
Aqüenda o edi do okó (ocó)	Olha a bunda do homem
Aqüendar a mona	Namorar mulher
Baco	Transar
Bater bolo	Tocar punheta
Edi matim	Bunda pequena e feia
Edi odara	Bunda grande e bonita
Edi	Bunda
Fita na endaca	Esperma na boca
Fita no edi	Esperma no ânus
Fita	Esperma
Indaca no edi	Chupar cú
Indaca com indaca	Beijo na boca
Indaca na neca	Chupar pica
Molhado	Ativo e passivo
Neca matim	Pau pequeno
Neca odara	Pau grande
Neca	Pica
Nequinha	Chupadinha
Ocane	Pau, pica, piroca

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

Elaborado como parte de uma estratégia de enfrentamento à epidemia do HIV/Aids, as prescrições em relação às práticas de prevenção não passariam despercebidas, como apresentam os conselhos/dicas presentes no documento.

QUADRO 17 – Dicas do Diálogo de Bonecas relacionadas à prevenção do HIV/Aids

FRASES	SIGNIFICADOS
Aqüendar baco só com ochó de neca.	Transar só com camisinha.
A mona cá aqüenda a mona dundum no meu ilê e aqüenda um bajubá odara	Eu levei uma bicha negra na minha casa e dei a ela bastante explicação sobre a

na desaquienda da maldita.	prevenção de AIDS.
Adés e monas não aquiendam o baco sem ochó de neca.	Bichas e mulheres não transam sem camisinha.
Se o oco não aquienda ochó de neca, desaquienda é babado.	Se o homem não quer usar camisinha, sai fora, é um perigo.
Aquienda o ojum para a neca do oco e aquienda se o ochó de neca está bem colocada.	Olhe bem para o pirú do homem para ver se a camisinha está bem colocada.
Mona odara e aquienda o ochó de neca.	Mulher esperta sempre usa camisinha.
Não aquienda o baco sem ochó de neca, a maldita está desaquiendada.	Não transe sem camisinha, a AIDS está solta.
O adé dundum aquiendou para a mona cá que aquienda bolo sem oxó ⁵⁹ de neca.	A bicha negra me disse que transa sempre sem camisinha.

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

A segunda categoria, *Violência por todos os lados*, abrange as palavras que indicam resistência, transgressão e segurança no grupo. A violência enfrentada por sujeitos cuja identidade e orientação sexual fogem à normativa heterossexual é histórica. Green (2000) aponta que, entre 1969 e 1978, momento mais repressivo da ditadura militar, as travestis ocupavam as zonas de prostituição do Rio de Janeiro e de São Paulo e a polícia reagiu com prisões em massa e periódicas. As décadas de 1980 e 1990 não foram diferentes no que diz respeito à violência e arbitrariedade policial. É no limiar entre Estado e sociedade civil, permeada por disputas, que surgiu o movimento organizado de travestis (PRADO; MACHADO, 2014).

Nesse sentido, o bajubá se configuraria como um dispositivo de resistência, oferecendo a esses sujeitos formas de se protegerem de possíveis ataques e ameaças, como mostra o quadro a seguir.

QUADRO 18 – *Diálogo de Bonecas* categoria Violência por todos os lados

CATEGORIA: Violência por todos os lados	
PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS
Acué ⁶⁰	Dinheiro
Alibam	Policial
Alibam verde	Policial do exército
Alibam azul	Policial da aeronáutica
Alibam Branco	Policial da marinha

⁵⁹ Por ser uma linguagem de tradição oral, algumas palavras no *Diálogo de Bonecas* estão grafadas com diferentes letras que produzem o mesmo som, como por exemplo: ochó/oxó.

⁶⁰ A palavra *acué* e a expressão *aquiendar o acué*, foram inseridas nessa categoria por serem termos que na rua, na batalha, podem gerar situações de insegurança e vulnerabilidade.

Alibam nagiria	Polícia por perto
Aqüendar o aqué	Ganhar dinheiro
Azualá	Roubar, pegar, comer
Azuelar o okó (ocó)	Roubar o homem
Chaveco	Mentira
Coió	Pessoas provocando escândalo
Cufado	Morto
Cufar	Matar
De eque	De mentira
Elza	Roubar
Gamber (Gambé)	Policial
Ilê de alibam	Delegacia
Laruê	Fofoca, bagunça, quebra-quebra
Lorogun	Briga
Nãã nas trevas	Dormir na rua
Obé xirê	Navalha
Obé faim	Tesoura
Obé	Faca, facão, canivete
Oxó de neca	Camisinha
Ravi	Assassino, matador, perigoso
Revá	Revolta, raiva, ódio, bravura
Uó	Feio, ruim, esquisito

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

É possível identificar a presença significativa da força policial nesse universo. Mas também o cenário de conflitos onde a morte se apresenta no facão, na tesoura e na navalha. A criminalização de travestis e transexuais, como também da prostituição, tem sido uma pauta constante no ativismo desse grupo. Embora a perspectiva da regulamentação da prostituição não se constitua como posição hegemônica no movimento, conforme apontou Teixeira (2013), é possível perceber uma aproximação das pautas das travestis com as mulheres prostitutas. Segundo Carvalho (2015, p. 189):

[...] o discurso ativista trans hegemônico tem marcado sistematicamente que as políticas que visam inclusão de travestis e mulheres transexuais no mercado formal de trabalho não podem ser baseadas na premissa abolicionista de libertá-las da prostituição, embora essa não possa ser a única alternativa laboral para elas. Algumas ativistas têm se dedicado mais fortemente à demanda pela regulamentação da prostituição como forma de garantia de direitos empregatícios e previdenciários, além de, colateralmente, contribuir para a diminuição da violência policial sofrida cotidianamente por aquelas que se prostituem.

Na mesa redonda sobre o movimento nacional das travestis, Jovanna Baby e Indianara Siqueira citaram nomes das primeiras representantes do movimento de prostitutas no Brasil, já demonstrando alianças e parcerias históricas com as mesmas⁶¹.

Assim como conselhos e dicas para a prevenção de infecção por HIV/Aids, também estratégias de proteção em relação ao exercício da prostituição ocuparam as páginas do *Diálogo de Bonecas*. O quadro a seguir mostra as frases do dicionário que são relacionadas à proteção.

QUADRO 19 – Dicas do *Diálogo de Bonecas* relacionadas à proteção

FRASES	SIGNIFICADOS
Não aqüenda no ilê, oco que não cata.	Não levar para casa homem que não conhece.
O oco da banda ó aqüendou um ojum uó.	O homem que está do seu lado te olhou feio.
A mona cá catou que o oco não palmicinco de até.	Eu percebi que o homem não gosta de mão de viado.
Os alibãs aqüendaram um bajubá uó das monas de equês e aqüendaram para o ilê de alibam.	Os policiais falaram que irão prender todos os travestis.
Desaqüenda o bajubá de mona de equê.	Para de falar no dialeto de travesti.

Fonte: BABY, Jovana. *Diálogo de Bonecas*. Rio de Janeiro: ISER/PIM, [SD]. 1995

O Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017 mostra que ocorreram 179 assassinatos de pessoas trans, sendo 169 travestis e mulheres transexuais e 10 homens trans. Do total, 70% ocorreram com profissionais do sexo⁶², e 55% deles tiveram lugar nas ruas. Mais de duas décadas separam a publicação do *Diálogo de Bonecas* do Mapa dos Assassinatos, organizado e publicado pela ANTRA. A violência continua sendo um dos principais problemas enfrentados pelas travestis e transexuais, e a rua permanece sendo o lugar em que essa violência mais acontece. A estigmatização e não regulamentação da profissão reforça a possibilidade dessa violência acontecer (ANTRA, 2018).

Na terceira categoria, *(i)Lícitos: pouco se fala disso* constam as palavras que revelam a presença de drogas lícitas e ilícitas nesse universo.

⁶¹ Fala realizada na mesa redonda “Por que(m) lutávamos em 1995? Do enfrentamento da epidemia da aids à reivindicação de um espaço na política institucional”, durante o VII Encontro de travestis e transexuais do Triângulo Mineiro, na Universidade Federal de Uberlândia, 22/10/2016.

⁶² Os dados da ANTRA de 2017 mostram que 90% da população de travestis e transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda. (Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/01/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra6.pdf>).

QUADRO 20 – *Diálogo de Bonecas* - categoria (i)Lícitos: pouco se fala disso

CATEGORIA: (i)Lícitos: pouco se fala disso	
PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS
Azuelar pamba	Cocaína
Azuelar taba	Fumar maconha
Cepavan	Cerveja
Desaqüenda a etaba	Parar de fumar
Ochanâ	Cigarro
Omi	Bebida
Pamba de Oxalá	Cocaína
Pamba [da Jurema]	Maconha
Taba de equê	Cigarro
Taba	Maconha

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

Os territórios de prostituição são marcados por uma acentuada movimentação em relação ao uso e venda de drogas, observados por Pelúcio (2009, p. 41) em seu trabalho de campo:

Outro dado que salta aos olhos de quem vai a campo nos espaços de prostituição travesti é o uso que elas fazem de drogas lícitas e ilícitas. O álcool é bastante consumido, principalmente destilados como conhaque e pinga, mais do que fermentados como cerveja, que além de mais cara é uma bebida gelada, que não contribui para dar o conforto térmico que a noite por vezes pede. Muitas travestis contam que o crack é a droga da vez e que tem causado mortes e decrepitude entre elas. Outras, sempre se eximindo de pertencer ao grupo das “colocadas” (as que fazem uso intenso de drogas) ou das “bandidas” (as que roubam), me falam que esse tipo de comportamento atrai repressão e bandidos para as áreas onde trabalham.

Além do consumo, várias travestis também namoram com traficantes e, de acordo com Pelúcio (2005, p. 231), muitas veem nas drogas uma forma de auxílio na prostituição: “Muitas dizem que ‘de cara limpa’ é muito difícil suportar a rotina da prostituição. Outras alegam o abandono que sentem da família, a discriminação diária e o sentimento de solidão.” A autora também acrescenta que uma interlocutora de sua pesquisa via no uso das drogas uma sedução inicial na rotina da prostituição.

Rita Rocha, Débora Pereira e Thaísa Dias (2013) notaram que o uso de droga está presente nos espaços de sociabilidade das travestis, principalmente na prostituição e na relação com o cliente, na violência nas ruas e no uso de hormônios, em circunstâncias de vulnerabilidade. Assim, alguns fatores podem agravar o uso de drogas nesse universo:

[...] entre as travestis, os fatores de risco são elevados enquanto os fatores de proteção são baixos. Entre os fatores de risco, podemos identificar a falta de apoio familiar, a marginalidade, a disponibilidade da droga nos contextos de vida e trabalho e, inversamente, a escassez de fatores de proteção como, por exemplo, de um suporte da rede social e afetiva. (ROCHA; PEREIRA; DIAS, 2013, p. 557).

Os termos em bájubá utilizados pelas travestis para nomear as drogas de maior circulação e uso no universo foram listados pelas autoras: *Lary Gary fary* (crack), *cote/padê* (cocaína), *taba* (maconha), *Maria-mole* (conhaque+Martini), *colocada* (drograda) e *otim* (qualquer bebida alcoólica) (ROCHA; PEREIRA; DIAS, 2013).

No contexto de elaboração do *Diálogo de Bonecas*, homossexuais, prostitutas e usuários de drogas injetáveis seriam grupos de risco para a contaminação por HIV/Aids. Através dessa ideia de risco, travestis e transexuais tornaram-se um “problema” de saúde pública. Assim, a cidadania delas, ou SIDAanização⁶³ como formula Pelúcio (2009), só é alcançada a partir da aids, com a criação de projetos e programas voltados para a prevenção de DST/HIV/Aids.

É necessário aqui nos alinharmos a Pelúcio (2009) e problematizarmos como o estigma que travestis e transexuais vivenciam é o maior risco enfrentado por elas e não a doença em si, portanto:

Essa constante abjeção restringe suas vidas ao competitivo mercado do sexo, à noite e às esquinas. Essa realidade leva muitas travestis a um processo depressivo associado, freqüentemente, ao envolvimento com drogas lícitas e ilícitas. A droga é vista por algumas de minhas informantes como o “maior problema de saúde das travestis”, e não a aids. (PELÚCIO, 2009, p. 132).

A relação sexual parece ser a principal via de contaminação das travestis. No entanto, percebemos a pouca preocupação de elaborar dicas sobre o uso de drogas, se restringindo a apenas uma dica no documento: “Aqüendar pempa de voar só com puntilha que desaqüenda.” Que significa: “Tomar pico só com seringa descartável.”

Por fim, foram reunidas na categoria *Sujeitos em trânsito* palavras e expressões indicativas de posição de gênero nesse universo. Embora no período de publicação do *Diálogo de Bonecas* as classificações de gênero pudessem apresentar uma maior

⁶³ De acordo com Pelúcio (2009) o “[...] processo de “SIDAanização”, isto é, de uma cidadania alcançada a partir da aids, ou SIDA (acrônimo mais utilizado no restante da América Latina para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), é verificável entre militantes do movimento social de minorias sexuais, assim como entre as travestis agentes de prevenção, que passaram a ser valorizadas, ouvidas e respeitadas em seu saber justamente pelo seu status sorológico, capaz de promover seu engajamento político.”(PELÚCIO, 2009, p. 199).

fixidez, há uma “[...] fluidez na elaboração de categorias êmicas autoclassificatórias.” (PELÚCIO, 2009, p. 28).

Nomear é um ato que posiciona o sujeito, apresentando e legitimando suas relações dentro e fora do grupo. Aqui importa perceber como as travestis foram nomeadas com o termo *adé*, reiterando a semelhança entre gay e bicha, mas não como *mona de equê*. Vejamos o quadro abaixo:

QUADRO 21 – *Diálogo de Bonecas* - categoria Sujeitos em trânsito

CATEGORIA: Sujeitos em trânsito	
PALAVRAS E EXPRESSÕES	SIGNIFICADOS
Adé	Gay, bicha, travesti
Adé fontó	Bicha enrustido
Maricona	Bicha velha
Metámetá	Homem meio bicha
Mona	Mulher
Mona de equê	Mulher de mentira
Ocó	Homem
Óxo de amapoa	Roupa de mulher
Óxo de oco	Roupa de homem

Fonte: Elaboração própria a partir de Baby (1995).

Pensando o contexto em que *mona de equê* seria acionado pelas travestis, nos reportamos à Teixeira (2013) e Juny Kraiczky (2014), que apontam para a fluidez das classificações entre travestis e mulheres transexuais, reiterando que a não reivindicação da posição de mulher pelas travestis tem sido uma constante no movimento social, inclusive para delimitar as fronteiras identitárias com as mulheres transexuais. A adoção do termo “mulheres de peito e pau”, identificado por Carvalho (2015), se refere a um posicionamento de um grupo de manifestantes presentes à 4ª Marcha das Vadias, no Rio de Janeiro⁶⁴. Problematizamos se alocar a identidade na presença de genital pode produzir fraturas no discurso ou seria apenas a reatualização do biológico presente, por exemplo, no livro *Damas de Paus* (OLIVEIRA, 1994).

A elaboração/publicação do *Diálogo de Bonecas* se mescla com a história do surgimento do movimento de travestis no Brasil. A concepção de ambos se deu no contexto de políticas de prevenção do HIV/Aids e do combate à violência. O contexto marca suas preocupações. No entanto, entendendo que a prostituição permanece como espaço privilegiado para a sociabilidade de travestis e a violência e a epidemia da aids

⁶⁴ Realizada em 09/08/2014.

ainda constituem as principais pautas de luta do movimento, no próximo capítulo apresentamos as perspectivas de três lideranças travestis sobre o bajubá e sua circulação no universo das travestis, sua permanência e apropriação.

3 “Nós existimos, temos até dialeto próprio”: entre disputas e convergências

Moira amarga amara sina
xeca quando faz a xuca
neca quando a quer a cona
qual a graça quando ela, fina
quando ela pena, menina:
quéti não se faz igual
queijo ofofi não faz mal
neca inquieta a goela língua
garra o picu força o bilau
grita a Cláudia a neca míngua
(MOIRA, 2016, p. 115)

O poema que abre este capítulo, de autoria de uma das interlocutoras desta pesquisa, ilustra a potência e plasticidade do bajubá. A palavra “cona” pode ser entendida como uma abreviação de maricona, como também pode se referir a vagina, seu significado em português. Portanto, sua leitura pode estar sujeita a variadas interpretações. As rimas produzidas entre as palavras do português e do bajubá se enredam e a polissemia tanto de um como de outro é explorada.

Se num primeiro momento o poema parece escancarar uma face obscena dessa linguagem, e também a existência desses corpos indóceis que habitam as margens, no relato de uma prostituta, é porque de fato a transgressão é um dos grandes traços do bajubá. Ao utilizar palavras com finalidade primeira de proteção, as travestis passam a construir uma voz própria, de afirmação, reconhecimento e resistência, “[...] tomam a palavra e reclamam sua própria identidade.” (PRECIADO, 2014, p. 28).

Borba (2015, p. 101), ao investigar a linguística *queer* declara a primordialidade da linguagem na constituição do sujeito:

[...] a linguagem tem um papel catalizador entre estruturas de poder e atividades humanas (Bucholtz e Hall 2003). Bucholtz e Hall (2004:492) indicam que a linguagem, nas perspectivas supracitadas, tem três aspectos importantes para a LQ [linguística queer]: 1) ela é a engrenagem pela qual ideologias circulam; 2) é o palco sobre o qual as práticas sociais são produzidas; e 3) é o meio pelo qual as identidades são construídas.

Neste capítulo trazemos os dados da pesquisa de campo, a partir de entrevistas com três interlocutoras e observações no VII Encontro Regional de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro, assim como em alguns espaços em que tivemos maior proximidade com as travestis. A pesquisa de campo teve como recorte a militância relacionada à comunidade LGBT, sobretudo às pautas de pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros).

A escolha das interlocutoras se deu por diferentes razões: Jovanna Baby, 53 anos, foi a interlocutora principal deste estudo por ser a organizadora do *Diálogo de Bonecas*. Além disso, Jovanna é considerada uma das fundadoras do movimento de travestis no Brasil e uma liderança reconhecida. Até o momento da entrevista, era presidenta do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS), e integrava a gestão da ANTRA. Também compunha a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social de Picos, no Piauí, na Coordenadoria de Direitos Humanos e Livre Orientação Sexual e Coordenadoria Municipal de Juventude.

Keila Simpson, 52 anos, no momento da entrevista, ocupava o lugar de presidenta da ANTRA, em seu segundo mandato e também estava como primeira suplente na diretoria da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT). E para além do reconhecimento de sua liderança no cenário nacional, foi colaboradora de Don Kulick na realização de sua pesquisa em Salvador e tem participado intensamente da articulação entre movimento social e academia nos últimos anos⁶⁵.

A escolha de Amara Moira, 32 anos, deveu-se a sua inserção na militância, principalmente após o lançamento de seu livro *E se eu fosse puta*, em 2016, que visibiliza seu posicionamento como travesti e prostituta no cenário nacional. O fato de Amara Moira ser doutoranda no Instituto de Estudos da Linguagem, no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), também foi um elemento considerado no momento de sua indicação, por avaliarmos que sua formação na área da linguagem poderia contribuir com a pesquisa. Esta interlocutora, até então, integrava três coletivos em Campinas: “Mulheres Guerreiras”, coletivo de prostitutas; “Identidade”, de pautas LGBTs; e o coletivo “Transtornar”, de pessoas trans da UNICAMP e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC – Campinas). Em São Paulo, também participou das atividades do coletivo “Revolta da Lâmpada”, de diversidade sexual e liberdade dos corpos. Foi candidata à câmara dos vereadores/as, nas eleições de 2016, na cidade de Campinas, pelo PSOL, compondo um quadro numeroso de candidaturas trans⁶⁶.

⁶⁵ O documentário “Um atentado violento ao pudor” (2017), produzido por Gilson Goulart Carrijo, no projeto de pós-doutorado, e por Keila Simpson, narra a história de vida de Keila e do movimento de travestis no Brasil.

⁶⁶ Mapeamento realizado por Keila Simpson Souza e Sayonara Nogueira (2016). Disponível em: <http://big.assets.huffingtonpost.com/candidaturastrans.pdf>

Este capítulo é dividido em duas seções: a primeira discorre sobre os significados acionados pelas travestis através do bajubá, questões como a origem do dialeto, funcionalidade, popularização, reinvenção e marcadores de diferença são discutidas; e a segunda seção tem como mote a publicação do *Diálogo de Bonecas*, interseccionando-a com o surgimento do movimento de travestis no Brasil e o modelo preventivo da aids.

3.1 Navalha na boca: o bajubá, “mil dispositivos”

Desde o início desta pesquisa identificamos três formas de nomear essa linguagem: bajubá, pajubá e bate-bate. Bajubá e pajubá foram as mais utilizadas nas etnografias, como também foram os nomes mais utilizados durante nossas incursões a campo. B e P são fonemas, classificados como bilabiais, ou seja, o som é produzido a partir do contato do lábio superior com o lábio inferior. O que difere a pronúncia de ambos é a vibração das cordas vocais (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2011).

Por se tratar de uma linguagem construída através da oralidade, com poucas documentações escritas, é possível que durante a transmissão do bajubá entre seus falantes o B e o P tenham se tornados indistintos, de forma que tanto um quanto o outro foram utilizados e ambos passaram a nomear essa linguagem. Bate-bate foi o único nome não mencionado durante o trabalho de campo, apenas na revisão bibliográfica apresentada no primeiro capítulo.

Jovanna Baby foi a única interlocutora desta pesquisa que disse conhecer apenas o nome bajubá, as demais conheciam os nomes bajubá e pajubá. Keila Simpson afirmou que prefere usar bajubá, pois foi a maneira que ela aprendeu e como na década de 1980 era mais conhecido, período que, de acordo com ela, foi o de maior utilização do dialeto. Amara Moira também afirmou que o bajubá é o termo mais oportuno, já que foi esse nome que entrou para a sua história. No entanto, esta interlocutora percebe que o nome pajubá tem sido muito utilizado atualmente⁶⁷. Portanto, bajubá e pajubá parecem circular nesse universo, o que intensifica o caráter plástico dessa linguagem:

⁶⁷ Exemplar disso é o álbum da cantora Linn da Quebrada, lançado em 2017, intitulado *Pajubá*. No site do financiamento coletivo do disco a cantora diz que “Pajubá é linguagem de resistência, construída a partir da inserção de palavras e expressões de origem africanas ocidentais. É usada principalmente por travestis e grande parte da comunidade TLGB. Eu chamo esse álbum de pajubá, porque pra mim ele é construção de linguagem. É invenção. É ato de nomear. De dar nome aos boys. É mais uma vez resistência.” (Disponível em: <https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido-0>).

Quando eu pergunto na rua para as minhas amigas: E aí? Qual que é? Pajubá ou é bajubá? Aí elas falam: "Ain bicha, é tudo igual. Cada uma fala de um jeito." E é legal que seja assim. A escrita é mais conservadora do que a fala, então quando existe a língua, ela é muito atravessada pela escrita, a língua se torna mais engessada. Mas uma língua que vem da oralidade e permanece muito tempo na oralidade, essa língua ela tem os registros mais estapafúrdios, os mais variados. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

Até mesmo as línguas que possuem registros escritos estão em mudança e variação contínua, ainda que essas levem muito mais tempo do que aquelas de tradição oral. As formas mais antigas de escrita, segundo Marcos Bagno (2007), têm menos de 6000 anos. Isso quer dizer que na maior parte da história da humanidade nossa espécie não escreveu, nem leu, e ainda hoje muitos sujeitos não dominam a escrita e a leitura.

O bajubá se constitui eminentemente como uma linguagem da rua, construída na batalha, nos territórios de prostituição, em esquinas que intersectam marcadores como classe e gênero. Identificamos poucas iniciativas de sistematização escrita do bajubá⁶⁸ o que pode estar associado às barreiras de acesso das travestis às instituições formais de educação⁶⁹, mas não apenas, pois historicamente lhes tem sido negado o direito de existir e de serem reconhecidas como cidadãs.

A oralidade do bajubá se articula também com a fluidez com que se apresenta. Nesse sentido nos perguntamos: quais palavras podem ser consideradas como parte do bajubá? Ainda que o *Diálogo de Bonecas* trouxesse em sua publicação as palavras e expressões que pertenciam a esse dialeto, sua edição limitada e o contexto e tempo de publicação nos ofereceram uma pista de que outras palavras poderiam ser integradas à linguagem. Embora não fosse nosso objetivo estabelecer as palavras e expressões que podem ou não ser consideradas como parte do bajubá, no trabalho de campo essa questão despontou em alguns momentos, especialmente quando algumas palavras estrangeiras eram trazidas durante os diálogos e o debate sobre a reinvenção da linguagem foi colocada em pauta.

⁶⁸ O que não significa que as travestis não veem a relevância desse registro. As interlocutoras deste trabalho declararam a importância do registro para preservação de um elemento que faz parte da história das travestis brasileiras e da cultura dessa comunidade.

⁶⁹ Sobre a exclusão de pessoas trans dos espaços formais de educação e a emergência de iniciativas de cursinhos voltados para esse público alvo, indicamos a dissertação de Tamires Silva (2017): "Experiências multissituadas: entre cursinhos trans e ativismos: quais narrativas, que cidadania é essa?" (Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152038/silva_tbr_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y)

Nesse sentido, a relação das travestis com as fronteiras além-mar, já apontada no primeiro capítulo, oportuniza a circulação das palavras. A Europa tem sido o destino de prostituição delas desde os anos 1980. Segundo Pelúcio (2009), europeia é a classificação dada à travesti que se prostituiu na Europa e que depois de sua transnacionalização conseguiu uma melhor inserção no mercado sexual, como também, na maioria dos casos, sucesso financeiro, convertido em bens materiais e transformações corporais.

Há uma relação entre a utilização e a resignificação de palavras estrangeiras que resulta do atravessamento de fronteiras e o acesso a novos territórios, por conseguinte a novas línguas, como apontado por Pelúcio (2009). Um exemplo já citado foi *quanto*, palavra italiana que circula neste universo, utilizada pelas travestis para se referirem à camisinha. No entanto, sua incorporação ao dialeto não é vista como consensual. Para Jovanna Baby, é um termo que não faz parte do bajubá: “É uma palavra das monas que foram para a Europa e voltaram para o Brasil”⁷⁰.

Se por um lado a criação do bajubá esteve muito mais conectada com as línguas faladas nos terreiros de candomblé e umbanda, Keila Simpson reconhece a circulação do dialeto para além das fronteiras nacionais e a performatividade das palavras com a inclusão de termos marcados pela migração das travestis para Europa:

[o bajubá] pode também ter essa ramificação, dessas modernidades, que vão acontecendo quando a população migra ou vai para outros países, no caso aqui a Itália. E voltam com a ideia de trazer novas palavras, que muito embora quanto na definição da palavra não seja camisinha em italiano, quanto é luva. Mas ela entra aqui como se fosse uma palavra do bajubá. [...] quando as travestis começaram então a se italianizar, depois que elas viajaram para a Itália, elas trouxeram algumas palavras em alguns espaços. Elas também colocam dentro do bajubá o quanto, como uma palavra dentro desse nosso bajubá. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017)

Amara Moira, também compreende *quanto* como uma palavra que faz parte do bajubá, assim como *close*⁷¹. *Close* é uma palavra que figura no universo das travestis há bastante tempo. A exemplo disso Roberta Close, em 1981, posou para a Revista Close e passou a adotar essa palavra como parte de seu nome. De acordo com Amara Moira, é

⁷⁰ Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017.

⁷¹ É uma palavra do inglês que significa fechar. Também se utiliza a expressão “dar close”, que significa dar pinta, aparecer, fazer *fechação*. Fry (1985), definiu o ato performativo e a expressão *fechação* como uma expressão de identidade do grupo contra pessoas que têm preconceito contra homossexuais: *Fechação* é, portanto, “um tipo de *desmunhecação* proposital e escandalosa”, uma “forma de humor, expressão de uma identidade grupal e meio de agredir os que têm preconceito anti-homossexuais” (FRY, 1985, p. 101).

um traço das línguas incorporarem palavras e expressões provenientes de outros idiomas. No que diz respeito ao bajubá, esta interlocutora afirmou que:

O bajubá é esse aglutinado de expressões que são utilizadas pelas travestis. Quando as travestis começaram a ter uma vida para além dos limites territoriais do Brasil, começaram a existir na Itália, na França, na Espanha, começaram a trazer palavras desses idiomas. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

Sua estratégia inicial, de proteção/resistência, segundo Keila Simpson, foi perdendo a centralidade com sua popularização. Porém, o dialeto ainda permaneceu como parte significativa desse universo:

[...] eu acho assim, como se popularizou, e eu falei que a gente quase não usa mais da forma que a gente pensava. E mesmo que a gente não queira, ele está popularizado hoje. E que bom que a gente não precisa usá-lo mais para muitas coisas como ele foi pensado inicialmente que era para termos esses diálogos sem que as pessoas, especialmente a polícia, pudesse perceber do que a gente estava falando. Embora a polícia baixasse o cassetete, descia o sarrafo e mandava a gente falar direito, **porque a gente estava falando errado e eles descobriam**. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017. grifos nossos)

Na perspectiva dos policiais, o uso do bajubá seria uma contravenção. “Falar errado”, em princípio, não seria motivação para ação policial. O erro parece estar em outro lugar: ao usarem o dialeto as travestis interrompiam o circuito discursivo, deslocavam os policiais para o lugar do não-saber e, nessa relação, deslocava-se também o poder que só seria “devolvido” ao legítimo mediante o uso da força. O segredo contido em não permitir saber parece manter o potencial de reinvenção do bajubá:

[...] por conta desse propósito de ser uma língua que as travestis possam usar sem serem compreendidas, por conta disso, essa língua precisa ser reinventada o tempo inteiro, se não as palavras vão vazando e a língua vai escapulindo. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

Amara Moira acredita que em diversas localidades o bajubá tem sido recriado e exemplifica a partir de um trecho do documentário *Putta*⁷², dirigido por Lilian de Alcântara, que acompanha o relato biográfico de três diferentes prostitutas da fronteira Brasil, Paraguai e Argentina. Nele, uma travesti brasileira, de Foz do Iguaçu, explica o que é o bajubá e pronuncia uma frase, em que diversas palavras são faladas com algumas terminações: “O oco caismi odaran, mas que pena que o oco caismi é adéismi”,

⁷² Sobre o documentário: <https://pt-br.facebook.com/puttadoc/>

que significa: “O homem que está aqui é bonito, só que o homem que está aqui é gay”. Odara e até são reconstruídas com diferentes terminações, o que torna a frase de difícil compreensão, mesmo para aqueles que conhecem algumas das palavras presentes na sentença. Amara Moira expressa a necessidade dessa recodificação:

Então eu vejo, por exemplo, que agora muitos locais, às vezes falam o pajubá que a gente entende facilmente, mas muitas vezes vão colocando uns sufixos no final das palavras, como forma de tornar a frase indecifrável. [...] começam a perceber que a língua que estão falando já é dominada por um determinado grupo da sociedade. Então é preciso inventar novas estratégias que vai recodificar essa língua, para que só a comunidade saiba compreender. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

O aparecimento de novos termos, que passam então a compor esse léxico, e as diferentes formas de utilizá-los podem ser elementos que contribuem para que a linguagem se reinvente constantemente. Um traço revelador disso é a jocosidade e o rechaço que o bajubá pode oferecer. Uma das características do vocabulário de determinados grupos, segundo Dino Preti (1984), é a sua feição agressiva e catártica, de purgação: “Falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade.” (PRETI, 1984, p. 4). Portanto, de acordo com Keila Simpson, o bajubá pode ter:

[...] uma função, que aí a gente já parte, que eu também gosto muito, que é a parte mais jocosa, que é de trabalhar com uma jocosidade desses bajubás. [...] eu acho que dessa forma que a gente pode pensar, desses termos novos que aparecem e que a gente os transforma em termos mais jocosos, em termos mais pra alegrar, pra falar de alguma forma, até para escrachar eu acho que ele é importante, eu acho que ele vem agora também dessa forma: tanto de ser jocoso como para escrachar. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017)

Conforme Keila Simpson, o bajubá também pode ser utilizado para escrachar, por conseguinte, essa prática está intimamente ligada às pautas e enfrentamentos da comunidade LGBT: usar o dialeto para escrachar aqueles/as que têm preconceito e intolerância contra pessoas LGBTs⁷³.

Além do escracho, a jocosidade é outra característica apontada por Keila Simpson. Esse aspecto jocoso se alinha à estética *camp*, definida por Susan Sontag (1987, p. 318) como uma “[...] predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero.” Para Lopes (2002) o *camp* seria a afetação, o brega assumido, a fecheação. Luiz Lacerda Júnior (2011, p. 2) sublinha que o *camp* descreve um “[...] conjunto de gestos, posturas,

⁷³ Cueto Rúa (2010) aponta que na Argentina, na década de 1990, após a ditadura encabeçada por militares e por Jorge Rafael Videla, o escracho se manifestou como forma de condenação social dos agentes responsáveis.

expressões, gírias, tons de fala – baseado em atributos como teatralidade, drama, frivolidade, humor afiado e efeminação.” Por conseguinte, o escracho e a jocosidade presentes no bajubá são estratégias de luta da comunidade. Expressões como mona uó (mulher feia), ofofi do ofidã (mau cheiro na zona erógena masculina), chochá (rir de outras pessoas), são exemplos de palavras/expressões que podem ser utilizadas em situações de jocosidade e escracho.

No que diz respeito à realização de pesquisas sobre o bajubá, nossas interlocutoras consideram importantes tais investigações, como forma de preservar a história e a memória das travestis brasileiras:

Tem coisas que eu acho importante e coisas que eu não acho tão importantes dentro disso, dentro da popularização. Contudo, eu acredito que deve ser sim, deve ser cada vez mais popularizado, porque não é a minha vontade, porque se eu pudesse ter um dialeto só meu e com as meninas que eu convivo de travestis era bom, mas hoje não tem como né. A gente está falando aqui e tem uma câmera gravando a gente ali, então você está muito refém hoje dessa mídia. Não tem como você guardar, é um tesouro que você não guarda. E guardar para quem? Eu penso assim: guardar para quem? Se a gente não publicar... Eu só posso deixar para alguém quando eu publico [...], porque se não contarmos essas histórias as pessoas não vão saber. Tem gente em Salvador hoje que não acredita que a gente teve as unhas quebradas pela polícia e o cabelo cortado. Tem travesti em Salvador, hoje, que não acredita que os policiais em Salvador, nas décadas de 60 e 70, cortavam os cabelos das travestis e passavam piche nas cabeças para o cabelo não nascer. Se não tiver isso contado, se não tiver dito lá em trabalhos científicos a população futura não vai [saber]. Então eu acho importante, mesmo com ressalvas, que não são ressalvas radicais [...], eu acho que deve ser, deve ser popularizado. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017)

No VII Encontro de travestis e transexuais do Triângulo Mineiro, Indianara Siqueira, uma das componentes da mesa redonda “Por que(m) lutávamos em 1995? Do enfrentamento da epidemia da aids à reivindicação de um espaço na política institucional”, declarou que o bajubá seria socializado, independente da vontade do grupo, assim como qualquer outra língua:

[...] como qualquer outro idioma, isso uma hora ou outra ia ser socializado. É como hoje, por exemplo, a língua brasileira de sinais, a LIBRAS, é uma maneira de se comunicar, mas hoje também é obrigatório em algumas universidades, em alguns espaços públicos. Então vai acabar que em algum momento a LIBRAS vai ser socializada, mesma coisa [é o bajubá], é uma coisa que a gente não consegue brigar.⁷⁴

Apesar de concordar com a fala de Indianara Siqueira em relação à popularização do bajubá, Keila Simpson acredita que tudo que é relacionado às travestis

⁷⁴ Fala realizada por Indianara Siqueira, na mesa redonda “Por que(m) lutávamos em 1995? Do enfrentamento da epidemia da aids à reivindicação de um espaço na política institucional”, durante o VII Encontro de travestis e transexuais do Triângulo Mineiro, 22/10/2016.

jamais será compreendido como uma linguagem dita “normal”, portanto, não poderia ser comparada com uma língua oficial:

O que eu acho que é importante destacar nisso que ele [o bajubá] não vai se tornar uma língua normal, que tudo que vem de nós é anormal, se fosse de outra população, pode ser que ele se tornasse, mas como vem de nós, é de travesti, é marginal, e tudo nosso é anormal. Talvez as pessoas tenham ainda essa dificuldade, de entender isso, talvez de conseguir conciliar esse dialeto de bajubá como normal ou como uma língua que vai se adequando a nós. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017)

Com relação à popularização da linguagem e à percepção de que sua divulgação exporia a comunidade, Jovanna Baby afirmou que mesmo tendo organizado o *Diálogo de Bonecas*, sua publicação não teve como objetivo divulgar o dialeto entre pessoas que não pertenciam ao grupo, mas apenas fazer circular entre as travestis:

Eu era extremamente contra. [...] quando eu falo que eu sou a favor das publicações é porque hoje já não tem mais jeito, já está publicado. Mas eu fui extremamente contra quando nós criamos o *Diálogo de Bonecas* que ele fosse socializado para a sociedade de forma geral, porque eu acho assim, [...] acabou quebrando um comportamento de se proteger, de se autoprotger que era o bajubá. O bajubá foi criado, o *Diálogo de Bonecas* foi criado para autoproteção das travestis. Aí quebrou, porque todo mundo passou a saber. [...] Então isso é muito complicado. (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

O desejo referido de restrição da circulação do bajubá ao universo das travestis ajuda a compreender a pequena tiragem, mas demonstra também que não seria apenas destinado às travestis, pois, como discutido anteriormente, o agente financiador tinha como objetivo facilitar o acesso ao grupo e a linguagem era considerada uma barreira. Portanto, desde a sua organização o *Diálogo de Bonecas* já operava com contradições.

Keila Simpson relaciona essa popularização com os meios de comunicação de massa, especialmente a internet e as novelas, que divulgaram algumas palavras e expressões do bajubá: “[...] se todo mundo conhece o dialeto pra nós perde um pouco da ideia que nós tínhamos de estarmos falando sem sermos entendidas”⁷⁵.

Não podemos pensar que a visibilidade das questões LGBTs se resumiu à maior circulação do bajubá. O dialeto, assim como outras singularidades do grupo, recebeu destaque a partir da maior visibilidade das questões LGBTs, principalmente na luta por reconhecimento e direitos, incluindo as duas grandes pautas que permanecem atuais: enfrentamento da violência, hoje com o termo guarda-chuva homofobia e o enfrentamento à epidemia da aids.

⁷⁵ Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017.

Amara Moira avalia que ao ampliar as fronteiras do uso do bajubá, o seu caráter de proteção se perde. No entanto, isso também pode significar que outros lugares de interação social estão sendo alcançados:

[...] de um lado a gente pode imaginar que a língua está deixando de ser uma língua segura, mas por outro lado estão sendo criados os novos mecanismos que continuam recodificando a língua para que ela possa continuar sendo uma língua usável. Mas eu também acho que essa popularização do bajubá revela que pessoas trans estão tendo mais inserção na sociedade. Ou seja, isso também é revelador de que a estamos conseguindo ter mais oportunidades, estamos conseguindo cavar mais brechas e ocupar a sociedade de forma mais plena. Até o momento que isso seja possível, que a gente olhe pra esse dialeto não como mais um dialeto de segurança, mas só uma forma nossa própria de conversar.

[...] quanto mais vai se popularizando mais vai deixando de ser só uma questão de segurança e vai virando uma questão de, não é marcar presença, mas de afirmação de identidade. Uma questão de marcação de identidade. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

Em seu entender, portanto, trata-se de marcar a identidade. Identidade esta que também se desloca, como a linguagem. As categorias travesti e transexual são recentes, especificamente esta última, e em determinadas localidades, sobretudo as mais periféricas, elas permanecem emaranhadas, sem fronteiras rígidas, como observou Maycon Lopes Villani (2015) em sua pesquisa com as “bichas da favela” e Leandro de Oliveira (2006), que pesquisou os repertórios gestuais e classificações que circunscrevem o público masculino não-heterossexual das camadas populares do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, Amara Moira aponta que:

[o bajubá] vai ganhando mais espaço na sociedade. Então eu já vejo muitas lésbicas, muitos gays, muitas pessoas bissexuais, começando a assumir essas palavras também. Quanto mais você vai para as periferias, mais difícil fica diferenciar quem é travesti mesmo de quem é só uma bicha feminérrima. [...] Bicha lá funciona tanto como identidade, como orientação sexual. Bicha pode tanto ser o homossexual quanto à mulher travesti. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

E conclui:

[...] por isso que eu gosto da ideia de o bajubá como a língua das bichas, porque é de fato sabe. Nesses espaços, como a delimitação não está muito clara, nítida, então não é só travesti que usa essas palavras. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

No livro de Amara Moira, *E se eu fosse puta*, constam 156 palavras e expressões do dialeto. Quando estava sendo editado para publicação, a autora postou em uma das

suas redes sociais⁷⁶ uma mensagem perguntando se as pessoas consideravam que ela “deveria trazer nota de rodapé, glossário, ou deixar o leitor se virar com as palavras em bajubá”. De acordo com a interlocutora, essa foi a postagem em seu perfil com maior número de comentários até então:

E aí um monte de gente se dando o direito de comentar. Gente que não tem nada a ver com o debate: "Não, eu tenho direito de compreender também, traz um glossário." Ou então: "Traz nota de rodapé". Num sei o que lá, glossário no fim, glossário no começo, marca a página com as palavras principais. Surgiu todo tipo de coisa. E aí chegou uma amiga travesti de Itatinga [território de prostituição de Campinas] e falou: "Amiga, essa língua é nossa, essa língua é de proteção, não faz sentido as pessoas saberem o que a gente está falando. Não faz isso." E aí foi a única opinião que eu levei a sério. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

A autora relata que, independentemente da “tradução”, isso não dificultou a leitura do livro, pois de alguma forma buscou fazer com que a frase sugerisse o significado das palavras. Por se tratar de um livro de uma travesti, voltado para o público LGBT, o bajubá estar presente é consequência da narrativa proposta pela escritora, que descreve e rememora o universo de uma travesti na prostituição. De outro ângulo, pode apontar também para uma relação de poder, em que saber e usar o bajubá posiciona o sujeito em um determinado lugar, assim como durante muito tempo aprender o bajubá por parte dos/as pesquisadores/as significava se inserir no universo.

Esta interlocutora aponta diferenças entre o bajubá que circula nas mídias e o utilizado na rua. Para ela, a dimensão de segredo do dialeto permanece mesmo diante de sua difusão:

[...] o bajubá que as pessoas estão conhecendo pelas novelas, por exemplo, o [Marcelo] Adnet fez um vídeo sobre, você viu? Então, esse bajubá, não é o bajubá que se usa na rua, o bajubá que se usa na rua, ele está tendo que se reinventar com relação a isso para continuar ser uma língua secreta, uma língua de segurança. Então, é isso, são mil dispositivos que estão sendo inventados para que essa língua permaneça secreta. Mas vai crescendo a comunidade, as pessoas vão saindo do gueto, as pessoas vão começando a ocupar mais espaços, pessoas que não são travestis e nem são LGBTs, muitas vezes estarão tendo acesso a essas pessoas, essas palavras, e vão se sentindo no direito de usá-las. Isso tem a ver com estarmos ocupando a sociedade. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

Não percebemos essa modificação anunciada quando, no capítulo anterior, comparamos os usos em 1995, através do *Diálogo de Bonecas* e, por exemplo, o glossário do livro de Pelúcio (2009). A insistência no caráter secreto do dialeto parece mais relacionada à necessidade de delimitar uma identidade grupal. A necessidade de

⁷⁶ A rede social referida é o Facebook. Criado em 2004, é uma plataforma de interação virtual e compartilhamento de conteúdo.

interação com agentes públicos também permanece sendo um elemento na negociação dos usos do dialeto:

[...] hoje como as travestis e a população de mulheres transexuais, talvez até os homens trans, estejam muito mais em evidência, estejam muito mais procurando as políticas públicas necessárias, não abriam mão do bajubá, mas elas entendem que para dialogar nesses espaços em que são constituídas as políticas não se fala de bajubá lá, se fala exatamente da forma mais usual. E que bom que as travestis podem fazer isso hoje. Que elas podem se comunicar tanto através do bajubá como podem dialogar com a sociedade que está lá fora da forma que a sociedade entende. Então eu acho que isso é um ganho. (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

O discurso de origem do bajubá relacionado à necessidade de proteção do grupo, principalmente em relação à repressão policial no período da ditadura civil e militar, e nos primeiros anos da abertura política, como apontou Keila Simpson no início dessa sessão, parece ser consensual entre as travestis entrevistadas. Ao associar o dialeto ao uso da navalha, Keila Simpson possibilita pensá-lo em sua origem, atrelado a vivências das travestis nas ruas, na prostituição:

O bajubá era usado exatamente para dialogar entre a gente sem que ninguém compreendesse o que a gente estava falando. O bajubá era mais ou menos uma fuga, como a gente utilizava se cortar contra a polícia. Quando a gente usava gilete para se cortar não era porque a gente era violenta. A gente nunca cortou ninguém na rua com gilete, com raras exceções. A gilete era para nos cortar e não irmos presos. Então quando a gente usava gilete na boca na década de 70 e 80 não era para cortar, não era para atacar as pessoas. Era pra gente se automutilar e a polícia não prender. O bajubá vem nesse mesmo contexto, o bajubá vem exatamente pra gente poder dialogar entre a gente algumas coisas. Para uma proteção.⁷⁷

Keila Simpson e Jovanna Baby anunciaram outros sentidos para dizer do universo das travestis em que a prostituição é tomada como o lugar de criação e circulação da linguagem:

Na minha formação de prostituta, que sou ainda hoje, o bajubá foi muito importante na década de 70 e 80. A gente vivia aquele tempo recém-saído da ditadura, recém-saído não, a gente estava ainda. Eu cheguei a Salvador muito jovem, com 13 anos de idade, por volta dos anos 80, 82 por aí, e ao me deparar a primeira vez com o bajubá eu entendi que era uma forma da gente dialogar que tinha duas estratégias: uma era para que a gente entendesse e pudesse falar sem que a polícia, que era muito repressiva naquele período, entendesse o que nós falávamos, era um dialeto nosso. E a outra estratégia era para que, se a gente pudesse então, de algum modo furtivo, fazer algo de diferente com o cliente, no quesito de ganhar um pouco mais, de ganhar dinheiro, de uma forma mais furtiva ganhar dinheiro, a gente também podia

⁷⁷ Fala realizada por Keila Simpson na mesa redonda “Por que(m) lutávamos em 1995? Do enfrentamento da epidemia da aids à reivindicação de um espaço na política institucional”, durante o VII Encontro Regional de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro, na Universidade Federal de Uberlândia, 22/10/2016.

se comunicar dessa forma. Então eu acho que o bajubá foi importante nesse sentido. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017).

Na verdade o bajubá é de vivência da rua. Quando eu cheguei no Rio de Janeiro, nos anos 80, eu fui para a rua, porque não tinha mercado de trabalho, nunca teve, ainda hoje não tem. E isso a gente aprendeu na rua e era uma estratégia de diálogo entre as travestis, justamente pra poder se proteger dos ataques da sociedade, das investidas da polícia, para uma mona avisar a outra "desaquênda que os alibã tão na onda", quer dizer, "corram que os policiais estão chegando". (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

Keila Simpson e Jovanna Baby recuperaram o contexto de enunciação e circulação do bajubá: as ruas de prostituição. Foram as travestis que estiveram em posições de precariedade, desprotegidas frente à atuação violenta e arbitrária da força policial, mas também eram elas que deste lugar marginal exerciam suas contravenções, quase nunca submissas em relação aos clientes. O bajubá era também um recurso para excluir um terceiro, no caso o cliente. O que ele não poderia saber? Perlongher afirma que o contrato na prostituição "parece feito para ser transgredido" (PERLONGHER, 1987, p. 254), o bajubá aparece aqui como um elemento acionado para escapar do contrato ou alterá-lo.

Esse caráter constituinte do bajubá, o de ser um dialeto da rua, nem sempre é considerado um traço vantajoso, sobretudo porque se associa essa linguagem com a marginalidade, os territórios de prostituição, zonas e precariedade. A fala de Amara Moira, descrita abaixo, corrobora a percepção de Pelúcio, citada no primeiro capítulo, em relação às interdições do uso do bajubá entre as travestis que de alguma forma reivindicam distinção: as *tops* devem falar outros idiomas, porém não devem falar o bajubá. Uma *top* deve evitar o bajubá, pois é uma linguagem dos "espaços de exclusão" e tem origem nas religiões de matriz africana (PELÚCIO, 2009). Para Amara Moira:

O bajubá é muito associado a esses grupos que estão habitando as margens da sociedade. Então, as meninas, as mulheres trans, que de alguma forma conseguiram inserção social, ou mesmo as que estão ainda na prostituição, mas estão um pouco mais elitizadas, conseguiram cobrar melhor, conseguiram trabalhar melhor, em outros lugares, eu vejo que elas tem muitas vezes, tinham pelo menos, uma restrição muito grande em falar essa língua, essa língua da rua, essa língua de outra classe de pessoas. Vejo que elas associam diretamente com travesti, com rua, com marginalidade, prostituição precária, e querem se distanciar dessa língua por conta disso. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

A linguagem faz parte de um conjunto de práticas distintivas (BOURDIEU, 1983), que posiciona o sujeito nas relações socioeconômicas. Essa restrição e recusa em

falar o bajubá diferencia as travestis que ascenderam socialmente, ainda que continuem na prostituição, como apontou Amara Moira, cobrando mais, em locais que não são associados à marginalidade, ou como pontua Gabriela Leite (2008), em sua autobiografia, na “boca do luxo”. Exemplar desta distinção é a relação de Amara Moira com o bajubá. Esta interlocutora aprendeu a língua inglesa primeiro que o dialeto e por se situar em espaços que ainda não são integralmente acessíveis para a maioria das travestis, como a universidade, muitas delas que estão na rua, na batalha, fazem essa distinção:

Quando eu cheguei ao Itatinga [zona de prostituição de Campinas], uma menina virou e falou para mim que eu tinha a cara da riqueza. Ali o bajubá é praticamente a primeira língua para muitas delas, ou uma língua tão natural quanto o português é pra mim. E eu aprendi o bajubá como uma segunda língua. É muito diferente a forma como eu lido, eu não tenho essa espontaneidade de virem às palavras imediatamente. Às vezes eu estou no meio delas e elas estão falando e eu preciso ficar traduzindo os termos, porque eu não internalizei os termos como elas. Eu não sou uma falante fluente, uma usuária. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

No que concerne à relação do bajubá com o iorubá-nagô, língua africana falada nos cultos das religiões afro-brasileiras, todas as interlocutoras afirmaram perceber a relação da comunidade LGBT, especialmente as travestis e mulheres transexuais, com os terreiros de candomblé e umbanda, como já apontado neste trabalho. Para Luciene Jimenez e Rubens Adorno (2009), a gramática iorubá permite a coexistência de corpos híbridos, plurais, uma vez que:

A esta gramática bastante flexível desde o ponto de vista da dualidade sexo/gênero se aliou à religiosidade afro-brasileira, em que alguns deuses e deusas podem possuir corpos e sexualidades muito diferentes daquilo que foi destinado aos santos e às santas cristãs. (JIMENEZ; ADORNO, 2009, p. 362).

Esses/as autores argumentam que a possibilidade de identificação das pessoas trans com as deidades dentro do terreiro propiciou o reconhecimento desses sujeitos em tais espaços. Orientação sexual e identidade de gênero nos terreiros não são balizadores no momento ritual. Portanto, a(s) sexualidade(s) dos/as adeptos/as e sua(s) identidade(s) se tornam irrelevantes.

Essa inclinação que pessoas LGBTs têm pelas religiões afro-brasileiras está também relacionada à restrição com que esses sujeitos se deparam e vivenciam em outras expressões religiosas mais conservadoras. Assim, os terreiros podem se tornar ambientes de acolhimento e aceitação. Carrara et al (2006) constatou em sua pesquisa

na parada LGBT de 2005, na cidade de São Paulo, que o número de adeptos das religiões afro-brasileiras cresceu, se comparado com o Censo 2000, enquanto o número de católicos e evangélicos havia caído drasticamente:

[...] ao comparar a religião em que o(a) respondente foi criado(a) com aquela que frequenta atualmente, o número de católicos e evangélicos cai drasticamente, enquanto o número de adeptos de cultos afro-brasileiros e do espiritismo kardecista cresce. Muito provavelmente, a condenação moral à homossexualidade, que caracteriza as religiões cristãs de um modo geral, tem peso importante para essas trajetórias contrastantes. Não por acaso, verificamos que 22,7% de todo(a)s entrevistado(a)s declararam já ter sido vítima de marginalização ou exclusão em ambiente religioso. (CARRARA et al, 2006, p. 24).

Jimenez e Adorno (2009) acrescentam que o uso linguístico e gramatical próprio do iorubá, em que os pronomes não indicam gênero, possibilita a flexibilidade da linguagem dentro dessas expressões religiosas. Assim:

O recurso linguístico-gramatical propiciado pelo idioma yorubá, somado à cultura religiosa em que gênero não aparece como um organizador central, configuraram um contexto a partir do qual a travestilidade pôde ter sua existência reconhecida e legitimada, fato que seria improvável nas línguas latinas e nas religiões cristãs. (JIMENEZ; ADORNO, 2009, p. 363).

Todas as interlocutoras dessa pesquisa constataram a proximidade entre essas expressões religiosas e a comunidade LGBT, conseqüentemente o bajubá:

[...] a gente tem um largo conhecimento de que essas religiões de matrizes africanas são uma das religiões que mais abraçam a população LGBT, especialmente as trans. A população trans, especialmente de travestis e mulheres transexuais, tem uma aproximação muito grande com o candomblé, especialmente com essas religiões e especialmente com o candomblé. Tem algumas que são mães-de-santo e que estão nos terreiros atuando muito ativamente e acredito que essa aproximação dessa comunidade com esses dialetos africanos e eu estou falando da Bahia especialmente, e o Rio de Janeiro também tinha um componente muito grande dessa questão. Isso fez uma aproximação com a língua falada nos Ilês, pensando na Bahia. Era essa remetida africana, as pessoas que frequentavam esses ilês, essas casas de santo, acabaram um pouco que popularizando essa discussão para o nosso mundo marginal [das travestis], praquela submundo que nós vivíamos, e a gente acabou assimilando então. Obviamente que o discurso do bajubá ele não nasce somente dessa ideia da língua africana, dos orixás, e dos terreiros de candomblés, que tem palavras nela que acho que não estão remetidas a isso. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017)

Vejo sendo dito que as religiões de matriz africana são as únicas que aceitavam pessoas trans, travestis no caso, mulheres trans, principalmente travestis que reivindicavam serem reconhecidas por esse nome. Esse era um lugar onde essas pessoas podiam transitar e tinham acesso então a essas palavras que eram usadas ali naquele ritual, e foram se apropriando dessas palavras para começar a conversar sem que as pessoas ao redor, que não pertencessem à comunidade, entendessem o que estava sendo falado. Então, teve uma questão de ir criando uma língua de segurança, que é algo super

comum, um jargão. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

[o bajubá] É uma mistura de iorubá com criação própria. É uma mistura, uma junção. Muitas coisas que são do bajubá são da linguagem afro, de santo, de terreiro, [uma mistura] com criação própria, de meninas, de travestis, do cotidiano delas. [...] as travestis sempre estiveram muito nos terreiros, nos centros. Então eu acho que seja facilidade de acesso aos terreiros, de aprender o linguajar também facilitou que a gente pudesse incorporar. (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

Se o bajubá se constrói com base no português e influência direta de palavras do iorubá-nagô, proveniente da vinda de negros africanos para o Brasil no período da colonização, há uma relação imanente com raça e etnicidade. Os marcadores de diferença como gênero, classe, raça/etnia e geração se intersectam na composição dessa linguagem.

No que se refere à percepção de uma linguagem em que não há flexão de gênero nas palavras, Amara Moira concluiu que as palavras e expressões do bajubá não têm um gênero delimitado como no português, portanto, existe uma flexibilidade nas categorias. Assim o bajubá é:

[...] uma língua que propõe outra taxonomia, outra classificação das identidades existentes. E é interessante que uma parte considerável das palavras não tem flexão de gênero, por exemplo, dundun, não tem feminino e masculino. Uó, babado, odara. Então é interessante pensar o quanto essa língua se constrói dentro de uma ideia de neutralidade de gênero. Matim, não tem gênero. Talvez nisso comece a se diferenciar um pouco do português, comece a assumir algumas características do iorubá-nagô. Mas é importante marcar aqui, no bajubá, no pajubá, a marcação de gênero não está dada nas palavras, assim como está no português. Os gêneros das palavras só podem ser pressupostos por quem conhece as palavras e não pela terminação que elas têm. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

Esta interlocutora afirma que “o nome é uma das formas de violência terrível”⁷⁸, porque ele fixa, delimita qual a posição do sujeito num sistema em que as relações e os papéis sociais possuem uma gramática. Se a linguagem é performativa, ela investe num corpo a capacidade de ser sancionado como feminino ou masculino. Para Preciado (2014), a tecnologia social heteronormativa é esse conjunto de instituições médicas, domésticas e linguísticas, que tem como função a produção ontológica, invocando performativamente o sujeito como um corpo sexuado. Embora seja importante a construção de uma linguagem neutra como declarou Amara Moira, sobretudo porque a língua portuguesa é marcadamente construída em torno da oposição masculino/feminino, esse sistema de escrituras, que é a existência de um corpo, um

⁷⁸ Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017.

sujeito, não pode se reduzir a uma variação da linguagem, como reivindica Preciado (2014, p. 28) no seu manifesto contrassexual:

A questão não reside em privilegiar uma marca (feminina ou neutra) para levar a cabo uma discriminação positiva, tampouco em inventar um novo pronome que escapasse da dominação masculina e designasse uma posição de enunciação inocente, uma origem nova e pura para a razão, um ponto zero no qual surgisse uma voz política imaculada.

O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições. Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação. Derrida já o havia previsto em sua leitura dos enunciados performativos segundo Austin. Mais tarde, Judith Butler utilizará essa noção de performatividade para entender os atos de fala nos quais as sapas, as bichas e os transexuais viram do avesso a linguagem hegemônica, apropriando-se de sua força performativa.

Portanto, a textualidade e a escritura não podem ser resumidas a resíduos linguísticos. É essencial que as tecnologias de inscrição que as tornam possíveis sejam repensadas, modificadas.

Outro elemento representativo do bajubá percebido pelas entrevistadas foi a variação regional. Em um país de vasta extensão territorial, as variações linguísticas são inúmeras, tanto de região para região, com diferenças nos falares dos diversos estados, como também entre a zona rural e urbana (GÖRSKI; COELHO, 2009). Segundo Keila Simpson, as palavras e expressões podem mudar de acordo com a localidade:

[...] muito embora o bajubá tem esses termos que são bem popularizados em todo o Brasil e até no mundo, nas regiões eles têm conotações diversas e têm termos nas regiões que se você é de uma outra região talvez você não conheça.

Ele foi um dialeto pensado, e aí eu acho que a mágica dele é justamente essa, que nem sempre o que eu falo no Rio de Janeiro, pensando aqui no *Diálogo de Bonecas*, eu estou falando em Salvador e vou falar no Rio Grande do Sul. Tem algumas coisas que elas são específicas e que aquela comunidade trans que estava naquela localidade e naquele determinado período vai falar termos regionalizados.

Por exemplo, no Brasil inteiro a gente chama bicha velha de maricon. No Rio Grande do Sul você não chama bicha velha de maricon, você chama de Irene. Por isso eu estou dizendo, a regionalização é importante, porque se você chega a Porto Alegre e conversa com as travestis bicha velha é Irene. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017).

Ainda que a migração seja uma característica do universo das travestis e de sua linguagem, Keila Simpson expressa que há regionalização, e inclusive reconhece o caráter regional da produção do *Diálogo de Bonecas*, elaborado no Rio de Janeiro. No próximo tópico buscaremos compreender o contexto em que esse documento foi produzido e qual o significado da publicação para as interlocutoras.

3.2 *Diálogo de Bonecas*: políticas de prevenção da aids e a emergência do movimento de travestis

Carvalho (2015) aponta que o movimento de travestis no país surgiu de dois modelos: algumas auto-organizações surgiram em resposta à violência policial, e outras a partir da pauta dos movimentos de luta contra a aids. A associação entre as políticas de prevenção e o movimento LGBT no país revela como o movimento tem se forjado no limiar entre sociedade civil e Estado (FACCHINI, 2009; PRADO; MACHADO, 2014). É nesse contexto das políticas de prevenção voltadas para as travestis e prostitutas na década de 1990 e com a participação das mesmas que o dicionário *Diálogo de Bonecas* se insere.

De acordo com Jovanna Baby, a produção e publicação do *Diálogo de Bonecas* nasceu de uma iniciativa das travestis, dentro do projeto Saúde na Prostituição, do ISER. No seu entender, foram seis as fundadoras do movimento de travestis do Brasil: Jovanna Baby, Jussara Carioca, Jossy Silva, Monique Du Baviê, Elza Lobão e Raquel Barbosa. Assim:

Em uma determinada reunião a gente pensou assim: quando a gente for fazer intervenção, porque a gente fazia a intervenção, distribuição de preservativos e aconselhamento com relação a aids, vamos pesquisar se tem outras palavras que a gente não conhece que as meninas utilizam.

E aí, fizemos [a pesquisa], nas reuniões seguintes: têm palavras novas? Tem palavra que a gente não conhece? E fomos descobrindo e a gente foi relacionando. E depois falamos com a psicóloga que nos apoiava lá no Rio, nas nossas ações, e ela disse assim “se vocês querem eu vou apoiar”, doutora Célia Szterenfeld. (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

Célia Szterenfeld foi uma das coordenadoras do projeto, que fazia parte de um programa maior denominado Prostituição e Direitos Civis, da Área Marginalidade e Autoestima do ISER. O projeto Saúde na Prostituição era:

Voltado para a divulgação de informações sobre a saúde geral da mulher e do travesti, com ênfase na prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a AIDS, o projeto é financiado em parte pelo convênio com o Ministério da Saúde e pela agência de cooperação internacional sueca ABF. [...] (SZTERENFELD, 1992, p. 194).

De acordo com Szterenfeld (1992), em 1991 deu-se início ao processo de recrutamento de mulheres e travestis nos territórios de prostituição para trabalharem no projeto. Esse processo foi realizado através dos contatos que já haviam sido feitos desde 1985:

O critério de seleção deu prioridade a pessoas que trabalhavam ou haviam trabalhado na prostituição e envolvia seu conhecimento das condições de trabalho locais, sua rede de relacionamentos e comunicabilidade, capacidade de identificar os problemas específicos daquela área de entusiasmo do projeto. As agentes de saúde inicialmente treinadas para a divulgação de informação sobre prevenção da AIDS, com ênfase na negociação do uso do preservativo com o cliente, tendo por base os manuais instrucionais (em sua versão especial direcionada à atuação da agente de saúde). (SZTERENFELD, 1992, p. 194-195).

Inicialmente as agentes foram treinadas nas reuniões semanais com a equipe, que buscava esclarecer dúvidas e solucionar problemas relativos aos territórios de prostituição, como violência policial, condições higiênicas no trabalho sexual, e saúde da mulher. Segundo Szterenfeld (1992), a conceituação teórica que orientava o trabalho das agentes de saúde se deu a partir da combinação da literatura, produzida até então, sobre o movimento de saúde popular e uma perspectiva feminista de saúde. O ISER decidia onde cada agente iria trabalhar, conforme os contatos que a pessoa tinha naquela área, sua facilidade em circular pelo território, comunicabilidade e inserção:

Os treze agentes [no ano de 1993] cobrem vinte pontos de prostituição, atingindo cerca de 3000 mulheres e 200 travestis. A equipe é autônoma no seu trabalho. Cada agente recebe por mês um salário mínimo (o que elas/eles ganham num fim de semana) e participa de uma reunião semanal, na sede do ISER, onde trocam experiências, conversam com os coordenadores, esclarecem dúvidas e recebem as camisinhas que vão distribuir entre os colegas de profissão. (CAMPOS DA PAZ, 1993, p. 4).

Jovanna Baby afirma que o dicionário foi criado em 1992 e só foi publicado depois, em 1995. Portanto, o *Diálogo de Bonecas* foi concebido junto com o movimento de travestis no Brasil e produzido pela ASTRAL. A criação da ASTRAL teve apoio do projeto de prevenção citado, Saúde na Prostituição, assim como o dicionário. O projeto “[...] realizava reuniões com profissionais do sexo no Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), local onde passaram a se realizar as reuniões da associação.” (CARVALHO, 2011, p. 27). Segundo Jovanna Baby, o movimento de travestis no país foi oficializado em cartório em 1992 e a aspiração em compreender o dialeto e difundir com travestis de outras localidades já era considerada antes da oficialização da ASTRAL: “E a gente já pensava e já falava esse dialeto. Já ia captando esse linguajar com outras meninas e fomos montando para poder expandir para outras meninas de outros estados, de outras cidades.”⁷⁹. Conforme esta interlocutora declarou no VII

⁷⁹ Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017.

Encontro de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro: a ASTRAL foi a primeira instituição a lançar um dicionário com palavras e expressões do bajubá.

Uma das estratégias do projeto Saúde na Prostituição era a distribuição de preservativos e de manuais que abordavam a prevenção das DSTs/Aids:

No final de 1989 foram produzidos manuais instrucionais sobre a prevenção da AIDS, por uma equipe interdisciplinar que incluía mulheres e travestis da profissão. Tanto a fotonovela (meio escolhido para atingir o público feminino) quanto as histórias em quadrinhos (para homens e travestis) utilizam linguagem sexual explícita nas imagens e diálogos, retratando cenas cotidianas de fácil identificação. (SZTERENFELD, 1992, p. 194).

É nesse sentido que o *Diálogo de Bonecas* se localiza, como forma de acessar as travestis e prostitutas que estavam inseridas na prostituição e eram consideradas grupos de risco. De acordo com o *Manual de multiplicadores – profissional do sexo*, produzido em 1996, alguns pontos eram fundamentais no desenvolvimento do trabalho de prevenção junto às profissionais do sexo: a autoestima, a cidadania e auto-organização, que produzia novas subjetividades em torno desses sujeitos que ocupavam os territórios de prostituição (PELÚCIO, 2007). A produção de material instrucional era vista como um dos elementos basilares na formação de multiplicadores:

A formação de multiplicadores e monitores para prevenção às DST/AIDS entre profissionais do sexo deve ter como suporte material instrucional e informativo, que pode ser obtido através do contacto com diferentes organizações, tanto governamentais como não governamentais. O Programa Nacional de DST/AIDS pode auxiliar na escolha. (BRASIL, 1996, p. 25).

Através do apoio da coordenadora e com financiamento do projeto, a publicação do dicionário pôde se concretizar:

Célia Szterenfeld nos apoiou e o ISER resolveu bancar. Tinha um projeto deles chamado *Saúde na Prostituição* e bancaram o livreto, que também não foi muito caro e aí nós falamos: então vamos começar e vamos utilizar para que mais meninas que ainda não sabem, inclusive tem muitas hoje que ainda não sabem, aprendam para que possam utilizar o dialeto para se livrarem desse preconceito, da perseguição da sociedade. Ainda hoje tem, mas naquela época era muito mais veemente. (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017).

Conforme Jovanna Baby nos informou, a tiragem do *Diálogo de Bonecas* foi entre 100 e 500 exemplares⁸⁰. Quanto à publicação de novas edições, ela relatou que não houve, pois os recursos acabaram e as travestis envolvidas foram cuidar da “sobrevivência, pois a violência estava muito grande no Rio, matando travesti todo

⁸⁰ Não temos informação precisa, uma vez que a lembrança de nossa interlocutora é incerta e no documento não consta esse dado.

dia.”⁸¹ Se o movimento surge em resposta a essa violência, a materialidade da vida cotidiana, em que pesa a sobrevivência, e a dificuldade de se organizarem, construiu barreiras para a articulação da luta das travestis.

A distribuição dos exemplares do *Diálogo de Bonecas* era realizada durante as reuniões do projeto e nas intervenções que as agentes faziam com as travestis nos pontos de prostituição, e também aconteceu durante o ENTLAIDS:

A gente conseguiu no ENTLAIDS dar um pacotinho com 10 para cada instituição presente. Foi um sucesso quando saiu. Todo mundo queria. E nas nossas reuniões, que a gente fazia com as travestis, cada uma recebia e as travestis que não recebiam, a gente ia distribuindo em reuniões futuras. Quem não recebeu naquela, recebia na próxima. Era uma forma de aprender o bajubá, porque o nosso objetivo era que as travestis aprendessem aquilo ali e esse bajubá foi colhido em reuniões anteriores, que a gente já fazia com as travestis no Rio de Janeiro, antes de efetivar o movimento, quando a gente estava pensando em criar o movimento de travestis. (Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

Segundo Szterenfeld (1992, p. 194) o projeto Saúde na Prostituição possuía um alinhamento com a perspectiva regulamentarista da prostituição ao apresentar a defesa do uso do preservativo equiparando-o ao equipamento de proteção individual (EPI) e a possibilidade de infecção por DST/Aids como riscos ocupacionais. A posição adotada no projeto pode ser considerada de vanguarda, pois naquele momento, nem mesmo a prostituição⁸² estava inserida no Código Brasileiro de Ocupações, fato que ocorreu somente em 2002⁸³.

As travestis, assim como as mulheres, foram inseridas e se inseriram na rede de cuidados para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da aids:

À medida que o processo caminha, as prostitutas passam a constituir um grupo de grande ajuda na prevenção da AIDS, funcionando como educadoras de seus clientes, gerentes, colegas de trabalho, companheiros e outros, que por sua vez também passam as informações adiante, atingindo um universo de cerca de cem pessoas por semana. (SZTERENFELD, 1992, p. 201).

Campos da Paz (1993, p. 8), em entrevista com a coordenadora do projeto, concluiu:

Célia Szterenfeld, coordenadora do Projeto, está convencida: “As prostitutas são as melhores educadoras que pode haver, não só para a prevenção da

⁸¹ Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017.

⁸² O debate sobre a prostituição, regulamentação e seus desdobramentos é contemporâneo no Brasil e tem Ana Paula da Silva, Thaddeus Gregory Blanchette e Adriana Piscitelli como pesquisadores referência na área.

⁸³ Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/CLASSIFICA%C3%87%C3%83O-BRASILEIRA-DE-OCUPA%C3%87%C3%95ES-MEC.pdf>

AIDS, mas para as doenças sexualmente transmissíveis também. Temos contato toda semana e vemos que cada vez elas têm mais paciência para explicar por que se deve usar camisinha. E ainda fazem um trabalho informal durante suas horas de ‘expediente’, com os atendentes dos bares, o pessoal das boates, os clientes: todos viram multiplicadores em potencial”.

Embora Amara Moira desconhecesse o documento físico *Diálogo de Bonecas* e até mesmo informações sobre sua existência até o contato com esta pesquisa, o reconhecimento tácito da relação da ação como estratégia de enfrentamento da epidemia sugere que o emaranhamento da história das travestis e o impacto das ações de prevenção formam consenso neste universo:

Por conta da epidemia de HIV, o Estado foi detectar quais eram os locais, quais eram os grupos que precisavam ser considerados para conter a epidemia, e aí eles detectam, descobrem, se dão conta, que o grupo de travestis é um grupo essencial para pensar o combate a epidemia. E para chegar nesse grupo você precisa aprender a falar a língua desse grupo. Então, é possível que isso daqui [se referindo ao *Diálogo de Bonecas*] tenha uma ferramenta dupla, um funcionamento duplo. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

A duplicidade referida pela entrevistada parece referendar o argumento, anteriormente apresentado, de que a proposta de elaboração do *Diálogo de Bonecas* seria, por parte dos/as agentes do projeto, uma tentativa de compreender o dialeto falado mais do que divulgá-lo entre as travestis. Durante a entrevista, Amara Moira utilizou uma experiência pessoal para ilustrar como a circulação do bajubá também adentrou o espaço do cuidado em saúde e pode ser lido como uma estratégia de acolhimento:

Quando eu fui lá [CRT/SUS]⁸⁴ e falei do problema que eu tinha na época, a primeira pergunta que a doutora me fez foi se eu faço *chuca*⁸⁵. Olha que interessante, ela já vem na minha língua. Vem querendo com isso dizer: "Eu falo a sua língua. Eu te entendo, eu te respeito. Aqui você está segura." Isso foi muito bonito. De um lado um médico que tem medo de encostar em mim [se referindo a uma experiência vivenciada em uma consulta através de seu plano de saúde], me recomenda que eu procure um proctologista especialista na minha opção, e de outro lado, a médica que me atende já falando em pajubá, em bajubá. Foi algo muito interessante, e isso mostra que para que pessoas trans e travestis possam acessar os serviços de saúde é preciso que esse sistema se transforme e aprenda a nos tratar com respeito. Nos tratar com respeito de alguma maneira vai significar entender a nossa língua e saber falar a nossa língua. (Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017)

⁸⁴ “O Centro de Referência e Treinamento-DST/AIDS-SP (CRT-DST/AIDS) é uma unidade de referência normativa, de avaliação e de coordenação do Programa Estadual para Prevenção, Controle, Diagnóstico e Tratamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)”. (Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/centro-de-referencia-e-treinamento-dstaids-sp/crt/sobre-o-crt>).

⁸⁵ *Chuca* é uma expressão do bajubá, sinônimo da palavra enema, que é a introdução de água pelo ânus, para limpeza do intestino.

A compreensão de que a circulação do dialeto pode contribuir para o acesso e a qualidade do cuidado em saúde para as travestis parece produzir como efeito a demanda de que o *Diálogo de Bonecas* seja novamente editado, como aponta Amara Moira: “Mas me entristece ter ficado uma iniciativa tão pontual, limitada, e que não tenha registros disso hoje.”⁸⁶ Perspectiva corroborada por Keila Simpson, que compreende inclusive que a iniciativa deveria ser uma atribuição do governo, especificamente do Ministério da Saúde, uma vez que a violência seria um dos agravos que levaria as travestis aos serviços de saúde, bem como a necessidade de prevenção e tratamento das DST/Aids.

Se considerarmos que a aids produziu um pânico moral (MISKOLCI; PELÚCIO, 2009) e formas refinadas de exercício do controle de população (FOUCAULT, 1979), a publicação do *Diálogo de Bonecas*, inserida no contexto da década de 1990, foi uma estratégia que pode ser situada em linhas de fuga. A renúncia ao segredo do dialeto, da linguagem secreta, permitiu que outros/as pudessem acessar o universo das travestis. Essa suposta concessão se reveste de agência ao exigir reconhecimento, e assim ser inserido num circuito discursivo privilegiado.

Pelúcio (2011) discute os mecanismos de autonomia e assujeitamento que demarcaram, e seguem demarcando, a relação entre as travestis e os/as agentes responsáveis pela elaboração e execução das políticas de saúde e convida a antropologia para colaborar na relação entre o sistema oficial de saúde e as travestis:

Acredito que, para se entender a relação das travestis com a aids e com o sistema oficial de saúde, é preciso que se pense o fenômeno da travestilidade a partir da proposta antropológica de ouvir o que as pessoas têm para dizer de si mesmas. E, a partir daí, buscar o potencial analítico das categorias classificatórias que servem para descrever os outros e a si mesmo. (PELÚCIO, 2011, p. 83).

Compreender o sentido atual do bajubá e o processo de surgimento do *Diálogo de Bonecas* pode ser um caminho a ser trilhado rumo a outra possibilidade de intervenção, em que se considere as travestis e o dialeto como pessoas dotadas de autonomia cuja singularidade de percepção do mundo atravessa também o processo de saúde-adoecimento-cuidado.

Ao articular o passado (momento de elaboração/divulgação do *Diálogo de Bonecas*) e o presente (seu primeiro contato com o documento), Amara Moira também se deteve na expressão “mona de equê”⁸⁷. Ela recupera suas leituras de autobiografias

⁸⁶ Entrevista realizada com Amara Moira, em São Paulo, 02/12/2017.

⁸⁷ Mona de equê, conforme o *Diálogo de Bonecas* significa mulher de mentira.

de pessoas transexuais para demonstrar como os termos estão em disputas, porém atribui ao movimento social uma agência que pode ser questionada em seus próprios termos. A utilização de termos e percepções por pessoas trans para nomearem sua experiência, ancorados principalmente nos discursos médicos, aponta para um lugar de saber-poder, debatido por Leite (2008) e Teixeira (2013).

Entre (des)encontros e divergências sobre a circulação e a composição do bajubá, um consenso foi se construindo durante a pesquisa: a necessidade de uma nova edição do *Diálogo de Bonecas*. A reedição firma, em certo sentido, uma aliança entre o movimento e a academia, em uma noção de reciprocidade: retribuir o que o movimento proporcionou à academia e aos/as pesquisadores/as, uma vez que o bajubá se constitui como um elemento expressivo na e da história das travestis brasileiras.

Muito embora não é uma biografia da nossa história, da nossa vida, o bajubá tem refletido a história de cada uma de nós que está aí, que usou, que usa esses termos e de outras travestis que chegarão, porque elas vão utilizar, ou então se elas forem utilizar daqui dez, vinte anos o bajubá, de entender que tinha esse contexto: que se as travestis não tivessem usado esse artifício pra se comunicar em alguns contextos elas seriam muito mais violentadas. (Entrevista realizada com Keila Simpson, em Uberlândia, 16/09/2017)

Para mim o *Diálogo de Bonecas* representa um dos maiores marcos de afirmação de que nós existimos e que podemos resistir. Para mim é isso! Porque nessa década, nessa época, ninguém queria saber de travesti, nem o próprio movimento, porque o movimento gay sempre nos segregou. Nós que fomos lá e dissemos: nós existimos, temos até dialeto próprio. ((Entrevista realizada com Jovanna Baby, em Brasília, 28/11/2017)

Desaquiendando o bajubá: considerações finais

Entre os compassos e descompassos na construção desta dissertação sabemos que as pesquisas em torno dessa linguagem não se encerram aqui. Este trabalho abre frestas para que pesquisas futuras também façam circular e compreender o bajubá.

O tempo da academia nunca é o tempo da pesquisa, ela continua reverberando no/a pesquisador/a mesmo depois de o texto ser entregue. Também diz respeito a um momento anterior, pois o interesse pelo tema não nasceu há dois anos, já era devir muito antes de ser formulada a investigação, quando a capacidade de transgressão e potência da linguagem era descoberta.

As observações assistemáticas no universo das travestis se iniciaram junto à docência, no cursinho Transpondo ENEM, em Uberlândia, e tomaram rumos inicialmente não esperados. O objetivo primeiro era o de utilizar o espaço do cursinho para realização da pesquisa. No entanto, a partir da revisão bibliográfica e a descoberta do *Diálogo de Bonecas*, que se tornou nosso documento referência, a reformulação do trabalho de campo se fez necessária. Os espaços em que transitamos no universo das travestis durante a realização da pós-graduação tornaram-se o nosso campo e, por intermediação da professora Flávia Teixeira, estabelecemos contato com as interlocutoras da pesquisa, especialmente as militantes que fundaram o movimento de travestis e transexuais no país.

Finalizamos este trabalho com a certeza da necessidade de uma nova edição do *Diálogo de Bonecas*. Uma edição revista e ampliada, com os termos validados entre as travestis e numa ação que conta com parceiros/as das universidades, já identificados/as por Jovanna Baby e Keila Simpson nas entrevistas.

As travestis reivindicam a invenção desse dialeto e, claro, percebemos a necessidade e a potência de um trabalho coletivo que através do processo de (re)construir o documento possa também contribuir para autonomia delas. Acreditamos que a linguagem performa a realidade, portanto, as travestis podem, num outro contexto de criação, reinserir o debate sobre seu universo, os segredos e as escolhas, sem a necessidade de “produzir um documento para agentes da intervenção”.

O reconhecimento e institucionalização da comunidade LGBT, especificamente das travestis, fizeram com que a linguagem, antes secreta, fosse revelada. Se essa revelação mostra um agenciamento, evidenciando avanços, também sinaliza que o processo de institucionalização do grupo ofereceu riscos quanto à

transformação e difusão da linguagem. Isso é apontado, por exemplo, quando em um primeiro momento algumas das entrevistadas demonstraram resistência em participar da pesquisa, porque isso sugeria que o bajubá seria ainda mais exposto.

Com base nos contextos apresentados nesta dissertação percebemos duas conjunturas iniciais de utilização e (re)significação do bajubá: a epidemia da aids e a violência policial. Em ambas as situações o bajubá se configurou ora como linguagem de trincheira, de proteção, ora como linguagem de enfrentamento, de disputa, em que os dois contextos formaram/formam um campo de batalha.

A revisão bibliográfica demonstrou a recorrência do uso do bajubá ao mesmo tempo em que denunciou o descaso com que a academia problematizou a linguagem das travestis como um dos elementos de sociabilidade. Esse silenciamento parece apontar para a dificuldade que as travestis possuem de serem consideradas inteligíveis. Invisíveis no principal documento que constrói as diretrizes da política de enfrentamento à epidemia da aids, incompetentes para as relações afetivas (sempre marcadas pela desconfiança da exploração), e desconsideradas até mesmo quando falam, criam uma linguagem.

A partir da revisão bibliográfica também percebemos a estreita relação da comunidade LGBT e do bajubá com as religiões afro-brasileiras. Ainda que essa conexão seja afirmada por muitos/as autores/as, não foi nosso objetivo nos debruçarmos sobre a cosmogonia e as relações hierárquicas nos terreiros de candomblé e umbanda. No entanto, reafirmamos como já citado no primeiro capítulo, que se por um lado as religiões afro-brasileiras podem romper, em alguns aspectos, o padrão heteronormativo, por outro, também podem reforçar esse modelo e a divisão sexual do trabalho, como por exemplo, no modo como são determinadas habitualmente as atribuições dentro das casas de candomblé. Dessa maneira, embora esses espaços possam ser acolhedores para a comunidade LGBT, algumas divisões que se referem a papéis construídos historicamente como femininos e masculinos podem ser reiteradas dentro dos terreiros (TALGA, 2013).

Se a linguagem, e mais especificamente a língua, é o lugar por excelência de inscrição do poder (BARTHES, 1978), há uma força subversiva e um potencial político no uso do bajubá. Ainda que em alguns momentos essa linguagem possa reforçar modelos e estereótipos, sua potência subversiva se mostra na jocosidade em relação ao modo de vida heteronormativo e conservador, rindo e quebrando os contratos tácitos do que é estabelecido como normal, problematizando os processos de normalização ao

incorporar questionamentos do grupo que desestabilizam as posições dos sujeitos nas relações de poder.

As diferentes apropriações do bajubá, suas modificações, novas palavras e expressões, outros nomes, classificações, características e contornos nos diferentes documentos apontam para sua pulsação no universo LGBT. O que é essa linguagem hoje pode dar lugar a outras formas desses sujeitos serem ouvidos/as, em contextos diversos, construindo novos/as sujeitos/as, nov@s sujeit@s, novxs sujeitxs, modificando as posições de enunciação, sacudindo e embaralhando as tecnologias da escritura do sexo e do gênero (PRECIADO, 2014).

Ainda que necessário, sabemos que comportar essa linguagem na escrita é insuficiente, porque o bajubá não é falado só através da boca, mas também pelos gestos, peles, poros, suor, cartografias dos corpos e desejos, e fala de celebração, resistência, margens, fronteiras, ocupação, subversão, em suas incessantes revoluções moleculares (GUATARRI; ROLNIK, 1996).

A linguagem também é uma forma de contar sobre si mesmo. O bajubá como uma linguagem das travestis brasileiras diz sobre a história delas e do movimento. Ainda que este trabalho ofereça limitações sobre esse aspecto, é necessário refletir sobre como a construção e circulação deste dialeto oferece recursos para (re)pensar as memórias das travestis e da comunidade LGBT no país, historicamente silenciadas e invisibilizadas.

Destacamos a importância do bajubá e de seu registro como parte da história das travestis brasileiras. Esta forma de conhecimento híbrida e transcultural pode ser definida não apenas na acepção tradicional, mas também como forma de “cumplicidade subversiva” (GROSFOGUEL, 2008). É na perspectiva de um pensamento de fronteira que o bajubá é trazido nesta dissertação, pensando novos lugares, a partir dos quais essa linguagem possa ser (re)significada.

Referências

AGUIÃO, Sílvia. **“Aqui nem todo mundo é igual”**: cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro. 143f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. **Do Arouche aos Jardins**: uma gíria da diversidade sexual. 170 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

AMARAL, Marília. **Essa boneca tem manual**: práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes. 163 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ANTRA. **Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais em 2017**. 2018. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/01/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra6.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2018.

ARAUJO, Gabriela Costa; SILVA, Tamires Barbosa Rossi. Transpondo o ENEM: educação como prática para a liberdade. **Anais do IV Simpósio Nacional Gênero Interdisciplinares**: faces e interfaces da violência de gênero, UFG: Catalão, 2016. p. 67-82. Disponível em: https://dialogus.catalao.ufg.br/up/502/o/vers%C3%A3o_final_Textos_Anais_IV_SINA_GI_2016_-_06.12.16_-_Ficha_adicionada.pdf. Acesso em: 10 nov. 2017.

BABY, Jovana. **Diálogo de Bonecas**. Rio de Janeiro: ISER/PIM, [SD]. 1995.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Elementos de semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BIRMAN, Patricia. **Fazer estilo criando gênero**: estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ed. UERJ, 1995.

_____. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevoo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n.2, 2005. p. 403-414. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200014>

BORBA, Rodrigo. Interconexões entre linguística aplicada e práticas de atenção à saúde: linguagem e identidades na prevenção de DSTs/Aids entre travestis profissionais do sexo. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, 2011. p. 1369-1400.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana Cristina. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, maio-agosto/2008. p. 409-432.

BORBA, Rodrigo. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo, RS. v. 9, n. 1. jan.-jun. 2015. p. 91-107.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 26, jan-jun. 2006. p. 329-376.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro: UERJ, NAI, n. 18, 2004. p. 27-53.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz. Trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. **Manual do Multiplicador - Profissional do Sexo**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 37 p.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, 2002. p. 155-167. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>

_____. **Lenguaje, poder e identidad**. Tradução de Javier Sáez y Beatriz Preciado. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. IN: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Trad. Rogério Bettoni. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CAMPOS DA PAZ, Mariza. **Agentes de saúde, agentes de cidadania**. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Silvia; SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. Política, direitos, violência e homossexualidade. **Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CARRIJO, Gilson Goulart. Poses, posses e cenários: as fotografias como narrativas da conquista da Europa. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 20, v. 2. , maio-agosto. 2012a. p. 525-538.

_____. **(Re)apresentações do outro**: travestilidades e estética fotográfica. 315f. Tese (Doutorado em Multimeios). Programa de Pós-graduação em Multimeios, Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012b. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000877231>. Acesso em: 1 abr. 2017.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **Que mulher é essa?** Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. 149f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **“Muito prazer, eu existo!”**: visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil. 261f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CÈSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010[1950].

CUETO RÚA, Santiago. Demandas de justicia y escrache en HIJOS La Plata. **Trabajos y Comunicaciones**, n. 36. 2010. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/18085>. Acesso em: 27 dez. 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência. 167f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010[1961].

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras**: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 323f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

_____. Entre compassos e descompassos: um olhar para o 'campo' e para a 'arena' do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**: Revista de Estudos Gays, Natal: EDUFRN. v. 3, n. 4. p. 131-158, jan./jun. 2009.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 485-492, jul/set 2013.

FERNANDES, Florestan. Ciências sociais: na ótica do intelectual militante. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n.22, 1994. p. 123-138. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000300011>

FLORENTINO, Cristina de Oliveira. “**Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher...**”: etnografia sobre travestis em Porto Alegre. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. A linguagem ao infinito. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Estética**: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 47-59.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50. ed. Recife: Global Editora, 2005.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. Prefácio. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p. 9-15.

FUSARO, Karin. **Gírias de todas as tribos**. São Paulo: Panda, 2001.

GALLI, Rafael Alves. **Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo**. 212f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2013.

GONÇALVES, Kary Jean Falcão. **As contribuições linguísticas dos povos de religião de matriz africana na formação da linguagem de homossexuais em Porto Velho – Rondônia**. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem). Programa de Pós-graduação em Ciência da Linguagem. Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2010.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, fev. 2009. ISSN 1984-8420. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73>. Acesso em: 12 jan. 2018.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Editora UNESP: São Paulo, 2000.

GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo. São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp. 2005. p. 25-38.

GROSGOUEL, Rámon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, n. 80, p. 115-147, mar. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 02 dez. 2017.

GIUMBELLI, Emerson. “Minorias religiosas”. In: TEIXEIRA, Faustino Luis Couto; MENEZES, Renata de Castro (Orgs.). **As religiões no Brasil – continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares; Francisco Rüdiger. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

JAIME, Jorge. A gíria homossexual e o crime. In: _____. **Homossexualismo masculino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora O constructor, 1953.

JAYME, Juliana. **Travestis, transformistas, transexuais, drag-queens: Personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 33, Dec. 2009. p. 343-367. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2018.

KRAICZYK, Juny. **A bioética e a prevenção da aids para travestis**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Bioética) Programa de Pós-Graduação em Bioética, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LACERDA JÚNIOR, Luiz Francisco Buarque de. *Camp* e cultura homossexual masculina: (des)encontros. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2287-1.html>. Acesso em: 27 dez. 2017.

LACOMBE, Andrea. A arquitetura do desejo: gramáticas espaciais e socializações lésbicas. **Sexualidades**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-47, 2009.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LEITE, Jorge. **“Nossos corpos também mudam”**: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. 230f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LODY, Raul. Dialeto criado pelos travestis da prostituição para se defenderem dos ataques sofridos. In: BABY, Jovanna. **Diálogo de Bonecas**. Rio de Janeiro: ISER/PIM, [SD], 1995. p. 2-3.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MARCUS, George. O que vem (logo) depois do ‘PÓS’: o caso da etnografia. **Revista de antropologia**, São Paulo, USP, v. 37, p. 7-34, 1994.

_____. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimento de La etnografia multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal, México, v. 11, p. 11-127, 2001.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)**. 212 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977[1947].

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2014. p. 66-80.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 2, 2009. p. 150-182.

_____. O armário ampliado - notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, 2009. p. 171-190.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. A prevenção do desvio: o dispositivo da Aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro. n. 1, 2009. p. 125-157.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-748, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300725&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 mai. 2018.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo, 2016.

NASCIMENTO, Taiane Flores do; COSTA, Benhur Pinós da. As vivências travestis e transexuais no espaço dos terreiros de cultos afro-brasileiros e de matriz africana. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, n. 38, jul./dez. 2015. p. 181-204. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/29075> Acesso em: 10 dez. 2017.

NASCIMENTO, Taiane Flores do. **Os terreiros de cultos afro-brasileiros e de origem africana como espaços possíveis às vivências travestis e transexuais**. 103f. Dissertação (Mestrado em Geociências). Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2016.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro: UERJ, n. 2, 2009. p. 121-161.

NHA, Angélica F.; Costa, Marcos A.; MARTELOTTA, Mário E. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Leandro. **Gestos que Pesam**: Performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares. 123f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVIEIRA, Matteus Freitas de. **Princesas do sertão**: o universo trans entre o espelho e as ruas de Feira de Santana-BA. 268 f. Dissertação (Mestrado em Geografia).

Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Neusa Maria de. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, dez. 2005. p. 217-248. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 dez. 2017.

_____. Três casamentos e algumas reflexões: Notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, jan. 2006. p. 522-534. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000200012/7763>. Acesso em: 29 nov. 2017.

_____. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

_____. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, mar. 2011. p. 76-85. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2017.

PERES, William Siqueira. **Travestis brasileiras**: dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá, 2015.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. Das línguas africanas ao português brasileiro. **Afro-Ásia**, n. 14, Salvador, 1983. p. 81-106. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20822/13423>. Acesso em: 05 mai. 2016.

_____. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

PRADO, Marco Aurélio M.; MACHADO, Frederico. V. “Muito além do arco-íris: a constituição de identidades coletivas entre o Estado e a Sociedade Civil”. **Annual Review of Critical Psychology**, n. 11, 2014. p. 151-170.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: HUCITEC/ EDUSP, 1991.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014. 223p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-razionalidad. In: BONILLO, Heraclio (Org.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, p. 437-449.

REYNOSO, Carlos. **El surgimiento de la antropología posmoderna**. México: Gedisa, 1991.

ROCHA, Rita Martins Godoy; PEREIRA, Débora Letícia; DIAS, Thaísa Magna. O contexto do uso de drogas entre travestis profissionais do sexo. **Saúde e Sociedade**, USP (Impresso), v. 22, p. 554-565, 2013.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 2007[1978].

SALES, Adriana. **Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus de Rondonópolis, 2012.

SANTOS, Ailton da Silva. O gênero na berlinda: reflexões sobre a presença de travestis e mulheres transexuais nos terreiros de candomblé. **Anais III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, UFBA: Salvador. 2013. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/O-g%C3%AAnero-na-berlinda-reflex%C3%B5es-sobre-a-presen%C3%A7a-de-travestis-e-mulheres-transexuais-nos-terreiros-de-candombl%C3%A9.pdf>. Acesso em 20 jul. 2017.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagôs e a Morte**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SANTOS JÚNIOR, Orocil. **Bichonário**: um dicionário gay. Salvador: Ed. do Autor, 1996.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, jan-jun, 2007. p. 19-54.

SILVA, Hélio. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ISER, 1993.

_____. **Travestis entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p. 39-178.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro. De bajubá em bajubá, onde será que vai dar? apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA. **II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte**, 2010, Belém. CD Virtual da II SBS Norte, 2010.

SILVA, Mateus Lôbo de Aquino Moura e. Casa-grande & senzala e o mito da democracia racial. **39º Encontro Anual da ANPOCS**, 2015. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt28/9704-casa-grande-e-senzala-e-o-mito-da-democracia-racial/file>. Acesso em: 01 fev. 2018.

SILVA, Tamires Barbosa Rossi. **Experiências multissituadas**: entre cursinhos trans e ativismos: quais narrativas, que cidadania é essa? 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (Orgs.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do homossexual ao movimento LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIQUEIRA, Mônica. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SONTAG, Susan. Notas sobre Camp. In: SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. Movimento gay e imprensa no Brasil contemporâneo: o Lampião da Esquina (1978-1981). **XXVII Simpósio Nacional de História**: Conhecimento histórico e diálogo social, Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayeiimprensanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf. Acesso em: 28 nov. 2017.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 1, mai. 2000. p. 69-100. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12320>. Acesso em: 01 jan. 2018.

SZTERENFELD, Célia. Prostitutas: de transmissoras a educadoras. In: PAIVA, Vera (Org.). **Em tempos de AIDS**: viva a vida: o sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológico aos portadores. São Paulo: Summus, 1992. p. 193-201.

TALGA, Jaqueline Vilas Boas. **Eu estou nos Axés**: relações de hierarquia e reciprocidades estabelecidas nos Candomblés. 219f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 31, dez. 2008. p. 275-308.

_____. Armadilhas da (re)solução: (in)visibilidades na construção do processo transexualizador. **Série Anis**, Brasília, 2009, v. 68, p. 1-11.

_____. Juízo e Sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália. In: Adriana Piscitelli; Glaucia de Oliveira Assis; José Miguel Nieto Olivar. (Orgs.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas, SP: Pagu, Unicamp, 2011, p. 225-262.

_____. **Dispositivos de dor: saberes poderes que (con)formam as transexualidades**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso; ROCHA, Rita Martins Godoy; RASERA, Emerson. Fernandes. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. (Orgs.). **Discursos Fora da Norma deslocamentos, invenções e direitos**. São Paulo: Annablume, 2012, v. 1, p. 155-178.

VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina**. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

_____. Entre “reais” e “virtuais”: noções sobre risco e verdade em um clube brasileiro para crossdressers. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 44, jan-jun. 2015. p. 367-390.

VILLANI, Maycon Lopes. **Para não ser uma bicha da favela: uma etnografia sobre corpo, sexualidade e distinção social**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

WITHAKER, Edmur de Aguiar. Prostituição masculina. Estudos biográficos dos homossexuais (Pederastas Passivos) da Capital de São Paulo: Aspectos de sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”. **Arquivos de Polícia e Identificação**, v.1. São Paulo, 1938.

APÊNDICE I

Quadro 1 – Palavras do glossário da monografia de José Fábio Barbosa da Silva, *Homossexualismo em São Paulo*, e seus respectivos significados

Palavras e expressões	Significado
Aparecer	Também utilizado com as palavras surgir, desabrochar.
Assoprar a vela	Desenvolver intercuro anal com uma outra pessoa, no sentido passivo.
Babalú	(abjetivo) Homossexual ativo ou prostituto que se serve da venda de favores sexuais para homossexuais como parte da sua fundamentação econômica.
Bem servido	Aquele que em um grande pênis, usualmente utilizado no sentido apreciativo, mas em alguns casos negativos, principalmente se insinua adismo durante a relação sexual.
Bicha	Em gíria homossexual, um sinônimo para <i>perobo</i> . Pode ser usado muitas vezes com o mesmo sentido depreciativo, e nesse contexto implica alto grau de julgamento apreciativo negativo. Pode ser utilizado, no entanto, no sentido afetivo, dependendo da ênfase e das pessoas a que se refere no contexto da situação.
Bicha Louca	Em geral, classifica os indivíduos que agem agressivamente de modo efeminado. Empregado também como “loucas”, referindo-se ao grupo que demonstra atitude ostensiva homossexual, especialmente na “caça”, como passivos. Utilizado ainda para destacar o interesse na caça, especialmente durante uma reunião homossexual, em uma situação em que existe uma possibilidade disso.
Boneca	Um homossexual passivo atraente; implica juventude, mas não necessariamente; (adjetivo) usado de maneira afetiva por um homossexual em relação a um amigo homossexual passivo.
Caçar	Procurar um parceiro sexual para relação sexual, aproveitar todas as oportunidades potenciais dos indivíduos que passam; também se refere àqueles que usam um automóvel para tal ação; olhar com desejo um parceiro sexual em potencial, ou a uma outra pessoa para uma possível relação sexual.
Cachê	Raro, utilizado quando um jovem

	homossexual é financeiramente amparado por um velho, rico e homossexual, como retribuição a favores sexuais ou outras afeições.
Capa	A capa de pele que cobre um pênis sem circuncisão.
Caso	Par de amantes que vivem maritalmente.
Cata-cavaco	Coito com o comparsa passivo semi-suspenso, apoiado nas pernas e braços.
Chapeleta	A parte superior e mais sensível do pênis, também, e especialmente, quando essa parte é naturalmente descoberta, isto é, sem fimose.
Chupão	Uma marca, usualmente roxa, em geral encontrada no pescoço ou nos ombros, ocasionada por excessiva sucção, o que denota contato sexual íntimo.
Chupar	Realizar a ação de chupar, especialmente a genitália; sinônimo de telefonar.
Cunillingus	É interessante apontar que esta palavra é utilizada para indicar a performance de <i>anaclictus</i> .
Debut	Também usado nas formas debutantes ou debutando; apresentação ao grupo homossexual como tal; aparecer pela primeira vez como homossexual; ser responsável pela primeira experiência sexual; que liga um indivíduo à minoria; fazer um indivíduo consciente da sua orientação sexual.
Desfilar	Demonstrar em público o interesse pela possível relação sexual; mostrar-se como homossexual passivo em público com interesse na caça; <i>desfilar</i> , no sentido tradicional, em <i>travesti</i> , numa festa homossexual.
Divino ato	Coito entre pessoas do mesmo sexo, especialmente entre homossexuais.
Ela	Um dos pronomes utilizados deliberadamente em alguns grupos homossexuais (especialmente entre aqueles mais efeminados) para referir-se a homossexuais que têm características do sexo oposto. No entanto, é utilizado em outros grupos para referir-se a homossexuais em geral e especialmente passivos; pode ser também utilizado afetivamente entre homossexuais passivos de uma mesma <i>clique</i> .
Enrustido	Um homossexual, usualmente efeminado, que é acanhado, elusivo, e que não desenvolve relações íntimas com outros homossexuais.
Esmeralda	Assim como Maria, Elisabeth etc., nomes

	utilizados afetivamente por um homossexual e relação a outros membros da sua <i>clique</i> .
Fazer figura	Esforçar-se para conquistar um parceiro; utilizado particularmente em relação ao homossexual que está tentando encobrir a sua posição passiva; em geral ligado ao processo de <i>passing</i> .
Francês	Realizar felação ou cunilíngua; também usado para pessoas que preferem esses tipos de relação sexual.
Frango assado	Coito com o comparsa passivo deitado de costas com as pernas levantadas.
Gilete	Bissexual
Macho	Aquele que apresenta aparência ou caráter masculino, ou desempenha o papel masculino; é utilizado principalmente em relação a homossexuais masculinos, quando se refere á falta de feminilidade; uma pessoa que também apresenta as características de um homem; é utilizado também com referência às lésbicas.
Mala	O volume destacado da genitália masculina sob calças, maiô ou bermuda, expressão utilizada para referir-se ao tamanho do pênis; o mesmo que <i>pau, vara</i> .
Marido	No “caso”, é aquele que assume os maneirismos mais masculinos e as responsabilidades, obrigações e papeis socialmente classificados como sendo do marido nas relações sexuais formais na sociedade inclusiva; o outro membro da dupla é chamado ou classificado como mulher; os termos podem ser usados para referir-se a uma dupla homossexual que vive maritalmente.
Menina	Um homossexual adolescente ou aparentemente jovem; semelhante a “galinha”, termo utilizado entre heterossexuais; quando empregada entre heterossexuais, ou homossexuais ativos em relação a um homossexual passivo, ou efeminado, indica interesse sexual.
Mercado	Lugar de reunião de homossexuais, usualmente onde mais frequentemente se apresentam possibilidades de parceiros para relações sexuais.
Mexericar	Vide fazer <i>tricô</i> .
Mulher	Parceiro “feminino” de um caso; também utilizado para indicar um homossexual passivo.

Na vida	Ser homossexual, participar de atividades homossexuais, ou estar frequentemente em contato com homossexuais; membro da subcultura homossexual.
Néctar	Ou “divino néctar”; esperma, ejaculação.
Noite de teste	Ou “mil e uma noites”, ou teste, uma relação sexual que dura apenas uma noite ou menos, mas caracterizada pelo fato de os participantes serem completamente estranhos antes do evento e não terem nenhum interesse de se encontrar depois; pode ser também utilizado positivamente em relação a um evento que inicia uma relação sexual durável.
Onanismo	Fazer <i>croché</i> .
Papai-mamãe	Coito deitado; o indivíduo ativo deita-se sobre o passivo.
Peixão	Essencialmente um termo heterossexual, que tem sido utilizado entre homossexuais com sentido aproximado; refere-se a um desejado heterossexual, ou homossexual ativo, especialmente quando este demonstra características altamente valorizadas pela minoria.
Peixinho	Pouco comum; refere-se a um jovem homossexual, especialmente passivo, que surgiu recentemente na minoria e que por suas qualidades físicas tem apresentado bons prospectos.
Perobo	Arcaico. Designação de um homossexual, especialmente passivo, por um heterossexual; não utilizado por membros da minoria.
Quebrar a louça	Manter relação semi-sexual (marginal) com outro indivíduo reconhecidamente homossexual; também utilizado para expressar atitudes negativas em relação a um parceiro homossexual do qual o indivíduo não recebeu a satisfação imaginada.
Rainha	Líder de uma <i>clique</i> , especialmente aquele que demonstra poder em uma <i>clique</i> classificada socialmente nos níveis superiores aos da maioria; indica também uma relação de subordinação a um líder ou uma indicação expressa de poder de tal líder.
Salão de chá	Um banheiro público masculino.
Sessenta e nove	Felação mútua
Telefonar	Felação.
Terminar	Ejacular; finalizar o coito; também utilizado para expressar o número de vezes que aparece a ejaculação durante o coito.
Tia	Um homossexual, geralmente efeminado;

	<p>muitas vezes indica aquele que persegue jovens; pode ser usado também em sentido geral; pode ser compreendido como sinônimo de simpático, demonstração de amizade. Outras vezes, por ênfase, indica uma atitude pejorativa.</p>
Travesti	<p>Indivíduo que usa roupas femininas para exibição da orientação valorativa do grupo homossexual; também utilizado no sentido depreciativo por um homossexual dissimulado em relação a um ostensivo.</p>
Traseiro	<p>Indivíduo desejado por outro para intercuro anal.</p>
Trenzinho	<p>Atividade envolvendo três ou mais homens, cada um tendo relação sexual com pelo menos um outro simultaneamente.</p>
Tricô, fazer	<p>Uma longa conversa entre homossexuais, especialmente passivo, assuntos de interesse sobre a cultura da minoria, principalmente mexerico de atividades do grupo minoritário.</p>
Vaselina	<p>Qualquer lubrificante utilizado para realização a atividade sexual.</p>
Veado	<p>Indivíduo efeminado e geralmente ostensivo; um termo em geral usado no sentido pejorativo, implicando antagonismo por parte de quem o usa.</p>
Vida	<p>Ver <i>na vida</i>.</p>
Volta ao mundo	<p>Contato com a língua durante a experiência sexual com um parceiro do mesmo ou oposto sexo; tal contato é feito sem reservas sobre o corpo.</p>

Fonte: Elaboração própria a partir de Silva (2005).

APÊNDICE II - Roteiro de entrevista

1) Militância

- a. Idade
- b. Está vinculada a alguma instituição, associação, ONG, grupos, etc. atualmente? Se sim, qual?
- c. Ocupa alguma função nessa instituição/associação? Se sim, qual?
- d. Caso não ocupe nenhuma função em instituição, associação, ONG, entre outras, em quais espaços de militância você se insere?

2) Origem e uso do bajubá

- a. Como você conheceu o bajubá?
- b. Existe algum outro nome dado ao bajubá que você conheça? Se sim, qual o nome mais conhecido?
- c. Você saberia dizer qual a origem desta linguagem?
- d. Você vê alguma relação entre o bajubá e as religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda?

3) Dicionário

- a. Você conhece o *Diálogo de Bonecas*? Documento publicado em 1995 pelo grupo ASTRAL?
- b. O que você pensa sobre a publicação do dicionário *Diálogo de Bonecas*?
- c. Das palavras do *Diálogo de Bonecas* quais você classificaria como sendo do bajubá e quais não seriam do bajubá?
- d. Podemos classificar o bajubá em palavras que são mais usadas para falar sobre um determinado assunto? Por exemplo, sobre práticas sexuais? Se sim, quais classificações você acha possível a partir do *Diálogo de Bonecas*?
- e. O que pensa sobre a publicação de dicionários com as palavras e expressões do bajubá? Conhece algum outro?

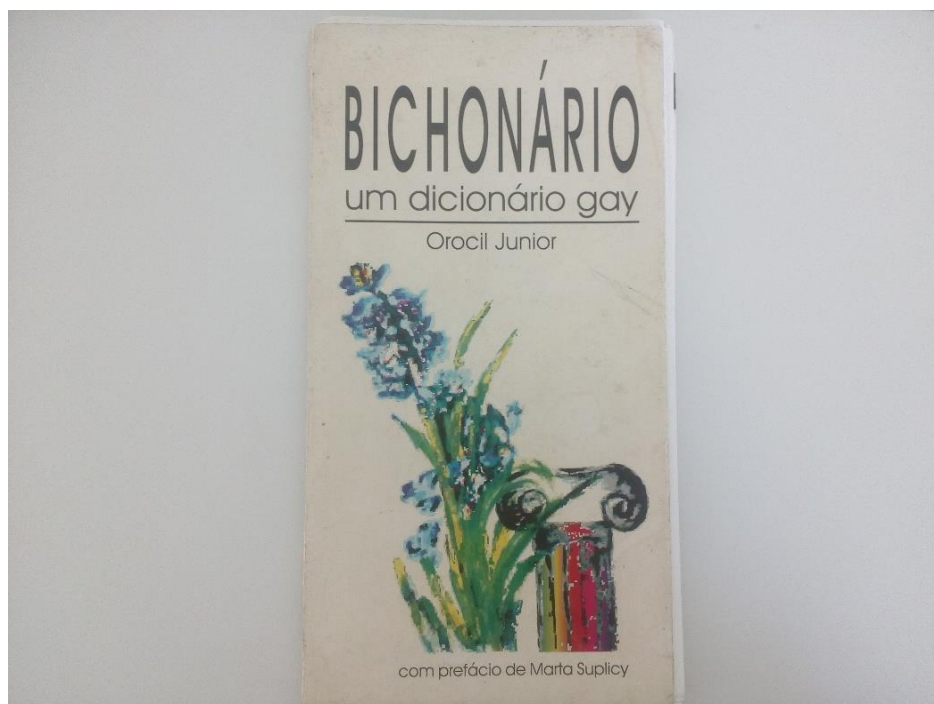
4) Significados e popularização

- a. Você acha que o bajubá está popularizado? Se sim, o que você pensa sobre a sua popularização?
- b. A que você acha que se deve essa popularização?

- c.** Quais significados podem ser acionados através dessa linguagem?
- d.** O bajubá ocupa alguma posição de importância na vida das travestis brasileiras?

Anexo I

Foto da capa do livro de *Bichonário: um dicionário gay*, de Orocil Santos Júnior, com a flor de Jacinto e as cores da bandeira LGBT



Anexo II

Anedotas do livro de *Bichonário: um dicionário gay*, de Orocil Santos Júnior

RAPIDINHAS

TÁ DE SHORTINHO, TÁ DE SHORT CURTINHO...

- Alô!
— Alô!
— É a Bebete?
— Ooooooi, viado, que voz grossa é essa? Tá querendo enganar quem, traveca?
— Ooooooi, mona, pensei que era um ocô, tinha que fazer a linha, né? Afinal, uma cara é uma cara, não é um balaio de maxixe. Onde vai ser a forte pista de hoje?
— Que pista, goreba?
— Não me diga que a de lá não sabe? A “noite do short curtinho do ano”, no Adé Aló!
— Uuuuuui, que fecheção! Não vou perder mesmo! Que horas vai ser a ferveção, mona?
— Meia-noite estaremos todas lá: bofonecas e machudas, franchonas e maricotas. O que vai ter de bofe bilacudo!!!
— Não tem pra você hoje, Zira! Vou com meu forte shortinho e anda saio de lá com uma mala odara!
— Vá, fia, vá com um short bem matim, matim. Você vai fechar! Só vai dar a senhora, a boa, a melhorzinha, a apertada!

Meia-noite, pontualmente, a entrada do Adé Aló estava fervendo. A Rua Carlos Gomes parecia uma passarela de moda gay. As drags, ultramontadas, subiam e desciam, todas no salto 14 e blush bofetada. Os viciosos só olhando e galinhando no maior arerê.

Os viadinhos estavam no maior luxo, com cada vestido maior do que o outro. A Baby Babú, mesmo, estava com um que o rabo batia no Pelourinho. De repente, parou um taxi bem na porta e dali desceu a Bebete, já tomando a primeira churrria: a bicha, maluca, caiu no agá da mona e veio com um short 2 x 2 prateado e minúsculo. A primeira baixo-astral já gritou de lá:

RAPIDINHAS

— Meu amooooor, criatura, pelo amor de quem matou Maria Helena, você veio em-cima-do-salto pra pagode, foi? Onde vai ser a hype, no Cruz Vermelha?

— Não venha não, viado! Meu cu pra você! Eu já estou aqui virada no cabelo de Judite e no cotovelo de Onofre. Aquela galirinha, a brechó de morotó, me falou que a festa era do “shortinho do ano” e eu cáí feito uma pata doída!

A festa parecia ter iniciado na porta da boate. Lá dentro, o bafafá já tinha corrido, que a fechação tava comendo solta na entrada. Pronto, foi aquele tititi. Dava pra ouvir até o salto das bichas correndo nas escadarias pra vir ver o zumzumzum. O bafão foi tanto que a peruca de Samantha chegou antes dela, nas mãos de Laleska que, malucodonor, berrava:

— De quem é esse mucunã? De quem é? Tem alguma bicha careca aí?

A bicha só parou de procurar quando viu a Bebete, quase nua naquele shortinho-Gerasamba. Tomou um susto tão grande que quase caiu dura e tesa:

— Viaaaaaado, quem foi que te botou nesse esparro, que sujou seu nome no viadeiro?

— Foi a Jaburu da Priscilla, aquele xixarro podre, nojento, a papa-pica da Baixa dos Sapateiros... Mas vai ter troco, cadê ela?

O silicone de Bebete subiu pra cabeça quando ela viu chegando um carro do ano, com um bofe dez. Quem estava dentro? A Priscilla, que soltou montada em um vestido que dava três voltas na Avenida Sete!

— Boa noite, good night! Que muvuca é essa? A chachacha já começou?

— Não tem chachacha certo, vai ter aqui é uma chacina, bicha horrorosa, escarradeira de Pronto-socorro, latrina de bar da Barroquinha. O que foi que eu te fiz, bicha despeitada?

— Não venha não, viado pão com ovo! Quem é você, bombril, pra querer ariar mais do que eu? Diga logo que você tá oco, não tem aquié nem pra ajeum e que não

RAPIDINHAS

podia fazer um forte modelo, pegou o único que tinha no ilê e deu nisso: a miniatura do estrupício. Agora, euzinha é que sou culpada?

— Taco taraco, taco, raspinha do meu tabaco, você não me disse no telefone, criatura, que a festa era do shortinho?

— Eeeeeu, meu amor? E eu lá falo com bicha lapética? Diga logo que eu te vi na Lavagem do Bonfim com esse short ridículo, “quebrando” na boca da garrafa com seu michê carne-podre, igual a jegue enfeitado. Esse shortinho aí é do tempo que a Lavagem não tinha nem trio-elétrico...

A essa altura, Bebete estava era maluca-do-cu de raiva. A vontade que ela tinha era dar um forte rayban na cara da outra. Quando Priscilla sentiu a intenção, correu primeiro e se embolou com a feiosa no chão, bem na hora em que o corre-corre dos alibãs havia chegado.

— Tá todo mundo preso, falou o popó, soltando o papapum para o alto.

Foi tanto que quando ele olhou para baixo, cadê bicha? Só tinha um bocado de saltos altos quebrados, perucas, pulseiras, batons, hóstias, um retrato de Maurício Mattar rasgado e, no canto, Bebete e Priscilla, que acabaram na delegacia, levadas de camburão.

— Tá vendo, Bebete? Sua escandalosa! Tinha precisão?

— A culpa foi sua, monstra!

— Ainda bem que eu estou aqui, mas vou pra cela linda e maravilhosa, com meu forte vestido!

— Ah, eu também! O meu não é esse monte de pano, mas pelo menos não estou nua!

— Todas as duas, tirem a roupa, que o pau vai comer!, gritou o delegado.

— Ai, meu Deus, e agora? Me faça um chá, me bâte um abacare, seu delegado - apavorou-se Priscilla. Foi o fim. Três horas da manhã e nem vestido nem shortinho: as duas monas, no xadrez, de peruca e cueca, chorando abraçadas:

— Tá vendo, viadinho bom-bom-bom, ainda não é trapo e já quer ser guardanapo!!!

RAPIDINHAS

CREPÚSCULA AINDA DÁ NO COURO

Sábado de tarde, ia ter o maior arerê no salão da Dinda Crepúscula. A bicharada marcou um encontro para cataçar um pouco. Primeiro chegou a Marlinda Marley :

— Oi, tia. Como está a área aqui hoje? Já apareceu muito bofe para ajeitar os mucunãs ?

— Não, só umas rachadinhas pela manhã . O movimento tá fraco. Tô achando você assim..., tomou um banho de pirelli ?

— Oobbbaa, alguém notou! Fiz a linha. Que tal, dá pra aprontar muito? Botei um forte pirelli, minha filha, pro michê.

— É, ficou dzarm. Me dei. E aí, tem feito muito ?

— Ai, ai, ai, Dinda. Ainda tô meio di-zo-zó de tanta galinhagem. Eh, mas a maioria foi raphthura. Umazinha aqui, outra ali...

— Também dadeira e güelón do jeito que você é. Cuidado para não ficar qua-qua-quá..., viu, viado!

— Ih, xocotô berulô...Você suba e desça e me reconheça! Mas, Dinda, nem te conto! Uaaaau, foi um escândalo ! Teve um babado lá no Adé-Aló que deu de tudo: grelão, po-po-pó, barbies, dum-dum, uns michezinhos lá da Piedade e o viadeiro todo do Pelô.

— E depois da miséra que fizeram lá no Pelô ainda sobrou alguém ? Os calibãs deram churria em todo mundo...

— Ih, nem me fale dessa quizila. Todo mundo tá fazendo pista em Cajazeiras, menina. É, foi aleijo sério. Ficou assim de bicha dizozó no dia...: eu corri de lá, tô pescando em Jaguaribe...

— É, lá é que é lugar de bicha ladrona!

— Olhe, viado, te joga na parede e te chamo de lagartixa. Te abro e te fecho e te chamo de gaveta, hein!

— Tá, mulher, esqueça! Mas, dinda, tô aqui um pouco noiada. Nos últimos dias eu fiz sem hóstia...

RAPIDINHAS

— Marlinda Marley !!! Tava era maluca-do-seu-cu que nem se lembrou ? Olhe, quando a poderosa lhe pegar não venha pra cá chorar no meu ombro.... Tanto que eu lhe avisei, bicha !!

— Eh , mas meu santo é forte. Ela nao vai me pegar !

— Oxalá !!! Opppaa. Fim de papo ! Vem chegando um bofe daqueles... Vou deixar o mucunãzinho dele a coisa mais linda deste mundo....

— Eh, vai com calma, olha a idade, tia...

— Não vem não, que eu ainda dou muito no couro. E de mais a mais pra que existe fazer frentinha, gravação, curirica... Eta, vem outro bofe ali... e a bicharada já tá chegando também. É hoje que eu boto a beer!!!

UMA DESCOBERTA ESCANDALOSA !

Andava pela praia sem rumo, meio po-po-pó. Ia tentar pescar um pouco mas a maré não estava pra peixinho-do-mar.

Sentou-se nas pedras pra enrolar um guimba.

— Mona, Mona Lisa, uuhuuuh , é você, viado ?

Mona olhou para trás e quase cai : a bicharada toda da Carlos Gomes vinha chegando, na maior viadagem. Fez a linha Alice Kátia :

— Oi, traveca, quem são essas florzinhas ?

— É a Jerusa confusa! Vai dizer que você nunca roçou com nenhuma delas ? Olha que mentir é uó !

Aí a bicharada chegou e Leninha foi logo falando com Mona :

— Oi, flor. Nunca mais apareceu pra aprontar, hein? Teve alguma quizila por lá ?

— Eeeuuu, na Carlos Gomes? Eu sou de última, cheira-rola!

RAPIDINHAS

— Ah, você tá com muita viadagem. Tá pensando o que, nega ? Que é a melhorzinha ?

— Ih, travecas, o que é isso? Eca. Viemos aqui pra fazer ou pra brigar? É melhor vocês pararem com essa frescurada toda senão daqui a pouco chegam os muleques e vai ter ileotria.

— Fofa, não ligue pra Leninha, não. Ela tá meio po-po-pó já faz mais de mês. Sabe como é, foi se dar com um bofe, fizeram, virou caso, aquele auê, aí veio a Pâmala Catarina e deu a zefa nela . Botou a beer pro mulequinho, ficou de pegação no Liceu, caiu de quatro por ele, o menino ficou cliente e nunca mais teve notícias. Depois disso, Leninha só vive assim, passada...

— A Pâmala!!! Deu a elza no bofinho da Leninha! Mas que bicha ó do bobó! Mas você nem sabe o que aconteceu com ela !

— O que foi, irmã, conta, conta, que meu edy tá até coçando de curiosidade! Não me diga que pegaram ela fazendo sabão com um sargento!

— Pior, viado, pior. O oco foi de fechar com a outra!... Passa a taba que eu te conto...

TODOS OS HOMENS DE KIKI BABALU

Francisquinho era figura certa, toda noite, no viadeiro. Molinha, molinha, viera para Salvador fazer vida com 16 aninhos, depois de tentar aviar as coisinhas em Santo Antonio de Jesus com os priminhos, com o filho do prefeito e até com Marquinhos, um bofinho quina que tinha fama de encantar, com seu ocani, todas as hypes da cidade, alegrando o pistão da bicharada.

Mas Chiquinho não dera sorte. Retrato de Tom Cruise na carteira de couro, não se deu mais com a churria dos muleques quaquaquás do interior e resolveu que já era

RAPIDINHAS

idade de ferver e passar de galetto a dadeira. Bye bye pra mamãe, língua feia pro papai, blush bofetada da irmãzinha na mochila, foi morar em Salvador com o primo, Samantha Derrière, travesta poderosa que haveria de lhe arranjar um bofe bilacudo e romântico e sincero e sexomaníaco e que não fosse nenhum michezinho rastaquêira, ah se ia!

— Oi, primo... tem lugar aqui pra mim no ilê? Larguei tudo e vim pra vida. Você me ajuda?

— Xixarro maluco! De que planeta você veio, ET, para dar na minha cara? Suba e desça, meu amor. Se ainda fosse um bofinho, um sorvete pra me refrescar de vez em quando na maresia!

— Ô, mona, deixe! Eu não aguentava mais só siribunda e desmaio, curirica e crise nervosa, siricu e chororô...

— Tá bom, tá bom, bicicletinha sem guidon. Eu deixo, mas faça a linha honesta, viu, fia? Nada de dar a zefa em meus erês, nada de bombão com bofe acm, nada de galinhagem com Anderson, meu caso, nada de ...

— Tá bom, tá bom, dinda. Nada de nada. Alice Kátia daqui pra frente, né? Mas você me promete uma coisa, Samantha?

— Desembucha, criança, O que é?

— Me arranja uma foto do Jacaré do Gerasamba? Ai, só de pensar já me dá um tchan...

...

O “débur” de Chiquinho, que o viadeiro logo batizou de “Kika Babalu”, foi na Festa do Trânsito, no club mais badalado da city: laçarote vermelho na testa, “nem encoste que o cliente tá do lado”; fitinha verde, “pode aviar que eu tô desimpedido”; laço amarelo, “tô assim, assim, só tirando de tempo, mas se rolar...”. Kika, que estava pra aprontar, não se deu e foi de verde da cabeça aos pés, tal qual uma periquita maluca.

Logo na portaria do mitiê, os olhos da bicha grudaram no microfone do segurança, um armário do tamanho do mundo. Samatha, que era poc-poc, já estava aboletada no camarim das colegas, dando uma de catarina e puxando

RAPIDINHAS

um guimba pra ficar malucodonosor. A Kika, coitada, ficou ali sonhado: “uma boa gravação, um beijinho, bota a identidade, uma raphura, duas, três, doze, vinte, tô casada!, deixei as loucas batidas com meu ocó...”. Ficou tão na nóia com as pernas do “seu” bofe que quando acordou, tava no-ar, sozinha, que a rave estava comendo no centro e ela nem tinha percebido. Sem desistir, saiu igual a uma pata doida atrás do segurança mas, quando viu, já era tarde: Agnaldo, o sonho da mona, passara ao seu segundo papel da noite. Ele era agora Naiata Schindler, traveca ultra-montada, pronta para abrir o show previsto para logo mais.

— Samantha de Deus, criatura, eu ia me apaixonando por uma barbie!

— Geladeira sem porta, TV sem imagem, rádio sem som, ferro sem engomar, tava doida, era? Homem, minha filha, é o que não falta aqui e você vai logo investir na Naiata? Se corte ! Me dê 50!

— Eu não desisto, priminha. É hoje ou nunca. Vou ali aquiendar um muleque que só tá me filmando...

O muleque de Kika era um michezinho farofa que, apesar de adornar o pulso com uma xuxa vermelha, sinal de perigo, estava realmente de olho fixo no modelón canavial da Kika Babalu, louco pra ganhar o da semana.

— Olá, como vai, eu vou indo, e você, tudo bem?, disparou a Kika, desafinando a viola do Paulinho com sua língua presa.

— Oi, bichona, frente e verso é 50. Topa? A goiaba, oca que só ela, não perdeu a pose. Fazendo a linha laurinha, detonou :

— Quem é você, bombril, pra querer ariar mais do que eu ? Pois saiba que a de cá não carece disso. Por exemplo, você conhece Edson Celullari?

— Aquele, da Globo?

— Pois é ... , se deu, me achou dzarm e fez... Eu fecho e engulo a chave, meu bem !, falou Kika em mais um de seus devaneios.

— Tá bom, então se saia, maluca, que eu vou procurar uma que não seja de quinta. Desaqüende, que não dou o

RAPIDINHAS

não dou o bombão com lapética.

Pois não foi nem naquela noite nem em mais nenhuma nos três longos meses seguintes que Kika conseguiu um bilau. Ia a festas todos os dias, tomou coral de vicioso na Barroquinha, se montou, botou o pirelli, tomou uma forte maquiagem de um cafezinho no Pelourinho, passou no GGB e saiu com dez hóstias de graça, escreveu para Porta da Esperança, se deu com o vigia noturno do Paes Mendonça - quando viu, era crente - e até hoje não pode ouvir “Xô, Satanás”, que lembra do homem. Gente, a Babalu fez tudo que podia pra encontrar o povinho bamerindus. Qual o quê, a quizila tava com a bicha.

Anderson, mesmo, o caso da prima Samantha, já estava na maior tirania com Kika: afinal, o que era mesmo que aquele perobo tava fazendo, outro dia, com sua foto, chorando e ouvindo o CD de Amado Batista? Samantha, quando soube, deu a maior ileotria:

— Cordão da minha calçola, alça do meu caixão, taco taraco taco, raspinha do meu tabaco, qui qui qui, quá quá quá, gilete de me raspar, vá aqüendar o bofe da sua mãe, exu balangandã!

Não teve outro jeito. Sem casa, sem mala, sem nem um boquete feito em Salvador, o jeito que tinha era travar de novo e voltar pro interior... , quem sabe Marquinhos não galinharia a coitadinha?

Quando já ia entrando no buzu, quase que cai dura e tesa. À sua frente, aquela escultura olímpica, deus dos deuses, o bíceps já era o próprio pinto entumescido. Não precisa nem dizer que a mona ficou dizozó. Como se fosse a última chance de sua vida, se encheu de coragem e atacou, dando uma de Jerusa Confusa:

— Como vai você, assim como eu, uma pessoa comum, filho de Deus?

— Prazer, meu nome é Patrícia, mas pode me chamar de Tião. Vamos a uma reunião do Grupo Lésbico da Bahia?

ERÊNDIRA, CEM ANOS SEM SOLIDÃO

Em um dia que prometia, lá estava ela, sentada em seu pequeno caixote, com a mão estendida, fazendo a linha pão-com-ovo:

— Um aqüé, um aqüé pra de cá, um aqüezinho meu tio...

Enquanto a bicha se esgoelava, pedindo a todo mundo que passava, Mona Lisa e Lisa Mona encaravam o maior pistão por ali, pra ganhar o da semana. Quando viram a pobre da Pâmala, naquela de horror, deram um jeito de melhorar o astral do viado:

— Irmãzinha querida, como é que foi o babado no castelo do Pedrão? Comeu alguém, fia?

— Mulheecer!! Foi dez, dez, dez! Um escândalo. No início só tinha teresa e raquel, o que deu um certo rebuceteio, mas depois foi um hype só. Chegou tanto bofê sena que eu não sabia se sentava, se caía, se levantava, se me ria... Menina, a boa aqui foi ficando tão doidia que quando viu tava trocando língua com um taxi boy, cliente de uma maricona lá. No que eu vi, dei logo uma ileotria nela: te manca, ridícula! O menino se deu com a boa, básica e necessária aqui, meu bem!

— Viado, e eu perdi essa bababadência? E o michê, mona, era bom?

— Menina, eu me acabei!

— E por que você tá aqui, criatura? O gostoso deu a quebrança, foi?

— Você não sabe de nada... Euzinha da silva, oca mas em cima do salto, fui fazer a linha laurinha pro bofê. Levei pro ap de meu irmão, que tava de viagem com a rachada dele e aí fiz a festa. O muleque já foi sentando no puff da cunhadinha, uma mão no controle remoto do cd, outra na coleção de vodca polonesa do maninho. Eu de cá só mirando o microfone do muleque. Caixa de charuto

RAPIDINHAS

cubano, queijo mineiro, o roupão moleton de meu irmão correr na orla, eu dizendo que era meu..., quer dizer, que era nosso...

O bofinho foi se empolgando tanto e eu mais ainda. Eu já falava de minhas inúmeras viagens a Cancún, às Ilhas Seychelles, o vectra que eu dei pro meu último caso. Menina, eu tava dando uma bandeira tão maluca...

— Oxe, bicha, de onde você tirou esse diabo de ilha? Acho que você nunca foi nem na Ilha de Itaparica...

— E eu ia dizer isso pro menino, mulher? As Ilhas Seychelles não eram aquelas dos meus sonhos eróticos com o nariz do Collor?

— Cheira-rola, você é de última! Eu já tinha esquecido desse babado. Seu negócio agora é com o nariz de Carlinhos Brown, né?

— Ai, ai, ai, não é fofo? Ai, Carlinhos... Sim, mas deixe eu contar meu arerê, traveca! Quando eu vi, o menino era dono do pedaço. A geladeira, viado, ele deixou só com duas garrafas d'água. Vazias! Eu acho que ele tava há tanto tempo sem pegar um rango que dava pra ser garoto-propaganda da campanha do Betinho! Menina, ele ainda me achou de aparecer ultra-montada, com o lingerie vermelho da cafona da cunhadinha rachadinha e chatinha...

— O quê????? Ele era mona também?

— Não, mulher. Diz ele que era fantasia... Mandou eu fechar os olhos e se picou pro quarto pra voltar com uma roupa bem sexy, que ele disse que eu ia ficar malucado-cu só de olhar.

— E aí, voltou?

— Voltou, claro, bicha. O fofo me volta cheio de corrente, cadeado, chicote, coleira de punk, prego, corda, o arsenal masoca todo, que ele encontrou no armário do travado do meu irmão.

— E te deu a maior chimba?

— Stop now, Alice Katia! Você é desatualizada mesmo, né? Que nada, ele começou a me amarrar, me prender com as correntes e o cadeado...

— E você deixou, sacrista?

RAPIDINHAS

— Ô, era com tanto carinho...

— Mas, viado, já vi tudo!

— Cê não viu foi nada. Nem eu, bicha, que ele me passou o pluft e quando acordei, toda babada e com o olho cheio de remela, cadê bofe, cadê queijo, cadê cd? Meu Deus, a coleção inteira do Roberto Carlos de minha cunhada, uma fita demo do GeraSamba, do tempo em que eles ainda abusavam os vizinhos com batucada na Federação... A tv de minha cunhada ver o taxi do Gugu, viado, ele levou. Levou os charutos, cigarro, levou a lingerie, levou sofá, levou vídeo... Mulher, o miseráve não deixou nem o sabiá de meu sobrinho... Eu acho que ele não levou a cama porque eu tava deitado.

— O rapidão cometa, não foi, fia?

— E não foi, menina! Aí, já viu, né? Tive que ligar pros Bombeiros pra vir me tirar daquelas correntes. Viado, foi uma churria...

— E deu pra aviar alguma coisinha com os soldados?

— Mulher, eu naquela situação ia olhar pra bombeiro? Suba e desça, viado!

— Desculpe, mona, é que eu tenho a maior tara por cassetete...

— Você é de quinta, guaxeba.

— E aí, mona, o que é que deu?

— O que é que deu? Eu é que tô tendo que dar a 10, 12 por noite pra pagar a meu irmão o prejuízo. Ele disse que se inspirou em Gabriel Garcia Marquez e que eu era uma tal de Erêndira tupiniquim. Eu, hein? Me deixe!